

# **CENTRO** **SP**

**Uma sala de aula**

Experiência modelo de aplicação do conceito de bairro-escola em São Paulo

## PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Prefeito: Gilberto Kassab  
Secretário Subprefeituras: Andrea Matarazzo  
Subprefeito da Sé: Amauri Pastorello  
Coordenação de Projetos Educativos: Professora Olga Maria Arruda Gonçalves  
Equipe: Mariza Zanaroli Bonavoglia e Sergildo José dos Santos

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/subprefeituras>

## COMGÁS

Superintendente de Comunicação: Bruna Millet  
Investimento Social Privado: Maria Gisela Gerotto  
[www.comgas.com.br](http://www.comgas.com.br)

## ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Presidente: Miguel Pereira Neto  
Diretora Geral: Natacha Costa  
Diretora Pedagógica: Helena Singer  
Coordenação do Centro de Formação: Lilian Kelian  
Educadores: Claudia Frazão e Bia Goulart  
[www.aprendiz.org.br](http://www.aprendiz.org.br)

## CASA REDONDA

Direção Executiva: Minom Pinho  
Direção de Produção: Jasmin Pinho  
Coordenação de Produção: Amanda Ferreira Gomes  
Coordenação Administrativa: Neide Bispo dos Santos  
[www.casaredonda.com.br](http://www.casaredonda.com.br)

Agradecimentos aos colaboradores Cláudia Donegá, Hodiléia Maura, José Américo Sampaio Neto (Zelito), Judith Terreiro, Karen Harari, Marcia Godinho, Marcia Pereira Borges, Maria Carolina Dias, Michel Metzger, Renata Carneiro, Sueli Soares dos Santos, Valleria Tanure, Vera Lucia Vicenciato Romani, Vera Caetano, Yael Sandberg.

Agradecimentos especiais aos parceiros da comunidade, às escolas, aos educadores e aos cidadãos-aprendizes que tornaram possível a realização do programa.

# CENTRO SP

## Uma sala de aula

Experiência modelo de aplicação do conceito de bairro-escola em São Paulo

Uma iniciativa:



Patrocínio:



Consultoria Pedagógica:



Produção Executiva:



**Editoras:**  
Renata Borges  
Minom Pinho

**Assistente Editorial:**  
Amanda Ferreira Gomes

**Concepção e Textos:**  
Bia Goulart

**Revisão:**  
Maria Luiza Xavier Souto

**Projeto Gráfico:**  
Elaine Habara  
Minom Pinho  
Rogério Arruga Baptista

**Editoração e Finalização:**  
Elaine Habara  
Rogério Arruga Baptista

**Ilustrações:**  
Bia Goulart

**Fotografias:**  
Acervo do programa  
O Centro É uma Sala de Aula



1ª edição – dezembro de 2008  
Todos direitos reservados à  
Editora Fundação Peirópolis Ltda.  
Rua Girassol, 128 Vila Madalena  
05433-000 São Paulo/SP  
Tel.: 11 3816-0699  
Fax: 11 3816-6718  
vendas@editorapeiropolis.com.br  
www.editorapeiropolis.com.br



Casa Redonda Prod. de Eventos  
Culturais Ltda.  
Rua Medeiros de Albuquerque,  
Número 95, sala 1  
Jardim das Bandeiras  
05436-060 São Paulo/SP  
Tel.: 11 3814-9195



Filiado a Libbre  
Liga Brasileira de Editoras





## O Centro Tornou-se uma Sala de Aula

Quando fui convidado para gerenciar a região central, em 2005, como subprefeito da Sé, me vi diante de um bairro com uma excepcional riqueza de patrimônio, tantos lugares, repletos de história, de cultura e de saber. Uma das frentes da missão de revitalização do Centro atribuída a mim pelo então prefeito recém-eleito, José Serra, foi ocupar esses espaços, no primeiro significado da palavra – trazer vida. E vida jovem. Levar as pessoas ao Centro de sua cidade.

Se o objetivo era atrair pessoas de regiões distantes, desafio tão interessante quanto este era trazer os cidadãos que já moravam no Centro, porém não o conheciam, não sabiam das oportunidades que seu bairro poderia lhes proporcionar, além de desenvolver atividades educativas com os estudantes da região.

Por um lado tínhamos à nossa disposição inúmeros equipamentos e espaços públicos reunidos na mesma região e, por outro, havia o fato de que na época não existia um programa de pós-escola adequado para os cerca de 13 mil alunos da rede municipal do Centro. Faltava apenas planejamento para que eles se apropriassem de fato daqueles locais que, afinal, lhes pertencem.

Planejamos passeios, mas fomos mais à frente. Em contato com a ONG Cidade Escola Aprendiz, fizemos uma parceria em busca da excelência de fazer de São Paulo uma cidade-escola. Realizamos cursos, formamos professores e educadores, possibilitamos novos conhecimentos aos professores da rede pública, promovemos palestras, realizamos laboratórios, envolvemos pais e comunidade no projeto e, finalmente, por conta dessa rica experiência na cidade, o Brasil sediou o X Congresso Internacional de Cidades Educadoras, ocorrido em abril de 2008, na cidade de São Paulo. O patrocínio da Comgás foi essencial para esse trabalho acontecer, principalmente no transporte para as atividades. O cenário estava mudado.

Durante esse período, jovens estudantes e crianças tomaram o Centro de São Paulo. Muitos foram, pela primeira vez, ao Pateo do Collegio e à Catedral da Sé; crianças de 3 anos foram a museus; alunos fizeram trabalhos de escola sobre Victor Brecheret e Tarsila do Amaral, após uma visita extremamente educativa – no cemitério. O campo santo da Consolação também tornou-se morada do saber.

Quebrando paradigmas e utilizando uma ferramenta disponível, professores e alunos tomaram conta de seu espaço, aprenderam com ele. E foi assim que São Paulo aprendeu consigo própria.

Como na educação não deve haver limites, os portões da escola têm necessariamente de estar sempre abertos deixando os jovens saírem, se apropriarem de seu entorno, ampliando conhecimentos e desenvolvendo novos repertórios. Foi assim com o projeto que começou com o nome “O Centro Pode Ser uma Sala de Aula”.

Parabenizo a todos os atores que se envolveram com este programa, acreditaram na transformação do berço da cidade de São Paulo.

ANDREA MATARAZZO  
Secretário das Subprefeituras



## Ação Inovadora no Centro

A Comgás – Companhia de Gás de São Paulo é a maior empresa de distribuição de gás natural canalizado do Brasil. Atende aos segmentos residencial, comercial, industrial e veicular da região metropolitana de São Paulo, Baixada Santista, Vale do Paraíba e Campinas.

A empresa traz, em sua estratégia de negócios, o conceito de responsabilidade social empresarial: compromisso ético voltado para a criação de valores para todos os públicos com os quais ela se relaciona: clientes, funcionários, fornecedores, comunidade, acionistas, governo.

Na área social, a Comgás trabalha continuamente para ser uma incubadora de ações inovadoras e de reconhecido sucesso, com base numa política de investimento social que tem como desafio romper dinâmicas de exclusão e promover o desenvolvimento social.

Em 2002, a Comgás inicia seus investimentos para promoção do conceito de cidade educadora, primeiro com o patrocínio ao livro *São Paulo 450 Anos Luz*, uma das primeiras iniciativas a unir educação, cultura e cidade em comemoração aos 450 anos de São Paulo. O livro inspirou um extenso projeto educativo, nos anos 2003 e 2004, para estimular as escolas da capital a utilizar a cidade como instrumento de aprendizado e de promoção da cidadania, conectado às mais diversas disciplinas do currículo formal.

Ali nasciam as sementes que frutificariam no programa O Centro É uma Sala de Aula. O patrocínio ao programa que completa, em 2008, quatro anos é para a Comgás motivo de orgulho. Temos a certeza de termos contribuído intensamente para que a cidade, a escola e a comunidade pudessem interagir, promovendo desenvolvimento social local e melhoria das condições de acesso das escolas ao enorme patrimônio cultural paulistano já presente na região central da cidade, com a oferta de mais de 1.400 roteiros de ônibus em trilhas pelo bairro e a formação gratuita cerca de 300 educadores nos conceitos de bairro-escola e educação comunitária.

Patrocinar a iniciativa da Subprefeitura da Sé, com o apoio da Associação Cidade Escola Aprendiz, reafirma o foco da empresa em investir continuamente em projetos que fortaleçam a capacidade da sociedade em organizar-se construindo metodologias socioeducativas e socioculturais inovadoras que beneficiem crianças, jovens, educadores e comunidade em geral nas regiões em que a empresa atua.

É com imenso prazer que a Comgás patrocina este livro, que levará os aprendizados e metodologias do programa O Centro É uma Sala de Aula a um número cada vez maior de comunidades da cidade de São Paulo, do Estado e de todo o país, inspirando iniciativas de integração entre a cidade, a educação e a cultura por meio da construção de um olhar cidadão frente aos desafios contemporâneos que se apresentam às escolas e às cidades.

## **Centro de São Paulo, uma experiência de bairro-escola**

Apresentar este livro para nós é celebrar a consolidação de uma importante ideia que vem se fazendo realidade ao longo dos últimos quatro anos: a transformação do Centro da cidade de São Paulo em um espaço educativo integrado, composto pelos saberes, fluxos e caminhos que todos os dias, há pelo menos 450 anos, conduzem as trajetórias dos paulistanos.

A experiência descrita aqui fala das diferentes facetas do passado e do presente do Centro e de como os diversos elementos que as compõem se tornaram matéria-prima primorosa nas mãos de educadores, parceiros, comunidade que têm construído uma relação significativa de ensino-aprendizagem para além dos muros da escola e reconhecido no território sua fonte de energia e sentido.

Essa construção tem como base o bairro-escola desenvolvido pela Associação Cidade Escola Aprendiz na Vila Madalena, em São Paulo, cujo objetivo é integrar os diversos potenciais educativos da comunidade (seus espaços, pessoas, instituições e iniciativas) em uma rede que visa garantir condições para o desenvolvimento integral dos sujeitos e do território, especialmente de suas crianças e jovens.

Há mais de uma década, o Aprendiz desenvolve essa proposta utilizando como estratégia central projetos focados em artes, cultura, educação, comunicação, tecnologia e articulação comunitária.

Essa longa jornada nos provocou o desejo de compartilhar com outros territórios nossas descobertas, buscando novas articulações e espaços de construção coletiva e democrática. Atualmente, a organização desenvolve por volta de 40 ações, atendendo mil pessoas diretamente e mobilizando mais de 100 instituições públicas e privadas de todos os portes que configuram a rede bairro-escola.

É nesse projeto de cidade e de cidadania que se insere o programa O Centro É uma Sala de Aula. Inspirados na experiência da Vila Madalena e no reconhecimento do Centro como espaço educativo por excelência, o Aprendiz, a Subprefeitura da Sé,

a Comgás e a Casa Redonda uniram-se na perspectiva de democratizar o acesso aos recursos históricos e culturais daquele território, conectando-os aos percursos formativos de crianças, famílias e educadores das escolas da região.

Nessa perspectiva, O Centro É uma Sala de Aula tem buscado despertar novos olhares, novos toques, novos brilhos, dando a todos, desde a mais tenra idade, o direito à cidade, ao público e ao coletivo.

O que começou como uma experiência localizada atingiu a cidade inteira. Hoje, não só as escolas e pessoas que habitam o Centro usufruem de suas riquezas, mas também sujeitos de outras partes da cidade se apropriaram desse território e puderam assim compreendê-lo como parte da sua própria história.

O processo vivenciado nos últimos quatro anos tem sido tão significativo que nos convenceu de que esta é uma experiência digna de compartilhamento. O programa O Centro É uma Sala de Aula vem ganhando destaque pela maturidade que adquiriu, demonstrando que os hábitos, olhares e percepções podem ser transformados e que a cidade pode e deve ser compreendida como fonte de saber e espaço de intervenção cidadã, de democracia e de equidade.

Assim, o presente livro busca conduzir o leitor pelas trilhas educativas vivenciadas e construídas ativamente por estes "cidadãos-aprendizes". Nosso desejo é que ele desperte cada vez mais olhares de encanto pela descoberta do chão que pisamos e da cultura que produzimos e que a nós pertence.

Fica a tarefa, a ser compartilhada por todos, de reconhecer na cidade os seus potenciais e de fazer o necessário esforço de aproximá-la de quem por ela quiser se encantar.

**NATACHA COSTA**  
*Associação Cidade Escola Aprendiz*

## Jogo de Ligar Pontos

Multidisciplinar, o livro *Centro-SP, uma sala de aula* é um relato inspirador do programa que a Subprefeitura da Sé lidera e vem conduzindo há quatro anos no Centro Histórico da cidade de São Paulo.

Nenhuma das instigantes histórias, sentidos, depoimentos e metodologias apresentados neste relato de experiência seria realidade sem a contribuição dos inúmeros parceiros da comunidade, que acreditaram e acreditam na proposta de fazer do Centro de São Paulo um espaço de aprendizado coletivo.

Lembro-me do tenro início quando saímos batendo às portas dos museus, teatros, bibliotecas, cinemas, prédios históricos, galerias, salas de concerto, grandes e pequenos espaços que fazem do Centro paulistano um dos maiores polos brasileiros de cultura. Já estava tudo ali. Naquele início de mapeamento, a cada visita, perguntávamos sempre a mesma coisa: "O espaço possui programas educativos abertos à comunidade? Oferece visitas monitoradas? Costuma receber os alunos e professores das escolas municipais da região? Gostariam de participar de uma iniciativa sociocultural em rede que pretende transformar a região central de São Paulo em uma grande sala de aula?" As perguntas rendiam as mais variadas respostas: "sim", "não", "talvez...". Mas, ao final do esforço inicial de articulação, a adesão foi enorme. E, hoje, cada elo da rede de quase 200 parceiros à qual chamamos de programa O Centro É uma Sala de Aula pode comemorar os resultados alcançados pela iniciativa, considerada experiência modelo de aplicação dos conceitos de bairro-escola em São Paulo e credenciada pela Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE).

Lembro-me ainda da resistência inicial das escolas da região, quando as propostas do programa foram apresentadas no evento de lançamento realizado em abril de 2005, no auditório do Centro Cultural Banco do Brasil. Afinal, como sair a passear com os alunos pelo bairro diante de tantos problemas apresentados pela educação pública? Havia também a resistência natural da comunidade, principalmente quando se tratava de sair da escola com crianças de 3, 4, 5, 6 anos de idade.

Pouco a pouco, as resistências deram lugar ao entusiasmo. A itinerância intencional do curso de formação de educadores/multiplicadores, que cada dia acontecia em um diferente espaço cultural ou histórico do Centro, provocou descobertas e fez brilhar os olhos dos participantes. O movimento começou pouco a pouco e foi ganhando adeptos nas 18 escolas municipais envolvidas. No início, sobravam trilhas. No final, as escolas disputavam os roteiros de ônibus oferecidos pelo programa. Crescia, ano a ano, o número de educadores inscritos no curso de formação. As trilhas enriqueceram o currículo. O currículo se apropriou das trilhas. Aí, a

escola virou cidade e a cidade virou escola. Trabalhos e mais trabalhos escolares foram produzidos, expressando novos olhares sobre a cidade.

Dos mensuráveis roteiros de ônibus oferecidos às escolas e núcleos socioeducativos da região às imensuráveis trilhas a pé ou de metrô viabilizadas de maneira autônoma pela própria comunidade, a boa notícia é que esse movimento ficou incontrolável. Os números e resultados do programa que apresentamos no final do livro representam a enorme mobilização das equipes do programa para avaliar, mensurar e prestar contas à sociedade. Porém, temos certeza de que muitas atividades realizadas de forma independente escaparam da mão... E este fato é auspicioso, pois, se o programa atua em rede, o desejável é que as interações nesta profícua malha de parcerias sejam tantas e tão variadas que fujam ao controle.

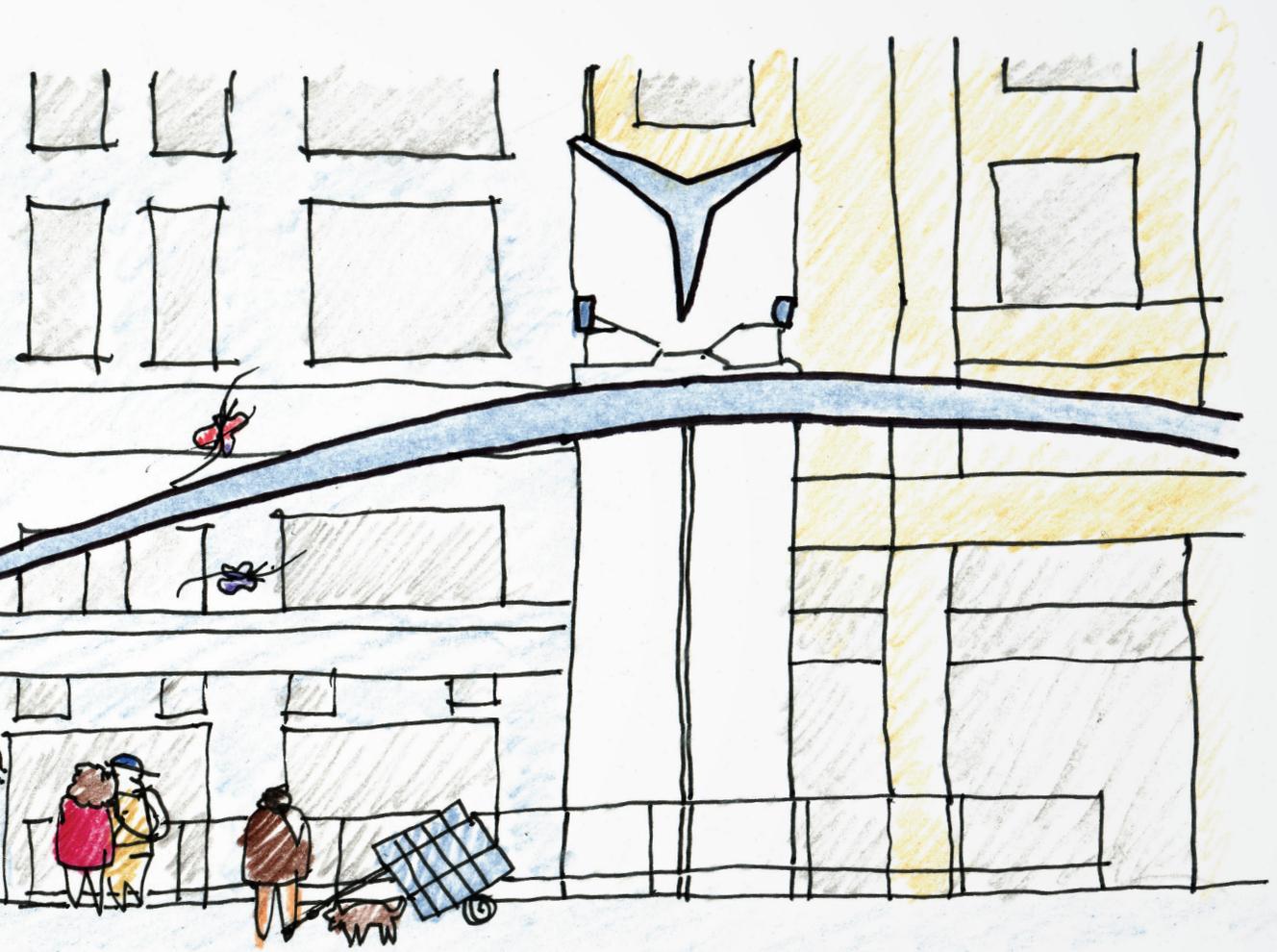
Uma importante reflexão trazida pelo programa O Centro É uma Sala de Aula é o seu enorme potencial de realização a partir de elementos que já estavam ali, na própria comunidade, com as suas vocações, com as suas possibilidades de interação. Espaços educativos, espaços de cultura, espaços de serviço, organizações não-governamentais, órgãos públicos locais, associações, cooperativas, empresas, ruas, praças e... gente, muita gente de todas as idades, classes, crenças, ideologias, hábitos, identidades. Um inteligente jogo de liga pontos.

Ah, já ia me esquecendo que comecei o texto para falar de cidade, cultura e educação e de como esses elementos tão fundamentais aos direitos e deveres do cidadão são estudados e praticados tão isoladamente. Entre as muitas políticas culturais, educacionais, sociais e urbanas em curso na cidade de São Paulo, no Brasil e no mundo, nascidas para resolver os problemas e demandas das cidades, das comunidades, da educação e da cultura, surgem cada vez mais iniciativas de alinhamento entre esses elementos que precisam e devem caminhar integrados. Eis aqui uma delas.

A Casa Redonda e os muitos parceiros do programa O Centro É uma Sala de Aula esperam que esta publicação inspire novos e generosos jogos de ligar pontos entre cultura e educação, educação e cidade, cultura e cidade, cidade e educação, mas, principalmente, entre pessoas e pessoas, pessoas e o seu lugar, pessoas e o seu tempo, pessoas e os seus imaginários individuais e coletivos.

MINOM PINHO  
Casa Redonda – cultura, educação e arte







# ÍNDICE

ANTES DE TUDO (introdução)	18
INÍCIO DO PRINCÍPIO, O CENTRO (onde tudo começa)	21
INGREDIENTES DA CIDADE QUE EDUCA (a cidade somos nós)	27
(princípios, fundamentos)	28
O ESPAÇO, O TEMPO, A CIDADE E O CIDADÃO (onde tudo recomeça)	39
(daquilo que somos feitos – passado e presente)	42
(daquilo que somos feitos – possibilidades)	50
PRATICAR A CIDADE (preparativos necessários)	55
(usos e significados)	64
(mapeamento – cartografias e narrativas urbanas)	68
(trilhas educativas – ir para ver )	74
(trilhas temáticas e aulas-passeio)	76
(visitas monitoradas – trilhando aprendizados)	83
HORIZONTES (as lições que a cidade nos dá)	91
(A Pauliceia Desejada)	106
RESULTADOS (os números)	112
(as escolas)	113
(os núcleos socioeducativos)	114
(os parceiros)	115
(os educadores certificados)	116
(os espaços – visitas monitoradas)	118
BIBLIOGRAFIA	119
SITES	119

# ANTES DE TUDO

## (introdução)

*“São Paulo quer tornar-se bela e apreciada.  
Finalmente a cidade espertou num desejo de agradar.  
E era preciso que assim fosse.”*

Mário de Andrade

Retomando a escrita do poeta, como que num prenúncio do caos atual, São Paulo quer tornar-se bela e apreciada: quer agradar. Mas não consegue. Precisa de ajuda.

E nós? O que podemos fazer para ajudar São Paulo a ser desejada, apreciada, bela?

O texto deste livro nos dá boas pistas para responder a esta pergunta. Convida-nos a aprender a desejar a cidade, a ver sentidos na cidade, a aprender a aprender com ela e, quem sabe, aprender a construí-la de forma mais humana, mais justa e democrática, diversa e aberta, saudável e atraente.

É a história de um programa que nasce da união do poder público local com a comunidade. Um programa chamado O Centro É uma Sala de Aula.

Mas é bom que se diga logo que não é uma sala de aula qualquer. É uma sala de aula muito especial, sem teto nem paredes, onde qualquer um pode ensinar e aprender. Uma sala de aula que ensina a olhar os espaços sob novos prismas, a desvendar mistérios pelas ruas e a gostar da cidade. Uma sala de aula viva em pleno coração da metrópole – o velho Centro Histórico paulistano.

E esta história, dinâmica e mutante, está aberta à contribuição de todos, sempre, mas começou a ser escrita de fato há quase quatro anos, a partir de vários encontros promovidos pelo programa O Centro É uma Sala de Aula. Em primeiro lugar, o feliz encontro entre a Cultura, a Educação e a Cidade. Em segundo lugar, outro encontro desejável entre as Pessoas e a Cidade.

Encontros que se fazem tão necessários frente aos desafios atuais da educação pública, que apresenta uma situação crítica e conflitante – o que a escola

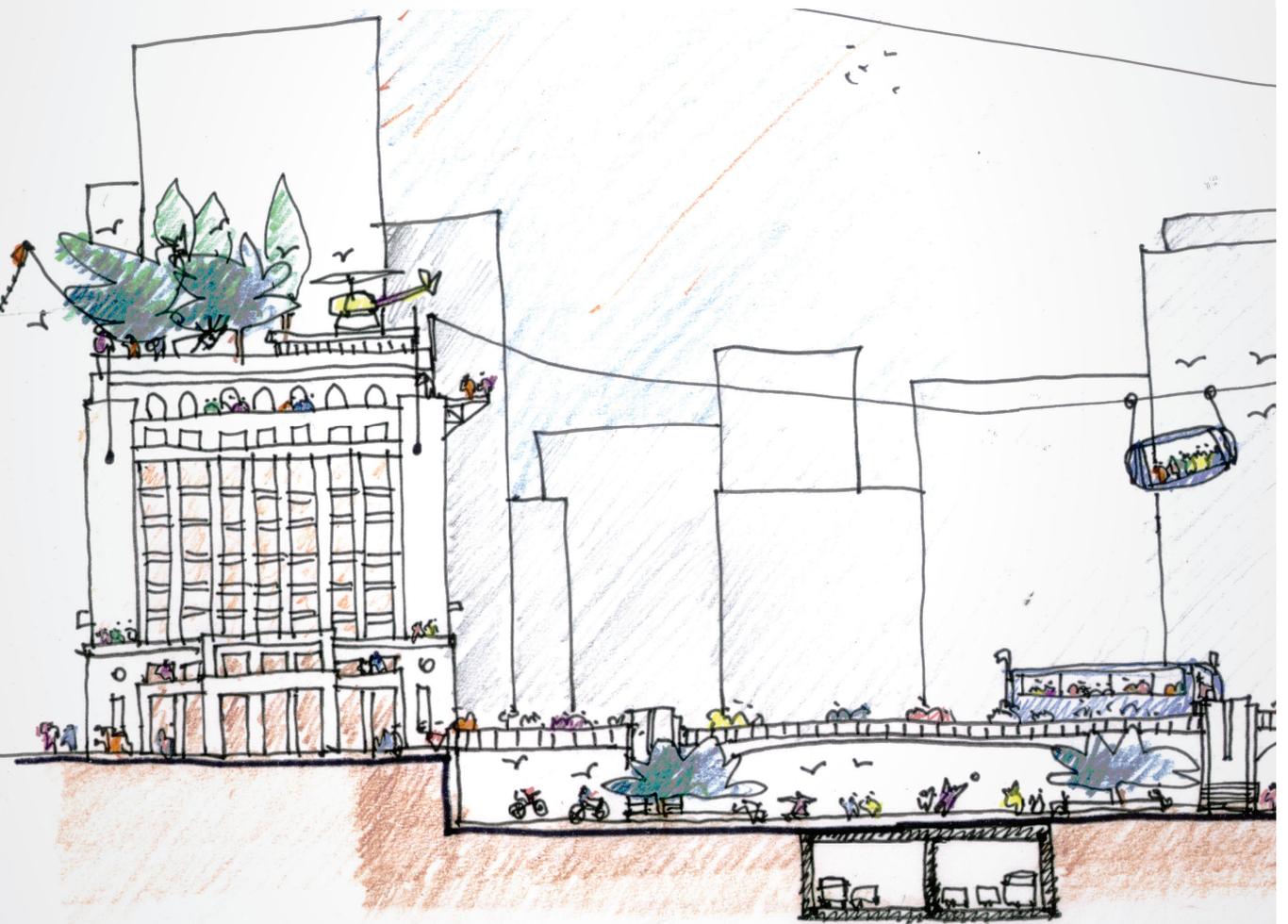
ensina, a cidade, logo em seguida, "desensina". Isto porque a cidade mistura todos os saberes num todo multidimensional que nos parece tão distante do rigor das disciplinas formalmente divididas dos currículos escolares. Para completar, temos o fato de que, muitas vezes, a escola desconsidera, em seu currículo, processos e avaliações, os saberes prévios das crianças, dos jovens e da comunidade. Sem unir saber e cidade, como conseguiremos vencer o desafio de transformar a comunidade, a cidade, o mundo em algo melhor?

Seremos cidadãos-de-lugar-nenhum? Desconexão histórica, desconexão cultural, desconexão geográfica, cidadão desterritorializado. Como cuidar do que não nos pertence?

As dinâmicas promovidas pelo programa O Centro É uma Sala de Aula vêm alterando percursos e fomentando práticas que atuam no campo dos vínculos que cada um de nós estabelece com a cultura, com a educação e com a cidade. Para isso propõe percursos de ampliação de registros simbólicos e de estímulo de sentidos de apropriação, de pertencimento, de construção de identidades para gerar diversidades urbano-humanas feitas de interações cidadão-cidade. São novos sentidos que provocam sentimentos de interesse e vontade, sem os quais a cidade e a educação foram perdendo seu valor no decorrer do tempo. Daí surge o interesse pela cidade e a vontade de conhecer, descobrir, ocupar, aprender e apreender o espaço em que vivemos.

O Centro É uma Sala de Aula é uma aventura educativa e cidadã que, aproveitando os recursos materiais, culturais, sociais, educativos preexistentes no território e os saberes prévios dos cidadãos – crianças, jovens, adultos, idosos –, vem provocando reflexões profundas sobre a forma como nos relacionamos com a Cidade, com a Educação e com a Cultura. Abrem-se novas perspectivas para que, nesse processo, a escola, a comunidade e a cidade mudem de qualidade, criem novos significados, numa troca intensa de revitalização mútua.

Todo este debate aponta para possibilidades reais de alteração e solução dos problemas da cidade e dos problemas da educação. Todos nós somos co-responsáveis pelo todo, pela educação dos cidadãos, no sentido mais amplo do termo, e pela qualidade de vida no bairro, na cidade e no mundo.



## INÍCIO DO PRINCÍPIO, O CENTRO

(onde tudo começa)

*"A Cidade está com sede  
a cidade está com fome  
Ferro, árvore, gente,  
de tudo a cidade come.*

*Come quem é consumido  
e também quem a consome,  
come terra, come espaço  
a cidade está com fome."*

Carlos Queiroz Telles

O Centro de São Paulo é um lugar muito especial. Foi lá que a cidade nasceu.

Daquele tempo não resta quase nada construído. Mas, mesmo sem ver, podemos sentir: "tum-tum-tum". No velho Centro bate o coração da cidade, das identidades paulistanas. Sim, porque São Paulo é feita de muitas identidades que compõem a cidade única pela sua diversidade.

Todo paulistano tem dois bairros: o seu e o Centro. Os espaços do Centro pertencem aos moradores da cidade toda.

Lá, nos sentimos absolutamente paulistanos. Todos mesmo, pois ser paulistano é uma decisão que quem quiser pode tomar. A gente, daqui ou de lá, se torna paulistano: a desvairada cidade nos dá esta liberdade inteirinha, para todos e qualquer um, sem se importar de onde se veio nem para onde se vai. Assim a cidade se fez: generosa e acolhedora por mais que a sua imensidão assuste. São Paulo: lugar de encontro de todas as culturas e etnias, ponto fundamental para quem quer descobrir o Brasil e o mundo.

E seu Centro é o exagero de tudo isso. É o lugar onde São Paulo se mostra nas mais diversas áreas. No Centro, encontramos boa parte do patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade, parques e praças, renomados restaurantes, belas livrarias, as lojas mais antigas, cafés acolhedores, edifícios históricos, belíssimos



### MERCADO MUNICIPAL

O Mercado Municipal de São Paulo guarda em sua arquitetura muitos elementos históricos. O espaço oferece possibilidades de aprendizado vivo com os seus cheiros, cores e sabores. O prédio, seus vitrais... frutas, verduras, grãos e especiarias permitem que, de barraca em barraca, o visitante conheça comerciantes, experimente frutas desconhecidas, saboreie receitas lendárias num passeio divertido e estimulante.

museus, sofisticados centros culturais, elegantes salas de espetáculos, ruas especializadas em tudo que pudermos imaginar e cheias de fama e gentes vindas de todos os cantos do Brasil.

Mas, por outro lado, sabemos que o Centro vem tentando reverter nos últimos anos um intenso processo de esvaziamento e degradação. Esse processo teve suas origens na própria gênese da formação da cidade e na maneira como seus espaços foram sendo ocupados nesses 454 anos de vida.

Segundo os estudiosos do assunto, a degradação do Centro de São Paulo se iniciou por volta da década de 1930, com a popularização dos automóveis, e se acelerou a partir de 1960, devido a uma série de fatores.

Este não é um (des)privilégio exclusivo de São Paulo. Todos os centros históricos das grandes cidades brasileiras vêm passando por isso. Mas, nesta cidade-mundo, algumas especificidades agravam ainda mais esse quadro. Não só por ser uma das maiores cidades do mundo, mas também por se tratar do centro nevrálgico de um dos maiores aglomerados populacionais do planeta: um coração que pulsa em sintonia com os de 18 milhões de pessoas na Grande São Paulo. Não é fácil!

Reverter o processo de desvalorização e degradação dos centros históricos tem sido um enorme desafio no Brasil e em todo o mundo. Em São Paulo, uma série de planos e operações urbanas vem sen-

do propostos nesta direção em busca das melhores soluções conjuntas de requalificação e recuperação do Centro Histórico.

Dentre as inúmeras intervenções de revitalização do Centro de São Paulo, nota-se uma série de ações ligadas à área cultural, com a instalação de espaços culturais de excelência resultantes da iniciativa de diversos patrocinadores e colaboradores que construíram ali, numa área de alguns quarteirões, um dos maiores complexos culturais e artísticos do Brasil. Numa caminhada não tão longa é possível percorrer a pé núcleos de excelência como o Theatro Municipal, a Biblioteca Mário de Andrade, o Centro Cultural Banco do Brasil, o Centro Cultural da Caixa Econômica, o Museu e Torre do Banespa, o Pateo do Collegio, o Mercado Municipal, a Pinacoteca do Estado, o Museu da Língua Portuguesa, a Estação Júlio Prestes – Sala São Paulo, além de igrejas, mosteiros, cinemas, teatros, galerias. São ações concretas de revitalização de espaços pela cultura para estabelecer novos percursos urbanos e humanos – novos imaginários, bens simbólicos de uma cidade. Tais iniciativas, facilitadas pelo advento de leis federais, estaduais e municipais de incentivos fiscais à Cultura consolidadas no país a partir da década de 1990, criaram uma plataforma cultural à altura de grandes centros da Europa e da América do Norte. Tais equipamentos instalados na região não foram a princípio plenamente incorporados pela comunidade que estuda, mora ou



### MUSEU PAULISTA

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas..." O lugar onde tudo isso aconteceu guarda em seus belos jardins, esculturas e acervo boa parte da história do Brasil. O Museu Paulista, ou Museu do Ipiranga, como é conhecido pelos paulistanos, integra história, cultura, artes e curiosidades sobre o Brasil, desde os tempos coloniais.

trabalha no Centro, foram antes ocupados por camadas mais elitizadas da população que em geral não residem no Centro.

Por outro lado, surgiam ao mesmo tempo propostas sociais de reversão de lógicas excludentes que promoviam o esvaziamento do Centro paulistano e a sua consequente ocupação pelo tráfico de drogas, pela violência e pelo abandono. Nasceram então várias políticas integradas de estímulo às mais diversas classes sociais a voltarem a morar ou estabelecer seus escritórios no Centro da cidade. Foram implantadas ainda políticas de assistência e desenvolvimento social, de geração de trabalho e renda, sempre com a perspectiva da inclusão produtiva da população.

Seja investindo em espaços culturais de excelência, em habitação de interesse social e econômico para a região, seja pelo investimento em articulações locais que integram serviços e parceiros de diferentes setores da sociedade, todas as propostas em curso têm como principal desafio superar o abandono, promovendo a revitalização dos espaços do velho Centro.

O urbanismo contemporâneo<sup>1</sup>, na sua vertente democrática adotada pelo programa O Centro É uma Sala de Aula, propõe enfrentar essa situação não apenas com o readensamento populacional e a inclusão social e produtiva como também implementando políticas públicas que favoreçam a gestão compartilhada do Centro urbano e a democratização de acesso da população em geral aos seus espaços e equipamentos. Propõe também que se criem mecanismos para que essa requalificação se faça de maneira inclusiva e sustentável. Para isso é fundamental que se garantam a qualidade e a amplitude do usufruto desses espaços por parte de sua população. Pois, sem usufruto, não há cidadania, não há cidade.

O Centro É uma Sala de Aula caminha nessa direção ao focar suas ações nessa perspectiva, além de ampliá-la ao se desenvolver numa dupla frente de ação: na educação para a prática cidadã e na democratização e ampliação das oportunidades de acesso ao patrimônio cultural material e imaterial da cidade, esse patrimônio que cada um de nós constrói todo dia com nossas crenças, nossos saberes, nossos costumes, nossa riqueza, nossa expressão no tempo e no espaço, no território que ocupamos e com o qual aprendemos.

O programa desenvolve-se a partir da integração das diversidades, de maneira inter-relacional e intersetorial, apoiado numa forte rede de parcerias que une poder público, iniciativa privada, organizações não-governamentais e comunidade, para estabelecer a aventura de cidadãos-aprendizes pela cidade.

*1 Ver indicações bibliográficas no final do texto.*

A Educação e a Cultura desempenham um grande papel neste arranjo ao acionar dispositivos importantíssimos no trato das questões de violência e cuidado com o patrimônio material e imaterial. Em função disso podem contribuir muito para o desenvolvimento e fortalecimento de uma cultura cidadã que transforme o Centro de São Paulo no quintal de nossas casas ou numa grande praça efetivamente pública, de todos e para todos.

A questão é: dos 2 milhões de pessoas que passam diariamente pelo Centro e das quase 500 mil que ali residem, quantas efetivamente conhecem, frequentam, desfrutam o espaço e as boas oportunidades que o velho Centro oferece? Como criar caminhos para que as novas gerações se sintam parte e passem a cuidar efetivamente da sua cidade, do seu espaço, do seu centro, valorizando passado, presente e futuro?

É esta a pergunta que está na gênese da criação de O Centro É uma Sala de Aula. E é este o diferencial a partir do qual consideramos este programa um bom exemplo de aplicação de política pública local que integra cultura, educação, cidadania, ação social e muito tem contribuído para o desenvolvimento do Centro Histórico paulistano. Além disso, pode ser uma importante contribuição para com as demais experiências em curso dentro e fora do Brasil, no que se refere à recuperação da qualidade de vida nos centros históricos com a construção de novas práticas de planejamento e gestão democrática das cidades.

O Centro É uma Sala de Aula nos instiga a apurar o olhar e a expressão a partir da cidade – nosso espaço. Nos convida a andar, conhecer e transformar, fazendo com que pela ação de cada um a cidade de São Paulo assuma a sua real vocação: ser escola, espaço educativo, cidade educadora.

O tempo político que baliza a alternância das equipes municipais desse(s) ou daquele(s) partido(s) político(s) não é idêntico ao tempo social. O tempo social é também político. Mas é cotidiano, habitual, corriqueiro. É aí exatamente que O Centro É uma Sala de Aula atua: nas práticas pedagógicas, nas deambulações de lá-para-cá, colocando a cidade ao alcance da sola dos pés, da palma da mão.

Por tudo isso, o programa vem contribuindo enormemente para que os espaços da cidade se tornem, cada vez mais, espaços de significação e pertencimento onde seus aprendizes-de-cidadão se reconhecem coletivamente e criam vínculos entre si e com o território urbano.

São Paulo agradece.



## INGREDIENTES DA CIDADE QUE EDUCA

(a cidade somos nós)

*"A Cidade somos nós e nós somos a Cidade.  
Mas não podemos esquecer de que  
o que somos guarda algo que foi  
e que nos chega pela continuidade histórica  
e pelas marcas culturais que herdamos.  
Disso não podemos escapar e sobre isso podemos trabalhar."*

Paulo Freire

Se parar para ouvir, vai escutar: a cidade nos pede ajuda, precisa de nós, de cada um de nós. É que sem a gente ela não melhora. Pois, se ela está em crise, é porque nós estamos em crise. Como dizia Paulo Freire, "a cidade somos nós". Se nós a imaginamos e produzimos assim, podemos re-imaginá-la e transformá-la em outra coisa. Uma vez, muitas vezes. Essa é a história de São Paulo. A história de uma cidade que se constrói e se destrói sem parar. Mas parece que andamos para trás a cada demolição, a cada reconstrução, e não para a frente.

Precisamos superar esses problemas históricos e andar para a frente, permitindo o reencontro entre a Educação e a Cidade. Afinal, a cidade que nasceu escola traz consigo a vocação de aprender e ensinar. Do desafio de construir soluções coletivas para superar os muitos problemas enfrentados que hoje desqualificam a vida na cidade, e mais intensamente no Centro, surgem novas abordagens para identificar e potencializar as funções educativas no âmbito local.

Assim nasceu O Centro É uma Sala de Aula: para requalificar e ressignificar a cidade pela educação, fazendo as conexões necessárias para reaproximar o coração dos paulistanos do coração de seu território: seu Centro Histórico.

## (princípios, fundamentos)

*"Converter a cidade em uma pedagogia é, portanto, mais do que uma nova metodologia ou panaceia discursiva e requer, sobretudo, predisposição para um novo modo de olhar e de viver a cidade."*

Jaqueline Moll

O Centro É uma Sala de Aula nasceu da vontade política da administração municipal (2005-2008) em implantar um programa que efetivamente integrasse a Educação ao processo de requalificação do Centro Histórico por meio da intensificação, otimização e qualificação dos usos de seus espaços.

O Centro É uma Sala de Aula é coordenado e implementado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo – Subprefeitura da Sé, responsável pela administração pública na região do Centro de São Paulo, tendo a gestão do programa e das parcerias sob responsabilidade da Coordenadoria de Projetos Educativos.

Na área socioeducativa, o programa conta com a coordenação pedagógica da Associação Cidade Escola Aprendiz, permitindo que os aprendizados acumulados pela ONG no desenvolvimento do conceito de bairro-escola e de educação comunitária ao longo dos últimos dez anos na Vila Madalena pudessem ser disseminados no Centro de São Paulo e realinhados aos desafios e vocações locais.

O patrocínio da Companhia de Gás de São Paulo – Comgás e de diversos outros apoiadores privados garante a circulação e o transporte de crianças, jovens e adultos beneficiados pelas ações do programa, e também a formação continuada de educadores, gestores e multiplicadores.

A Casa Redonda – cultura, educação e arte, em parceria com a Subprefeitura da Sé, assina a produção executiva do programa, permitindo a gestão sociocultural compartilhada e a adequada convergência entre os elementos culturais e educativos presentes no processo.

Os esforços do programa O Centro É uma Sala de Aula e dos seus inúmeros parceiros vêm sendo direcionados para as crianças, jovens e adultos que frequentam as instituições educativas, núcleos assistenciais e espaços culturais do Centro de São Paulo<sup>2</sup>, beneficiando também as equipes de educadores e gestores do local e mesmo de outras regiões da cidade com a ampliação do programa.

<sup>2</sup> Região central é entendida neste contexto como a área administrada pela Subprefeitura da Sé (distritos da Sé, República, Consolação, Bela Vista, Liberdade, Cambuci, Santa Cecília e Bom Retiro).

A ideia central é que toda essa gente passe a conhecer e a usufruir do enorme patrimônio material e imaterial existente no território e suas inúmeras oportunidades, na perspectiva de requalificar o ambiente e a vida coletiva urbana pela educação e pela cultura. Ao mesmo tempo que os usos das cidades se intensificam e se requalificam, a comunidade se enriquece de bens simbólicos, de significados, de aprendizados.

Na região administrativa da Sé estão instaladas 120 bibliotecas, 5 Centros Culturais, 18 conjuntos de salas de cinema, 10 escolas de samba, 37 museus, 4 unidades do Sesc, 8 shopping centers, 79 teatros e 77 imóveis tombados, entre outros.

Para que a dinâmica de novos usos e práticas ocorresse com qualidade, a Coordenadoria de Projetos Educativos da Subprefeitura da Sé iniciou um processo continuado de formação de uma grande rede de parcerias sociopedagógicas com os espaços culturais e históricos localizados no velho Centro.

São museus, parques, bibliotecas, salas de concerto, teatros, cinemas, cemitérios, centros culturais, galerias e tantos outros numa ampla rede comunitária de revitalização do Centro pela educação.

Esse processo é muito dinâmico e atualiza-se frequentemente com a entrada de novas parcerias. É importante ressaltar que as parcerias com os espaços da comunidade vão muito além do simples agendamento de visitas de educadores e educandos ou do mero oferecimento de ingressos para espetáculos. As parcerias firmadas envolvem todo um diálogo entre essas instituições do bairro e o poder público no sentido de que os programas educativos de cada local estejam alinhados com as propostas pedagógicas das escolas e dos núcleos socioeducativos visitantes.

Todos que participam dessa rede vêm sendo desafiados a desenvolver seus potenciais pedagógicos e a criar, ampliar e aprimorar as propostas educativas de suas ações. Todos mesmo! Pois não são apenas os edifícios monumentais que merecem consideração. Toda a rede de comércio e serviços urbanos presentes no Centro, assim como os artistas locais, associações, institutos e fundações, moradores e mestres de saberes locais, e tantos outros, é envolvida por esse movimento e entra nessa roda.

É importante destacar que, para O Centro É uma Sala de Aula, todo e qualquer lugar/elemento/ser urbano é potencialmente cultural, histórico e educativo. Uma esquina pode guardar um acervo tão rico quanto o que está no museu. Nas lembranças de um antigo comerciante local, podemos identificar narrativas

tão raras quanto as que estão registradas nos livros das bibliotecas da cidade. A cidade, assim como a história, é uma obra aberta, em permanente construção.

Outro esclarecimento necessário é que o programa não propõe simplesmente agendar visitas nas respectivas instituições parceiras e oferecê-las aos seus participantes como instrumento de lazer, distração ou momento de descanso entre uma atividade escolar e outra.

Extrapolando tais propostas, o maior objetivo do Centro É uma Sala de Aula é permitir que os participantes da experiência utilizem o território como conteúdo pedagógico e como espaço de aprendizado. Para que ampliem sua concepção de mundo e de sociedade. Para que descubram sua cidade, questionem seu redor. Para que façam valer os seus direitos e seus deveres. Para que olhem além dos muros e preconceitos, a partir de uma visão da educação integrada à vida da comunidade.

Assim, o programa apresenta quatro objetivos principais, intimamente relacionados uns aos outros:

- melhoria da qualidade da vida urbana, a partir da democratização de acesso aos espaços da cidade, com a intensificação e qualificação de seus usos, com a oferta de oportunidades de visitação a ambientes culturais e históricos da cidade;
- ampliação de tempos e espaços educativos, uma vez que os passeios se dão no período complementar ao turno escolar e em ambientes externos aos muros das escolas e das instituições socioeducativas;
- ampliação e fortalecimento da rede de proteção e desenvolvimento social local, já que a sustentabilidade do projeto se ampara em uma rede de parcerias sociopedagógicas, da qual participam instituições locais que perenizam com diversos tipos de financiamento práticas de intercâmbio de saberes com as escolas, os núcleos socioeducativos, as ONGs, oferecendo oportunidades e integrando seus programas educativos aos projetos pedagógicos das unidades educativas do bairro;
- educação para a cidadania participativa, com a formação continuada de educadores e gestores e com a ampliação de conhecimentos sobre a cidade, a serem multiplicados na atuação de cada um desses educadores em suas unidades de ensino;

- melhoria da qualidade da educação, por meio da aplicação do tema cidade como instrumento de enriquecimento do currículo e das práticas pedagógicas nas escolas e nas demais instituições educativas e assistenciais da região;
- estabelecimento de práticas intersetoriais, que promovam a integração e a transversalidade dos programas e projetos não só entre a Cultura e a Educação como também entre as demais políticas públicas da cidade – educação, cultura, assistência e desenvolvimento social, apenas para citar algumas.

Para o alcance dos objetivos propostos, o programa utiliza fundamentos pedagógicos que embasam e favorecem sua realização.

Fazer da cidade uma sala de aula não é levar a lousa e o giz para o meio da praça e escolarizar a cidade. Nada disso! Mas, sim, compreender que o processo educativo acontece como ação permanente na vida de cada um, que a gente aprende e ensina o tempo todo, em todos os lugares, e que toda pessoa e toda relação têm potencialidade pedagógica.

E essa nova perspectiva, que nos chega através do princípio de Educação Integral, provoca o alargamento do olhar e nos permite ver que a cidade tem potenciais pedagógicos implícitos e explícitos. A cidade ensina e, sendo assim, apresenta-se como Território Educativo.

*“Entre os caminhos explicativos para o conceito de Educação Integral pode-se registrar uma perspectiva primeira que focaliza o sujeito e aproxima educação com formação integral.”<sup>3</sup> Nessa perspectiva, a Educação Integral implica o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, em seus aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais.*

A Educação Integral, segundo essa autora, parte do princípio de que somos seres integrais e não podemos evoluir plenamente senão pela conjugação de todas as capacidades, integralmente. *“Isto requer uma prática pedagógica compreensiva do ser humano em sua integralidade, em suas múltiplas relações, dimensões e saberes, reconhecendo-o em sua singularidade e universalidade.”*

O princípio da Educação Integral não se restringe, pois, à educação escolar. A educação aqui é tomada em seu sentido mais amplo, o da aprendizagem ao longo da vida individual e coletiva, o de um conhecimento que traz em si a sustentabilidade como base da convivência entre as pessoas e o seu território. Educação que se entrelaça

<sup>3</sup> GUARÁ, Isa. *“É imprescindível Educar Integralmente”*. In: *Cadernos Cenpec, n. 2. Educação Integral*. São Paulo: Cenpec, 2006, p. 15-24.



### **"A EXPERIÊNCIA DO CENTRO E AS CIDADES EDUCADORAS"**

A professora Olga Arruda, coordenadora de Projetos Educativos da Subprefeitura da Sé, compartilha as metodologias e os resultados do programa O Centro É uma Sala de Aula no Congresso Internacional das Cidades Educadoras, realizado em 2008 na cidade de São Paulo.

com a forma como nos organizamos em sociedade, transmitimos nossas culturas, as preservamos e recriamos e como produzimos e transformamos nosso próprio entorno. E considera o potencial educativo desse entorno. Assim, está associada à ideia de Território Educativo. Entramos no campo do encontro da Educação com a Cidade. Um campo de pesquisa recente, mas que tem suas raízes já bastante fortalecidas e que vem se desenvolvendo com muita velocidade e intensidade, dentro e fora do Brasil.

Encadeamos aqui algumas influências decisivas para este diálogo entre Educação Integral e Território Educativo.

Na primeira metade do século passado, as ideias do pedagogo americano John Dewey, associando experiência social e educação, e do pedagogo francês Celestin Freinet, com suas aulas de descobertas, já iam abrindo caminho para os fundamentos da Cidade Educadora.

Mas o reaparecimento atual desse tema e a difusão da expressão "cidade educativa" se devem ao famoso relatório elaborado para a Unesco por Edgard Faure, em 1970: *Aprender a Ser*.

Mais que um conceito, "cidade educativa" é uma ideia, uma ideia-força que retoma toda a sua pujança no I Congresso de Cidades Educadoras em Barcelona, em 1990, quando foi elaborada a sua *Carta*. Essa *Carta* nos propõe a ensinar a cidade, ensinar na cidade e ensinar para a cidade, como práticas pedagógicas fundamentais

para que uma cidade seja efetivamente educadora. Pois a cidade é, ao mesmo tempo, um conteúdo a se aprender, um meio ou um contexto no qual se aprende e um agente que nos ensina.

Cidade Educadora, Cidade e Educação. Apesar de este campo teórico e prático criado no bojo da aproximação cidade-escola ser bastante recente no Brasil, já podemos colher muitos frutos diretamente relacionados com o movimento das Cidades Educadoras.

Mas o fato é que, no Brasil, tanto as produções teóricas quanto as experiências práticas que relacionam esses dois campos do saber e do fazer não estão exclusivamente restritas às influências do movimento das Cidades Educadoras.

Selecionamos alguns momentos-chave na história da educação brasileira que propuseram esta abordagem, a partir da defesa da Educação Integral, mas que trazem consigo a semente da Cidade Educadora, e que são bem anteriores à proposta espanhola e, inclusive, as influenciaram na sua elaboração, pelos relatos de seus próprios criadores. Influências que não foram as únicas, obviamente.

O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) é um deles. Desse grupo fazia parte Anísio Teixeira, que, influenciado pelas propostas de John Dewey, concebia a educação como vida e descoberta, e não como preparação ou conserto. Cria as Escolas-Classe e as Escolas-Parque (Salvador, 1950).

O papel de Mário de Andrade nesse movimento de aproximação da educação com a cidade. Quando criou e dirigiu o Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana de São Paulo (1935-1938) e inventou os Parques Infantís, defendeu intensamente a ideia de “conquista do espaço público para o tempo livre das crianças e a infância como elemento estruturador da metrópole, onde a cidade lúdica como antítese discursiva do entre-muros. Era como se os Parques Infantís declarassem subjetivamente que a infância não é completamente infância sem o seu entorno. Esse ao redor correspondia a uma maneira de se perceber a criança e entendê-la como coração da cidade”.<sup>4</sup>

Os movimentos de Educação Popular e a Pedagogia da Conscientização de Paulo Freire (1921-1997) ampliam radicalmente os conceitos de alfabetização, associando-os ao de leitura de mundo, e propõem a educação como modo de vida, como prática da liberdade e da solidariedade.

<sup>4</sup> FREITAS, Marcos Cezar. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997, .p. 265.

A Escola Cidadã é outro belo caminho de educação integral proposto por Paulo Freire, a partir da Educação Cidadã (década de 1980), movimento para e pela cidadania. Vem sendo desenvolvido e disseminado pelo Instituto Paulo Freire, em São Paulo, e difundido e praticado por tantos outros que se articulam em torno da pedagogia freireana, em São Paulo e por todo o mundo.

Fora das Ciências da Educação, diversos pensadores brasileiros de outras áreas de conhecimento vêm colaborando com suas críticas, reflexões e propostas para a construção de uma Educação Cidadã, de uma Cidade Educadora<sup>5</sup>.

As contribuições publicadas por brasileiros ainda não são muito numerosas, se compararmos com a produção de outros países da América Latina e Europa (onde se desenvolvem com maior vigor o movimento das Cidades Educadoras).<sup>6</sup>

Apesar disso, o debate associando educação e cidade vem se ampliando consideravelmente. Para dar alguns exemplos, cujas contribuições teóricas nos parecem significativas, lembramos as contribuições preciosas da geografia crítica de Milton Santos e das propostas de Ladislau Dowbor, relacionando educação e desenvolvimento local sustentável.

Influenciadas por todos esses movimentos, há uma série de propostas e realizações de Educação Integral, escolares e extraescolares, voltadas para a integração da educação com a cidade em âmbito municipal, estadual e federal, dentre as quais se destacam os CIEPs (Estado do Rio de Janeiro, 1980); os CEUS (Cidade de São Paulo, 2002); o Bairro-Escola da Vila Madalena (cidade de São Paulo, 1997); criado pela Cidade Escola Aprendiz; o Bairro-Escola da cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro (2006); e a Escola Integrada de Belo Horizonte, Minas Gerais (2007).

Outro programa importante, na mesma linha, e que alinhava todos esses, é o Mais Educação<sup>7</sup>, do Ministério da Educação, do governo federal. Esse Programa Mais Educação preconiza a Educação Integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio de atividades articuladas ao projeto de aprendizagem desenvolvido pela escola, como as relacionadas com educação ambiental, esportes, cultura e lazer, congregando ações conjuntas entre os ministérios da Educação,

*5 Diferentemente do que acontece em diversos países, no Brasil, infelizmente, os campos do urbanismo e da arquitetura brasileiras têm contribuído muito pouco para o debate das Cidades Educadoras, do Território Educativo. É fundamental que esses pesquisadores entrem logo nesta roda para que possam considerar em seus projetos e pesquisas as reflexões que outros campos vêm fazendo a esse respeito.*

*6 Ver referência na Bibliografia, ao final do texto.*

*7 O Programa Mais Educação foi instituído através da Portaria Normativa Interministerial nº 17, em de 24 de abril de 2007.*

da Cultura, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Esporte, da Ciência e Tecnologia, do Meio Ambiente e da Presidência da República.

Dentre todas essas influências que nos ajudam a construir o conceito de Educação Integral e de Território Educativo, que são os principais conceitos estruturantes de O Centro É uma Sala de Aula, um deles sintetiza todos os demais e nos servirá de guia em nossa jornada: o Bairro-Escola<sup>8</sup>, que tem como pressupostos as seguintes afirmativas:

- o ato de aprender é o ato de se conhecer e de intervir no seu meio;
- a educação deve acontecer por meio da gestão de parcerias, envolvendo escolas, famílias, poder público, empresas, organizações sociais, associações de bairro e indivíduos, capazes de administrar as potencialidades educativas da comunidade.

A Educação e a Cidade são problemas e, ao mesmo tempo, soluções para todos nós. E a perspectiva da cidade educadora nos abre a possibilidade de conquistar a cidade a partir da escola, requalificando-as como espaço público, ou seja, de todos.

Intimamente relacionados ao bairro-escola, queremos destacar dois outros princípios/ações fundamentais para a realização de O Centro É uma Sala de Aula: a intencionalidade pedagógica e a conectividade das ações desenvolvidas.

<sup>8</sup> Ver referência na Bibliografia, ao final do texto.



### **BAIRRO-ESCOLA VILA MADALENA**

Os educadores do programa visitam a Associação Cidade Escola Aprendiz na Vila Madalena e entram em contato com o conceito de bairro-escola desenvolvido naquela região.

Como diz Jaqueline Moll: *“A possibilidade de conversão do território urbano em espaço educador pressupõe uma intencionalidade pedagógica presente nas ações desencadeadas pelos diferentes atores que vivem a cidade e esta pressupõe explicitação/diálogo acerca do projeto educativo presente nas ações. Converter a cidade em uma pedagogia é, portanto, mais do que uma nova metodologia ou panaceia discursiva e requer, sobretudo, predisposição para um novo modo de olhar e de viver a cidade”*.<sup>9</sup>

Um olhar e um fazer que elevam a Assistência Social para além do assistencialismo voluntarioso, para uma inclusão real na dinâmica social da cidade.

Esses arranjos, compostos pelos mais diferentes atores, formam a rede socio-pedagógica do território. Essa formação depende do estabelecimento de conexões. Conexões que juntem o que tem estado tão separado. Que criem laços, interliguem categorias, aproximem diferentes, relacionem opostos, “impregnando de sentido cada ato cotidiano”, como era a prática pedagógica proposta por Paulo Freire, o grande exemplo de menino conectivo, segundo ele próprio se denominava.

A conectividade forma, em conjunto com a intencionalidade pedagógica, a essência e o motor deste programa. Que, nada mais nada menos, conecta a instituição educativa com a cidade, provocando uma série de mudanças na maneira de pensar e fazer educação e cultura nas respectivas instituições e na cidade como um todo.

Esses atributos são os responsáveis pela criação e desenvolvimento deste programa e, certamente, é o que lhe garante sustentabilidade. Viver isto exige novos arranjos e pactos educativos. Ainda que nos mesmos espaços, e com as mesmas pessoas, mas com outros papéis, outros usos e relações.

Queremos, mais uma vez, reafirmar que cidade educadora não é uma cidade que se configura pedagogicamente aos modos da escola e também não é uma escola que se assume como cidade, metaforicamente, para organizar-se. No contexto do Centro É uma Sala de Aula, cidade educadora se transmuta em bairro-escola. O território urbano se reconhece e se potencializa como meio educativo (Território Educativo) do qual a escola é apenas um dos seus elementos. No bairro-escola, a centralidade das ações não está na

<sup>9</sup> MOLL, Jaqueline. *A Cidade Educadora como Possibilidade- Apontamentos*. In: TOLEDO, Leslie; FLORES, M.L. Rodrigues & CONZATTI, Marli (orgs.). *Cidade Educadora – A experiência de Porto Alegre*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 39-46.

escola nem na cidade, mas nas pessoas, nos sujeitos e nas relações que eles estabelecem entre si e entre eles e o território.

A partir desses princípios e objetivos, o programa se realiza por meio de oferta de Trilhas Educativas, de forma que as crianças, os jovens e os adultos<sup>10</sup> atendidos pelas instituições participantes circulem, acessem e usufruam os espaços históricos e culturais da cidade. Ela é composta por duas modalidades distintas: as aulas-passeio onde são elaboradas e percorridas as Trilhas Temáticas, construídas como percurso urbano, ligando pontos da cidade dentro de um mesmo tema (trilhas da alimentação, trilhas ambientais, trilhas históricas, trilhas artísticas e culturais, etc.); as Visitas Monitoradas, quando são percorridos os espaços culturais e históricos parceiros do programa (museus, cinemas, teatros, centros culturais, etc.), realizadas na maioria das vezes de ônibus, disponibilizados às instituições beneficiadas pelo programa.

Para qualificar essas Trilhas Educativas se fez necessária toda uma formação direcionada para os gestores e educadores do bairro e da cidade, responsáveis pelo acompanhamento pedagógico dos cidadãos-aprendizes. Trata-se do Percurso Formativo, composto de dois momentos integrados e complementares: as Rodas de Conversa e as Trilhas Educativas, que serão também oferecidas para os educadores exatamente no mesmo formato que é oferecido para seus educandos. Ou seja, como Trilhas Temáticas e como Visitas Monitoradas.

*10 A partir daqui, chamaremos o público atendido de "cidadão-aprendiz".*



## **O ESPAÇO, O TEMPO, A CIDADE E O CIDADÃO** **(onde tudo recomeça)**

*"A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam."*

Leonardo Boff

O velho Centro paulistano é o contexto onde foi produzido o programa O Centro É uma Sala de Aula e é, simultaneamente, o local onde se dará o Processo Formativo, as Rodas de Conversa e as Trilhas Educativas que compõem a realização do programa. O Centro é o contexto de origem e de desenvolvimento da cidade de São Paulo.

Daí, a grande dificuldade que tivemos em incluir este capítulo no conjunto das demais partes do livro, fazendo com que chegássemos até mesmo a considerar a possibilidade de deixá-lo de fora. Relatar pontos relevantes da maravilhosa aventura histórica de São Paulo selecionando acontecimentos que fundamentem o contexto do programa O Centro É uma Sala de Aula não é, nem foi, tarefa fácil.

Arriscamos uma pequeníssima e pontilhada incursão na história da formação da cidade de São Paulo. Mas por que contar essa história?

O Centro É uma Sala de Aula, enquanto modelo de aplicação da metodologia de bairro-escola, deve necessariamente considerar as particularidades locais, os saberes prévios. As geografias, as culturas, as histórias deste lugar. Tudo isso influencia nossa vida, nossos planos. É o que nos lembra Leonardo Boff, quando diz que "a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam".

E, afinal, sobre que terras estamos pisando? De onde estamos falando? Onde é que se passa esta história? Que cidade é esta? Que Centro é este? E como é que foi formado este fabuloso conjunto cultural e histórico que é a razão de ser deste programa? Como é, também, que se formou este mesmo Centro, que não é sempre tão formoso assim, com seus conflitos e contradições, espaço-síntese da crise atual pela qual passam as grandes metrópoles mundiais?

Como colocamos anteriormente, o foco inicial da formação é a apresentação para os alunos da(s) história(s) do(s) nascimento(s) e desenvolvimento da cidade de São Paulo, e a reflexão sobre todo esse processo, uma vez que O Centro É uma Sala de Aula tem como território prioritário de intervenção o Centro Histórico de São Paulo, onde a cidade nasceu.

Para que uma roda de conversa seja boa, é fundamental conhecer o ambiente em que ela irá acontecer. Tirar proveito de cada recurso, de cada detalhe. Para isso, é preciso conhecer sua história, saber do que este "lugar" é feito, quem participou da sua "feitura", e sob quais condições, pois cada lugar vivido guarda segredos e informações especiais. Ele comunica e conta, a quem souber e quiser ler, tudo o que se passou por ali, além de dar pistas para as possibilidades futuras daquele espaço.

Para trabalhar sobre isso, propõe-se articular as biografias da cidade com a de seus habitantes. Ou seja, considerar a(s) história(s) do Centro da cidade de São Paulo, assim como a(s) história(s) de cada um de seus habitantes (aqui representados pelos educadores, pelas crianças, pelos jovens e adultos participantes do programa), é o foco principal da preparação para a construção e realização do programa O Centro É uma Sala de Aula.

O entendimento do contexto onde se dá a formação é a parte inicial dela mesma, seu pressuposto e pretexto.

Queremos mergulhar na história da cidade, em seus tempos e espaços, na perspectiva de entendê-la como território de múltiplas histórias e culturas que a compõem. Exatamente por isso, a cidade é portadora de incontáveis possibilidades educativas.

O espaço urbano é produto de inter-relações e se constitui através de interações, desde o imensamente global ao mais especificamente íntimo. Identidades, relações, diversidades se constituindo mutuamente.

Conhecer a história da cidade de São Paulo e a sua vocação educativa é entender os porquês e os "comos" das suas transformações contínuas e compreender que isto está intimamente relacionado com a vida das pessoas, com a nossa vida.

Conhecer a história dos lugares que frequentamos nos permite sentir que somos parte dessa história. Esse conhecimento propicia a renovação das imagens preconcebidas que tínhamos desses lugares e que nos afastavam deles.

Cidade-feia, cidade-poluída, cidade-perigosa, cidade-violenta... A sensibilidade histórica permite a mudança e a inversão desses registros. Abrem um campo de construção positiva e propositiva, a partir do momento em que nos vemos como parte desta história e como seus coautores.

E passamos do velho e conhecido refrão “não tenho nada a ver com isso” para o tão bem-vindo “tenho tudo a ver com isso”.

É esse passado do qual nós viemos, do qual somos feitos. E essa compreensão será a chave que gera a identidade de cada um com o espaço urbano diverso, a comunhão com os lugares e o sentido de pertencimento, fundamentais para que queiramos e possamos participar e transformar nossas vidas, nosso mundo.

*“[...]e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida.”*

**Milton Santos**

Não se trata de contar toda a história da cidade. O que se quer, sim, é levantar algumas particularidades desde sua formação até os dias de hoje. Peculiaridades que nos parecem interessantes relacionar com a história que se quer contar, sobre o encontro da Escola com a Cidade.

Apesar de estarmos nos referindo aqui às escolas públicas municipais e ao perímetro do Centro Histórico de São Paulo, nossa visão sistêmica de cidade nos faz considerar as interligações e interdependências entre esse contexto específico e os demais à sua volta. O que nos faz entender que a história da urbanização e da educação no Centro de São Paulo se confunde com as histórias nacional, estadual e municipal.

Assim, pedimos licença para fazermos um brevíssimo resumo para entender o contexto geral, e, desde já, adiantando as desculpas por esquecer um fato ou outro.

Dito isto, vamos em frente entender do que é feita esta São Paulo de que tanto falamos, mas que ainda tememos.

## (daquilo que somos feitos – passado e presente)

*“O instante e o local escolhidos  
influenciarão decisivamente no seu destino.  
O fundador da cidade ali terá plantado o embrião espiritual  
de onde brotará a cidade manifestada.”*

Luiz Augusto Kehl

O momento em que é fundada uma cidade a religará permanentemente a um determinado sentido. São Paulo nasceu no pátio de uma escola no mesmo momento em que também se comemorava o início das atividades dessa escola, o Colégio de São Paulo de Piratininga. Nasceram juntos: aldeamento e escola. Talvez seja a única metrópole do mundo nascida de um colégio<sup>11</sup>. Foi no pátio de um colégio. Não foi na administração da escola, nem na sala de aula. Foi no pátio, lugar de recreio, intervalo das aulas. Momento de encontro, de trocas. Troca de saberes, novidades. Mas, se este é para nós, hoje, o significado de “pátio”, naquele tempo pátio era algo ainda mais amplo, era sinônimo de terreiro, de praça – que era o ponto de maior interesse na vida da comunidade.

Nascemos assim: cidade-praça, cidade-escola.  
Está em nosso DNA. Isto é inexorável!  
Guarde isto e vamos adiante.

Pelo que conta a história, os primeiros habitantes do território onde, hoje, São Paulo está foram os Tupis, Tupiniquins. Sempre muito abertos ao novo, acolhedores ao que era diferente e distante, adaptavam-se com grande facilidade às novas realidades.<sup>12</sup> Hospitaleiros e novidadeiros. Como nós, os paulistanos!

Tem mais: esta cidade, desde sua fundação, se fez dinâmica e transitória. Habitada por um povo de temperamento andarilho, para o qual a terra onde se vive não tinha tanta importância, pois estava sempre em busca de outras. Aventureiros e descuidados. Como nós?!

A partir desses primeiros tempos, São Paulo passou quase três séculos vivendo em um ritmo muito lento, até finais do século XIX. Uma calma aldeia colonial,

11 Afirmação feita por Maria Aparecida Lomonaco: “Pátio do Colégio – Um lugar de muitas memórias”. In: *Os Nascimentos de São Paulo*. BUENO, Eduardo (org.). São Paulo: Ediouro, 2004.

12 Informações tiradas de Benedito Prezida, em “Os Índigenas do Planalto Paulista”. In: *Os Nascimentos de São Paulo*. BUENO, Eduardo (org.). São Paulo: Ediouro, 2004.

com ares de um mundo ainda rural. Sua função principal nessa época era a de entroncamento e ponto de partida das tropas de bandeirantes em direção ao interior. Nesses passos lentos, foi cumprindo o seu papel de passagem para outras terras.

E assim São Paulo foi se consolidando como porta para o desenvolvimento do Estado e do Brasil.

Em São Paulo, até meados do século XIX, eram cerca de 30 mil pessoas que dormiam cedo, ao cair da noite, pois suas poucas ruas ainda não eram iluminadas. Quase não havia movimento. As novidades e o desenvolvimento econômico e cultural estavam bem longe dali: na corte do Rio de Janeiro e nas ricas terras da Bahia e Minas Gerais. Difícil para nós, hoje, imaginar uma São Paulo assim, construída toda de barro e pacata, pobre e isolada de tudo, com a maioria de sua gente ainda analfabeta e com apenas uma dúzia de professores.

O ritmo de desenvolvimento começa a aumentar quando da fundação da Academia de Direito, no Largo de São Francisco (1828). A escola atraiu estudantes de todo o Brasil, que deram à cidade uma coisa que ela nunca mais deixaria de ter: o ar cosmopolita e o frenesi intelectual. Seria ali que, mais tarde, estaria garantida a formação superior dos filhos dos barões do café.

O café. Foram os seus barões que, trocando a casa-grande da fazenda pelo sobrado da cidade, impulsionaram a urbanização e atraíram a modernidade-mundo para lá. O café. Foi ele o culpado! Com ele começou o que nunca mais parou. O crescimento assombroso de sua produção forçou a construção de ferrovias e financiou o desenvolvimento da indústria na cidade. São Paulo, a todo vapor, a locomotiva do país. Suas lavouras, que se deslocaram do Vale do Paraíba para o Oeste Paulista, atraíram milhares, milhões de trabalhadores estrangeiros e brasileiros, que foram chegando vindos de todos os cantos do mundo. Foi um surto migratório ímpar na história do país.

A maioria era formada por italianos, mas também vieram portugueses, espanhóis, alemães, sírios, libaneses, japoneses, armênios, árabes, judeus, nordestinos, mineiros, cariocas, gaúchos e outros. Escravos libertos, fazendeiros enricados, estrangeiros fugidos de guerra, brasileiros querendo viver melhor. Todos queriam São Paulo! Em busca de trabalho, em busca de cultura, em busca de prazer.

Para desempenhar as novas funções e abrigar toda essa gente, a cidade passou por alterações radicais nos padrões de uso e ocupação do solo e expandiu muito a sua mancha construída. A paisagem se alterava imensamente. Colaborou muito



### MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

"Minha pátria é minha língua", dizia Fernando Pessoa. O Museu da Língua Portuguesa, parceiro do programa, iniciou suas atividades educativas em 2005. Um dos pouquíssimos museus do mundo dedicados a um idioma, o museu instalado no prédio da Estação da Luz revela os muitos sotaques que ali chegavam, vindos de todas as partes do mundo, mostrando como outras línguas, e maneirismos, influenciaram e continuam influenciando a nossa língua portuguesa.

para isso a chegada das primeiras linhas férreas na região (a partir de 1867).

Consideradas o novo ícone da grandiosa indústria moderna, foram construídas para escoar a enorme produção da "Sua majestade, o Café". Ligando o interior com o Porto de Santos, as ferrovias tinham em São Paulo seu ponto de entroncamento principal.

A modernização se refletia nos hábitos da população e a cidade vivia um processo enorme de embelezamento: praças, lojas, passeios e principalmente a construção acelerada de vários palacetes faziam parte do novo cotidiano. O Centro ampliou os espaços sociais de convivência, até então praticamente restritos aos encontros familiares ou aos circuitos vizinhos às grandes fazendas.

No entorno do velho Centro foram se configurando as ruas e os bairros especializados, movimento este intimamente associado à chegada dos novos habitantes, os imigrantes estrangeiros que ocupam e marcam este território com traços de suas culturas e tradições. Este foi e continua sendo o nosso maior patrimônio: gente! Gente de todo canto, de todo jeito.

Por outro lado, a expansão territorial e demográfica implicava o surgimento de cortiços e epidemias.

E, assim, foi-se desenhando esta nossa geografia e se confirmando a identidade de São Paulo: a cidade dos mil povos, das mil caras.

A segunda fundação de São Paulo (por volta de 1875) já anunciava a gestação

da metrópole, da futura cidade-mundo. Diante de tanta novidade, a cidade precisou se reestruturar toda e vivia o que muitos autores chamam de "segundo nascimento". E, desde então, sempre em obras...

A cidade ganha seu primeiro prefeito, Antônio Prado (1898/1908), e inicia-se um intenso processo de modernização urbana, sob o regime oligárquico.

As casas coloniais foram sendo demolidas e em seu lugar edifícios comerciais e administrativos foram erguidos. As ruas foram sendo alargadas, novas avenidas foram construídas para receber os automóveis (1893), as linhas de bonde elétrico (1900) e, depois, as linhas de ônibus (1924).

A partir do final do século XIX, foram pipocando novas construções uma atrás da outra, reconfigurando enormemente a paisagem e o cotidiano do velho Centro, dando-lhe o caráter monumental que tem até hoje.

Os Campos Elíseos (1879), a Avenida Paulista (1891), o Viaduto do Chá (1892), o Museu do Ipiranga (1890), a Estação da Luz (1901), a Pinacoteca do Estado (1905), o Theatro Municipal (1911), o Palácio dos Campos Elíseos (1915), o Mercado Municipal (1926-1933), o Edifício Martinnelli, "o primeiro arranha-céu da cidade" (1929), a Estação Júlio Prestes (1938), o Estádio do Pacaembu (1949), o Museu de Arte de São Paulo (1947), o Edifício Copan (1951-1966), para relacionar apenas os mais-mais importantes.

Enfim, aí estava o novo Centro de São Paulo cheio de luxo, diversão, sensação



### CATEDRAL DA SÉ

Maior igreja de São Paulo, concluída em 1616, a Catedral da Sé tem capacidade para abrigar 8 mil pessoas. Bispos, arcebispos e personagens importantes da história brasileira estão sepultados na sua cripta. Uma visita à catedral proporciona várias descobertas, permitindo ainda conhecer e tocar no Marco Zero da imensa metrópole, "o umbigo da cidade", que fica na mesma praça.



### PARQUE DA LUZ

Localizado na região da Luz, o jardim público paulistano renasce com as políticas de revitalização da região central. O Parque da Luz apresenta inúmeras oportunidades de aprendizado, com suas esculturas, sua fauna e árvores nativas – tudo ali no coração da cidade.



### PINACOTECA DO ESTADO

Um dos mais importantes museus de arte do país, a Pinacoteca do Estado possui em seu acervo 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, colagens, desenhos, tapeçarias, porcelanas e louças. Exposições permanentes e temporárias compõem a rica programação, permitindo várias visitas ao longo do ano.

de futuro. O embrião da futura megalópole já pulsava ali. E, pelo visto, apesar de ter sido anunciado só nos anos 1940, o *slogan* “São Paulo não pode parar” já comandava os seus passos, desde a virada do século.

Na década de 1930, a população da cidade atinge a marca histórica de 1 milhão. Total que, em 1950, dobra para 2 milhões. A partir de 1953 passa a ser a cidade mais populosa do Brasil. E, hoje, é a segunda no mundo, com seus quase 11 milhões de habitantes, que chegam de toda parte do Brasil e dos quatro cantos do mundo.

Existem hoje mais de 50 comunidades consolidadas no território paulistano, representando seus respectivos países. Além dessas, todos os Estados brasileiros têm suas comunidades aqui representadas.

O processo de abandono e degradação do Centro se inicia na década de 1930 e se agrava a partir de 1960, intimamente ligado à priorização e proliferação do uso do automóvel e à abertura de novas vias para que ele circulasse. As praças transformam-se em estacionamentos. Começam os congestionamentos e a poluição do ar, responsáveis pela intensificação da degradação e pelo esvaziamento do Centro.

O período pós-Segunda Grande Guerra (1945–1964) foi marcado pela industrialização intensiva de São Paulo. Agravavam-se os problemas urbanos de carência de infraestrutura, saneamento e transportes.

A partir de 1965, tem-se início uma nova leva de intervenções urbanas de grande

porte, principalmente no que se refere ao sistema viário. Entre elas as marginais Tietê e Pinheiros, avenidas Sumaré, Radial Leste, 23 de Maio, Rubem Berta, o início do metrô. Foi durante esse período que o serviço de bondes foi extinto em São Paulo. A função principal da metrópole paulistana se altera de industrial para megalópole terciária.

No vai-e-vem desse constrói-desconstrói-reconstrói, camadas e camadas de novas construções foram se sobrepondo "com escritas literárias de qualidade cada vez pior", conforme lamenta o arquiteto-historiador Benedito Lima de Toledo. O resultado foi que, em menos de 100 anos, entre o final do século XIX e o final do século XX, existiram três São Paulo: uma de taipa, outra de tijolo e agora esta, de concreto. Duas vezes reconstruída sobre o mesmo lugar.

Então, quase tudo o que vemos hoje no Centro Histórico: museus, praças, parques, monumentos, edifícios, ruas e avenidas, tem menos de 120 anos de existência, apesar dos 454 anos de vida da cidade.

Bom para o desenvolvimento, mas ruim para nossa história, nossa memória. Muito pouco nos resta de patrimônio histórico construído que testemunhe a cidade colonial de outrora, e muito do que hoje somos talvez tenha ficado perdido por lá.

*"As cidades brasileiras crescem muito rapidamente, e, entre elas, São Paulo mais que qualquer outra. A velocidade é tão grande, a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior: os jovens não conhecem a cidade onde, jovens como eles, viveram os adultos. Assim, as lembranças são mais duradouras que o cenário construído, e não encontram nele um apoio e um reforço. Os estudos históricos tornam-se, então, duplamente necessários, para que não se deixem cair no esquecimento os cenários da vida passada, e para restituir profundidade à experiência do ambiente urbano."*

**Leonardo Benévolo**

Ser paulistano, então, é isto: quando o filho nasce, a cidade onde os pais foram criança já não está mais lá. E as lembranças não encontram apoio nem reforço no cenário construído. É disso que somos feitos: de um lado, da eterna novidade dos dias, que nos encanta, e, de outro, de um pacto infeliz que como um feitiço nos destinou a nunca poder parar.

Com paixão ou lamento, o fato é que esse crescimento excessivo e descontrolado causou uma série de problemas sociais e estruturais para a região central, tal qual o restante da cidade, mas em grau mais elevado: falta de segurança, dificuldades na acessibilidade, congestionamento de automóveis, expansão de cortiços, proliferação de comércio ambulante ilegal, vandalismo, depredações... Tudo isso acabou incentivando as grandes empresas e corporações a saírem do Centro e a procurarem outras regiões para se localizarem, ocupando imóveis com mais conforto e funcionalidade. Pois, além de tudo, os edifícios da região central não atendiam mais às demandas dessas empresas, principalmente por não possuir garagens ou estacionamentos. E, em terra onde o automóvel é rei, todo mundo quer chegar de carro até a porta do seu trabalho.

Assim foi que as empresas foram procurar outros locais para se instalar, construindo, desde a década de 1960, novas centralidades na cidade, localizadas na região das avenidas Paulista, Faria Lima e Berrini e ao longo da Marginal do Rio Pinheiros.

A construção de inúmeras avenidas, viadutos e elevados contribuiu imensamente para a deterioração do ambiente urbano na área central, comprometendo o entorno dos equipamentos culturais daquela região. Pois, se melhorou para os automóveis, apesar da chegada do metrô (1974), a situação vai piorando cada vez mais para os pequenos deslocamentos dentro do Centro Histórico, principalmente aqueles realizados a pé.

Com a transferência do centro de negócios para a Avenida Paulista, a partir dos anos 1960, houve o deslocamento das elites econômicas. Isso, somado à implantação das grandes obras viárias na região, implicou o isolamento da área central e sua deterioração. Essas obras entravam em conflito com o patrimônio histórico, pois os proprietários desses imóveis não apoiavam a preservação, que era por eles considerada um obstáculo ao desenvolvimento urbano. O interesse econômico estava na frente, sobrepujando preocupações com história, cultura ou qualidade de vida naquela região – a alma da cidade.

Apesar de a região central ver decrescer continuamente o montante de investimentos, continuava a ter uma intensa atividade promovida pelo comércio varejista, pelos negócios jurídicos e financeiros e pela justa fama de excelência na oferta de serviços especializados. Mas o fato de cada vez menos gente fixar residência ali tornou-se um fator negativo a mais na lista dos motivos que levaram à queda da qualidade de vida na região.

Para reverter esse quadro, a partir de 1970 a região vem passando por uma série de processos de revitalização, requalificação, renovação, reurbanização, restaura-

ção de seus espaços públicos e de seu patrimônio construído, público e privado. A recuperação do Colégio Caetano de Campos, na Praça da República, e do Edifício Martinelli deu início a esse processo que, na década de 1990, se intensificou.

Uma série de políticas de revitalização foi adotada, promovendo o restauro e o reaproveitamento de edifícios históricos. O objetivo era incentivar a reocupação do Centro, gerando incentivos capazes de reverter a desvalorização imobiliária no local. Mas isso, de fato, não aconteceu, pois os projetos priorizavam os aspectos econômicos, deixando de lado os sociais e intersetoriais.

A partir de meados da década de 1990, as propostas de reabilitação passaram a associar o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento cultural, apoiado pelas novas leis de incentivo fiscal à cultura no Brasil.

Desde então, todo um conjunto de investimentos vem sendo feito na perspectiva da melhoria do ambiente urbano como um todo, priorizando os aspectos culturais e de infraestrutura urbana, inclusive na área habitacional, que passa a ser considerada estratégica. A ideia é a de que mais gente morando na região poderia garantir a intensificação dos usos daquele território e, consequentemente, trazer mais investimentos, maior segurança e melhor qualidade de vida. Entre os investimentos estão: Complexo Júlio Prestes, Praça do Patriarca, Pinacoteca do Estado, Theatro São Pedro, Museu de Arte Sacra, Universidade Livre de Música, Centro Cultural Banco do Brasil, Teatro Abril, Estação da Luz, Museu da Língua Portuguesa, Catedral da Sé, para citar alguns.

Esses investimentos foram apoiados pelo poder público (municipal, estadual e federal), pela iniciativa privada, pelas ONGs e, em pouquíssimos casos, pela sociedade civil, organizada ou não.

Hoje somos cidade-mundial, global. Somos 10,5 milhões de todos os tipos de gente de todos os cantos do mundo, carregados de sonhos e talentos que fazem de São Paulo a cidade campeã em tudo: gastronomia, arte, pesquisa, educação, música, teatro, cinema, dança, parques, museus, serviços. Trabalho e criatividade sem fim. Excelência em tudo o que faz: esta é a marca de São Paulo.

Mas, ao mesmo tempo, juntamente com outras metrópoles brasileiras e latino-americanas, vamos batendo outros recordes, dos quais não podemos nos orgulhar: congestionamentos, violência, destruição do patrimônio histórico, desigualdade e exclusão social, comércio ilegal, tráfico e consumo de drogas, falta de habitação para as classes mais pobres, privatização do espaço público, degradação ambiental...

São Paulo: cada vez mais diversa, plural, mundial e desigual.

*“Venha até São Paulo ver o que é bom pra tosse  
Venha até São Paulo dance e pule o rock and rush  
Entre no meu carro e vamos ao Largo do Arouche...  
Venha até São Paulo relaxar ficar relax  
Tire um xerox admire um triplex  
Venha até São Paulo viver à beira do stress.”*

Itamar Assunção

É nesse contexto geral que a cidade de São Paulo atravessou o século XX e entrou no XXI.

E com relação ao Centro Histórico da cidade? O que aconteceu?

O Centro de São Paulo foi, ao longo de sua história, reduzido a espaço de passagem e de traslado, movimento, muito mais do que um lugar de permanência. Como aumentar nessa região o potencial local enquanto espaço de vida, de convívio?

O fato é que os enormes investimentos para revitalizar, restaurar, requalificar o coração da cidade não afastaram de todo o risco do esvaziamento econômico e funcional. Muito já foi feito, mas ainda falta muito para que possamos mudar o panorama e garantir mudanças efetivas na qualidade desses espaços e das relações que ali se dão.

Cabe perguntar, como se retomássemos a primeira linha deste texto: que possibilidades temos de mudar isso, de reverter esta lógica?

## **(daquilo que somos feitos – possibilidades)**

*“O mundo é apenas um conjunto de possibilidades  
cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares.”*

Milton Santos

Tem muita gente por aí dizendo que São Paulo perdeu a sua alma, não tem identidade. Não queremos acreditar nisso. O fato de nossa cidade ser tão voraz e autodevoradora não lhe tira a alma nem a identidade. Pois essa é a sua cara! Inacabada e complexa, dinâmica e transitória. A sua história explica isso. A cidade de mil caras, de mil povos. Uma cidade que não podia parar, mas que agora precisa aprender a mudar seu ritmo, sob pena de perder-se de nós, os cidadãos. O coração da cidade, o velho Centro, precisa bater bem forte. E para isso precisa ser irrigado de muito sangue novo, de circulação e vitalidade.

O Centro É uma Sala de Aula nos ensina esta lição. A lição de como transformar problema em solução. De como tirar proveito dos traços que compõem as múltiplas identidades paulistanas, de suas pessoas e lugares, transformando esses atributos em caminhos potenciais para a superação de seus problemas.

Acreditamos que a recuperação da qualidade de vida no Centro da cidade depende da volta do orgulho do cidadão paulistano por sua memória e por sua história. Resgatar a autoestima da população passa, certamente, por um processo coletivo de interação afetiva. Não se trata de resgatar os tempos passados, mas de criar condições para a sua reconstrução simbólica no momento presente.

A proposta de conhecer e compreender a história passada e presente aciona possibilidade de construção do futuro. Surge a possibilidade da superação da tão indesejada "alienação", que vai indo embora e dá lugar a um processo de entendimento e de integração. Integração do passado com o presente num movimento de redescoberta da cidade, relacionando seus ritos fundadores aos novos rituais cotidianos.

*"Quando ando por Sampa penso que estou caminhando sobre meus ancestrais.  
E viver bem aqui e mantê-los vivos na minha memória  
e na memória desta colossal aldeia de desconhecidos.  
Penso nos antepassados  
e nos caminhos que faziam quando andavam por esta terra.  
Nos matos que tinham que desbravar,  
nas caçadas que tinham que empreender, nas guerras que guerrear.  
E penso que São Paulo é um pouco de tudo isso junto  
e desbravá-la é dar vida à memória dessa gente."*

Daniel Munduruku

O Centro É uma Sala de Aula se propõe a explorar a cidade enquanto espaço biográfico, pois parte do pressuposto de que o espaço-temporalidade é indissociável da experiência humana. Quando saímos à procura das histórias ainda não contadas, extrapolamos os limites da história linear, que organiza o espaço em uma sequência temporal e abrimos o espaço para a multiplicidade de histórias da qual é feita a história da cidade. Isso permite reconhecer que o futuro não está escrito de antemão e que está em nossas mãos construí-lo.

A sensibilidade histórica é base do comprometimento social e cria elos, complicações. Permite e provoca a mudança e a inversão de registros simbólicos e abre um campo de construção positiva e propositiva, a partir do momento no

qual nos vemos como parte desta história. Percebemos que a cidade é um grande livro aberto, uma obra aberta, e seus personagens estão vivos. Um livro que vai sendo escrito dia a dia. Um livro do qual somos coautores.

Como vimos, São Paulo teve vários nascimentos. Construída, demolida e reconstruída tantas vezes, se refaz a cada dia. Nosso patrimônio histórico é este: a incompletude material e a força de nossa gente.

*"A poesia desta cidade não está na paisagem geográfica,  
mas na paisagem humana.  
Vivemos aqui o confronto entre o caos urbano e a riqueza humana."*

**Gilberto Dimenstein**

Este intenso dinamismo e transitoriedade, esta vertigem de transformação, nos causa instabilidade e certa insegurança. Para superar esse sentimento é fundamental que compreendamos esses processos, para que nos aproximemos de nosso território, de nosso chão. "O conhecimento tira o medo", declarou um educador após percorrer uma das trilhas temáticas pelo Centro de São Paulo. Conhecer a cidade para entender seus segredos, sua poética, seu desvario, para com ela criar vínculos de cuidado e comprometimento mútuos. Precisamos todos deste conforto: nós e ela. Para seguirmos melhores, mais íntimos e solidários, ainda que cosmopolitas e mutantes.

Esta tem sido uma das grandes lições que, desde 2005, a "Professora Dona Cidade" está nos dando em nossa nova sala de aula, o Centro da cidade.

E nos ensina a persistência e a coragem:

*"Ao entender o espírito da cidade de São Paulo, entendemos o poder da cidade. Assim, a criança e o jovem descobrem o seu poder pessoal. Eles aprendem, com São Paulo, a ter coragem e persistência."*

**José Augusto Novas**

Educador do Núcleo Socioeducativo Santo Expedito

São Paulo tudo pode. O exercício de praticar a cidade relacionando seus ritos fundadores aos novos rituais cotidianos nos parece um caminho para aprendermos que podemos transformar adversidades em possibilidades. E esta lição é para a vida toda!

Mas, além de entendermos seu movimento e nos harmonizarmos com ele, precisamos fazer mais. Pois a cidade quer não só ser compreendida, mas usada, possuída. E nós, como cidadãos-aprendizes, dependemos disso para nos tornar cidadãos de verdade.

*“É o binômio ser humano–território que, articulado, cria sentido histórico e social dos indivíduos.”*

Milton Santos

E essa articulação se dá através de seus usos e significados. O fato é que o modelo de desenvolvimento e expansão territorial de São Paulo foi comprometendo a vitalidade do seu centro–coração. Não seja por falta de gente ou de atividade, pois isso São Paulo tem de sobra. Mas sim, provavelmente, porque essas atividades não estejam gerando relações de reciprocidade entre as pessoas, as suas ações e os espaços onde elas atuam.

Relações de reciprocidade dão sentido ao mundo e são criadas a partir do uso dos espaços, do acionamento e do aproveitamento de seu potencial cultural e educativo. Relações de troca, eis a essência das cidades desde que surgiram no mundo.

A cidade – o lugar do encontro, das trocas, das descobertas e das oportunidades – foi vendida! Tornou-se hostil para os próprios cidadãos, perdeu sua magia e seu poder de encantar. E suas ruas, que eram as artérias por onde pulsava a energia vital da cidade, ou seja, cheias de gente, foram tomadas por automóveis e reduzidas a compor meros adjetivos pejorativos do tipo: menino-de-RUA, jovem RUEIRO, fazendo arRUAça.

A cidade é um espaço relacional. E é a qualidade das relações que se estabelecem entre as pessoas e seus espaços que compõe a sua alma. Que relações estabelecemos com a cidade hoje? Não passamos de “usuários”, ou seja, consumidores de infraestrutura e demais serviços que a cidade oferece. Queremos passar de usuários a praticantes, “usadores” da cidade, sair da condição de cidadãos imperfeitos e de consumidores mais–que–perfeitos.

Um caminho possível seria a tessitura de novas territorialidades, a construção de novos usos e significados para os espaços da cidade. Significados e usos que incluam planos afetivos, educativos e culturais.

Um caminho para isso é nos tornarmos “praticantes”<sup>13</sup> da cidade.

O Centro É uma Sala de Aula, na sua dimensão de bairro–escola, não pode ser um *slogan*, um lema. Só se sustenta como uma prática, como ação transformadora.

Mas... Como é praticar a cidade?

<sup>13</sup> Proposta desenvolvida por Michel de Certeau, em- *A Invenção do cotidiano 1– Artes de fazer*. Petrópolis:: Vozes, 1994.



## PRATICAR A CIDADE

### (preparativos necessários)

*"A formação aparece aqui como um trajeto não normatizado no qual se aprende a ler e a percorrer o mundo."*

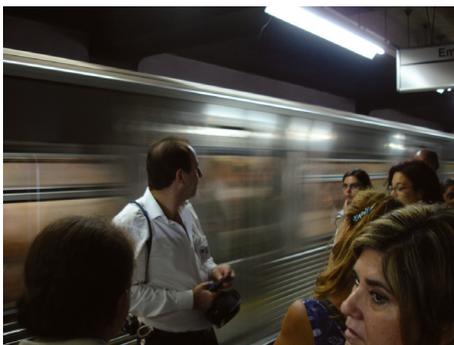
Jorge Larossa

A formação de educadores, estratégia principal e estruturante do programa O Centro É uma Sala de Aula, nasceu da necessidade de superar alguns obstáculos que se apresentaram durante a implantação das atividades previstas.

O primeiro obstáculo encontrado foi a resistência inicial por parte dos professores e das famílias das crianças e jovens das escolas e núcleos da região central. Havia o hábito antigo – fazer passeios a lugares com os quais todos os envolvidos já tinham bastante familiaridade. Os educadores conheciam os espaços e isso lhes garantia segurança na condução da visita perante os alunos e a comunidade escolar, espaços bastante previsíveis. O Jardim Zoológico e o Parque da Mônica apresentam-se como exemplos do antigo repertório de visitas escolares. Mas... passear no Centro da cidade?! Em São Paulo?! Como assim?! Por quê?!

*"No Centro de São Paulo, as escolas e salas de aulas têm o privilégio de estar situadas em meio a um grande espaço cultural. Já estava tudo pronto, era só usar. Então, veio a ideia: por que não aproveitar a oportunidade? Usar o potencial cultural que existe no Centro em favor da educação. Neste bairro estão todos os melhores equipamentos culturais, não apenas da cidade de São Paulo, mas do Brasil. Há a Pinacoteca do Estado, a Estação Pinacoteca, o Museu da Língua Portuguesa, diversos cinemas, livrarias, o Mosteiro de São Bento, o Parque da Luz, O Museu de Arte Sacra, a Sala São Paulo, o Theatro Municipal, o Centro Cultural Banco do Brasil, o Centro Cultural da Caixa Econômica, diversas universidades... O potencial de conhecimento de cultura é muito grande. Bastava abrir os portões das escolas e permitir que as crianças tivessem acesso a tudo isso que já existe nesta cidade."*

Andrea Matarazzo  
Secretário das Subprefeituras



### TRILHAS NOS SUBTERRÂNEOS DA CIDADE

Educadores utilizam o metrô para realizar trilhas e percursos pelos pontos históricos do Centro de São Paulo.

Visitar ruas e equipamentos culturais do Centro era bastante incomum para a maioria das instituições participantes. Mesmo sendo o local onde elas se situavam e onde a maior parte do seu público atendido mora, não era muito comum que esses espaços fossem considerados atraentes ou pedagógicos por parte dessa comunidade. Muito pelo contrário: os espaços e ruas do Centro causavam medo e aversão. Boa receita para a difusão da indiferença social, que, por sua vez, provoca a decadência do ambiente urbano.

Diante da proposta de levar os cidadãos-aprendizes a percorrer o Centro da cidade, outra reação que os educadores tiveram foi de desconfiança. Bastante compreensível, pois o espaço urbano não lhes transmitia segurança.

Além do que, entre as instituições participantes, a maior parte é formada pelas escolas municipais, que atendem a um total aproximado de 15 mil alunos, de todas as idades, incluindo os alunos adultos. Destes, quase 50% têm até 5 anos de idade. Tal realidade explica, em parte, a preocupação dos gestores e professores.

Se, para nós, adultos, a cidade já é uma ameaça, imagine para uma criança pequena! Para além desses agravantes, temos a prevalência de um discurso anti-urbano, responsável pela sedimentação em nosso imaginário da ideia de que cidade é sinônimo de violência, poluição, degradação.

Francesco Tonucci, educador italiano, nos explica lamentando que *“há algum tempo tínhamos medo do bosque. Era o bosque do lobo, do urso, da escuridão. Era o lugar onde*

*a gente podia se perder. Quando nossos avós nos contavam as fábulas, o bosque era o lugar preferido para esconder os inimigos, os medos, as angústias. E, ao contrário, em casa e nas ruas da cidade nos sentíamos seguros. Ali era nosso mundo, domínio".*

E continua: *"Mas, nos últimos 20 ou 30 anos, tudo mudou! A cidade se tornou agressiva, perigosa. E, de outro lado, o bosque, o 'verde', a 'natureza', aparece como a última ou única possibilidade de realização do sonho, de harmonia, de felicidade".<sup>14</sup>*

Se, de um lado, a cidade exerce um grande fascínio, de outro, ocorre a preocupação com a falta de segurança. O caos urbano acaba nos afastando dela.

Para lidar com essa ambivalência entre desejo e medo, a equipe do programa elaborou uma formação com duração anual que pudesse atuar na origem desses sentimentos, conceitos e valores, que influenciam e comprometem enormemente a pedagogia praticada pelos educadores e as práticas urbanas de todo aprendiz-cidadão.

O programa busca criar condições e estratégias para que se desenvolva uma nova educação que potencialize uma atitude positiva com relação ao meio ambiente urbano, que reverta percepções e tendência de anticidade, da lógica do fracasso, do catastrófico.

Para romper preconceitos e padrões estabelecidos, a proposta de formar educadores, como multiplicadores do programa no am-



### MEMORIAL DO IMIGRANTE

Imigrar significa sair de seu país de origem e entrar em outro, para ali viver ou passar um período da vida. Vários povos vieram para o Brasil e se fixaram no território, trabalhando em vários setores, como agricultura, artesanato, comércio e indústria, e outros tantos. Os educadores visitam o Memorial do Imigrante, onde conferem as influências trazidas pelos imigrantes – o idioma português, a culinária italiana e japonesa, as técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas...

<sup>14</sup> TONUCCI, Francesco. *La Città dei Bambini*. Roma: Editori Laterza, 1996, p. 5.



### **THEATRO MUNICIPAL**

Ópera, teatro, música, história, arquitetura e arte no Theatro Municipal. Educadores participam de visita monitorada oferecida pela ação educativa do espaço.

biente escolar e urbano, foi desenhada na perspectiva de transformar o desinteresse, a apatia e a insensibilidade em relação à cidade em interesse, descoberta e entusiasmo. A essência da proposta é que as instituições educativas e a cidade mudem de posição, deixando de ficar uma de costas para a outra, e passem a se olhar de frente. A ação de formação estimula, de maneira participativa, a criação conjunta de novos discursos e práticas em torno da educação, capazes de desenvolver e potencializar atitudes positivas diante do meio ambiente urbano e contrapor tendências atuais anticidade e anti-escola. Aqui está o desafio do programa, enquanto formação e enquanto prática educativa: colaborar para a construção de uma pedagogia do urbano.

Mas é preciso dizer que não é só por temê-la que não a conhecemos e não a desejamos. Na verdade, grande parte dos espaços culturais que a cidade oferece não é tão acessível para o cidadão comum. Mesmo com oferecimento de ingressos a preços populares, a ideia de que a "cultura" não é para "qualquer pessoa" é senso comum e cria uma espécie de bloqueio no acesso aos espaços e bens culturais por eles oferecidos. Tal senso comum foi historicamente construído, pois, de fato, durante muito tempo espaços como museus, teatros e outros não estiveram ao alcance da maior parte da população paulistana. Isso explica a cristalização de uma série de imagens e tabus, que existem no imaginário da população, diante da falta de oportunidade de desfrute do que a cidade tem de bom.

Todos nós nascemos com um conjunto de potenciais. Para desenvolvê-los, precisamos de oportunidades.

*“As únicas oportunidades que verdadeiramente desenvolvem o potencial de um ser humano são as oportunidades educativas. As demais apenas criam as condições para isso.”*

**Antônio Carlos Gomes da Costa**

E este é um direito do qual não podemos abrir mão.

O Centro É uma Sala de Aula possibilita o exercício desse direito do cidadão à cultura e à educação integral e amplia as oportunidades de vivências na cidade, contribuindo para que São Paulo se reafirme a cada dia como cidade educativa. Para isso, a formação se estruturou em torno de práticas, teorias e metodologias que possibilitem essa aproximação: o encontro da educação com a cidade, o encontro do educador com a cidade, o encontro das crianças e jovens com a cidade.

O programa de formação cria situações, teorias e práticas para que os educadores participantes possam descobrir os espaços da cidade, gerando aproximação e identificação. A metodologia alterna aulas teóricas com formação itinerante, percorrendo com os educadores os mais diversos espaços do Centro de São Paulo. E, nesse processo, os educadores vão criando laços de intimidade, integração e pertencimento com a cidade, com o território.

A abordagem proposta envolve a integração de todas as áreas do conhecimento – transdisciplinar, multidimensional – e surge a cidade e os seus saberes vivos e pulsantes. Tal ação demanda uma visão da cidade enquanto ambiente educativo, conectando potenciais urbanos ao currículo e à construção de saberes dos alunos, dos cidadãos.

Sabemos que o desafio de integrar conhecimentos é enorme numa sociedade que trata os saberes de forma separada há muito tempo. Nós nos especializamos em separar e isolar as coisas. Aprendemos assim porque nos ensinaram que, compartimentando a realidade em disciplinas isoladas, mais profunda seria a compreensão de cada área.

Fomos formados para ser especialistas e, com ou sem diploma, só pensamos em resolver as questões que nos interessam ou que precisamos resolver de imediato. E não será de um dia para o outro que iremos aprender a relacionar coisas que historicamente vêm sendo tratadas separadamente.

Se somos assim, fragmentados, e se vemos o mundo assim, por pedaços, isso ocorre porque aprendemos a ser e a ver as coisas dessa maneira. Para mudarmos nossa visão das coisas, precisamos mudar a nossa maneira de ser e estar no mundo, rever conteúdos e reciclar nossos valores e conceitos.

Para que as instituições educativas e a cidade encontrem novas qualidades, precisamos começar por nós, cidadãos-aprendizes.

*"A sociedade mudou e essa sala não dá mais conta.  
Você não tem mais como ficar aqui dentro.  
Se você ficar, perde uma geração.  
E perde não só no sentido do aprendizado.  
Você perde os valores e a autoestima."*

**Rosimeire Juraitis**

*Educadora da EMEF Celso Leite Ribeiro Filho*

Para isso, a quebra das rotinas escolares e educativas é fundamental, para que se abra espaço para o novo, o diferente. Aprender na cidade e com a cidade é um processo permanente de renovação de critérios e parâmetros. A cidade nos obriga a reformular nossas visões e a romper sistemas habituais de percepção.

*"Obtivemos conhecimentos importantes do Centro de São Paulo.  
Houve uma mudança no meu olhar em relação ao Centro."*

**Sandra Aparecida Silva Santos**

*Educadora da EMEF Cidade Osaka*

O que se propõe no ambiente da formação de educadores é ampliar o olhar, a percepção e aprender a relacionar o cotidiano e o espaço à nossa volta com as práticas pedagógicas. É uma conexão entre a educação e a cidade em busca de novas formas de atuação dos educadores e educandos na sua comunidade, no seu território.

É importante que a escola amplie sua ideia de cidade, como um espaço que educa, como um texto a ser lido, traduzido. Um texto que não se apresenta em forma de palavras, mas em múltiplas linguagens.

*"O programa abriu portas para tirar as crianças daquele mesmo ambiente. Minha luta pessoal é mostrar outros lugares para elas, de forma que não fiquem vendo todos os dias apenas aquela mesma placa em frente da escola com a palavra borracharia grafada com 'x'."*

**Sonia Regina Cegluskis**

*Educadora da EMEF Altino Arantes*

Para dar conta disso, só mesmo aprendendo a ler o mundo com Paulo Freire. É sua pedagogia a que nos guia nessa jornada, onde o ato educativo se fundamenta na lógica do encantamento e da descoberta. Ele nos faz lembrar que existe uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. Abrir a escola para a cidade é explorar essa possibilidade.

Mas a pedagogia da cidade não está tão ao alcance dos nossos olhos.

*“Confesso minha dificuldade em perceber a beleza da cidade.  
Não me vejo belo refletido nela.  
Mas sei que o problema não está na cidade, está nos meus olhos.”*

Ruben Alves

O Centro É uma Sala de Aula se propôs cuidar desses “olhos”, dessa maneira de olhar, de ler o mundo. Prepara assim os sentidos para a descoberta e o encantamento. Para redescobrir e encantar a cidade e a escola.

Mas entender a cidade não é tarefa fácil. Ela mais parece um caleidoscópio, uma grande colagem cheia de elementos. Sua multiplicidade de fluxos e significados é profundamente educativa. Para captar e interpretar os ricos elementos da cidade, é necessário mergulhar no tempo e no espaço, exercitar nossa percepção, educar o olhar, observar, descobrir. Precisamos aprender as regras da leitura e da escritura do texto urbano. O texto do contexto.

Os objetos e os fluxos da cidade têm o poder de narrar, de contar, de ensinar. Ela conta as suas e as nossas histórias numa língua que requer outra alfabetização. Uma língua que toca os sentidos, que impressiona e deixa marcas. São as falas da memória e da imaginação. Falas dos gestos e do olhar. Falas das formas, das cores, dos cheios e dos vazios.

Precisamos aprender a ler a cidade numa nova alfabetização, a alfabetização-cidadã. Para ler a cidade e o seu potencial pedagógico, é preciso abrir os olhos e os demais sentidos, abandonando o papel de usuários da cidade – vitimizados, excluídos, condicionados e conformados –, incorporando noções de coautoria na gramática urbana.

É nessa perspectiva que o Percurso Formativo do programa O Centro É uma Sala de Aula se estrutura. A alfabetização-cidadã tem como principal objetivo possibilitar que os cidadãos-aprendizes se reconheçam como parte da cidade e, por isso, estejam comprometidos com ela. Aprender na cidade a descobrir e ocupar seus espaços, revelar seus segredos, ouvir seus lamentos, atender a seus desejos. E, assim, refazê-la, a cada dia mais bela e justa.

Com base nesses pressupostos, O Centro É uma Sala de Aula escolheu começar pelos educadores, porque, sem eles, nenhum programa educativo pode ter sucesso. Dito de outra forma, sem que eles vejam significado e se interessem, a relação pedagogia-cidadania não se efetiva.

Claro que precisamos que todos participem. Não só os educadores, mas também as crianças, os jovens, os adultos, a escola, as instituições do bairro, as famílias e a comunidade. Mas, sem dúvida, um dos fatores de sucesso do programa foi começar pela sensibilização dos educadores. Quando eles encontram sentido na proposta de descobrir a cidade como território educativo, em fazer da cidade uma sala de aula, cada educador passa a difundir essa lição em suas escolas, nos núcleos socioeducativos, nas instituições culturais da comunidade. A ideia ganha força e escala.

*“Descobrir é a única maneira de conhecer  
e fazer descobrir é a única maneira de ensinar”*

**Gaston Bachelard**

A formação de educadores do programa O Centro É uma Sala de Aula, quando do seu início em 2005, destinava-se apenas aos professores e gestores das escolas públicas municipais localizadas no Centro da cidade. No ano seguinte, foram abertas inscrições para as escolas públicas municipais de toda a cidade. Algumas ONGs e educadores dos Núcleos Socioeducativos da região também passaram a participar, uma vez que as crianças e os jovens desses núcleos se tornaram beneficiários das visitas-monitoradas e das aulas-passeio oferecidas pelo programa. A partir do quarto ano de implantação, surgiu a demanda por vagas vindas de outras redes de educação de São Paulo, de outras coordenadorias de ensino municipal e de parceiros da comunidade.

São oferecidas 120 vagas gratuitas por ano. Os educadores participantes são divididos em duas turmas, uma de manhã e outra à tarde. A carga horária anual é de 90 horas.

A metodologia da formação conta com a coordenação pedagógica e a monitoria da Associação Cidade Escola Aprendiz e é composta por Rodas de Conversa, estimulando diálogos e trocas de experiências em formato de aulas expositivas, oficinas e seminários, além de visitas monitoradas aos espaços do bairro, também chamadas de Trilhas Educativas. A itinerância da formação pelos espaços da comunidade acontece a cada 15 dias. As visitas monitoradas oferecidas gratuitamente por museus, centros de serviços, mercados, sítios históricos, igrejas,

teatros e tantos outros equipamentos permitem a descoberta de potenciais educativos preexistentes na cidade, garantem percursos que ampliam o repertório cultural e histórico dos educadores e criam elos entre as escolas e os espaços da comunidade, numa formação orgânica de redes de troca educativa.

### **Rodas de Conversa**

Nas Rodas de Conversa, o conteúdo da formação é composto da apresentação e reflexão de uma série de conceitos diretamente ligados ao próprio programa:

- História(s) da formação da cidade de São Paulo
- Educação Integral
- Desenvolvimento Integral
- Território Educativo e Cidade Educadora
- Arranjo Educativo Local e Redes Sociopedagógicas
- Mapeamentos
- Cidadania Participativa
- Direito à Cidade

Esses conteúdos são trabalhados durante as Rodas de Conversa mensais, com duração de quatro horas cada uma, e complementados por estudos a partir de textos recomendados.

Todo o processo de trabalho vai sendo registrado através da metodologia dos Portfólios Reflexivos<sup>15</sup> ou Diários de Bordo, onde os educadores registram tudo aquilo que considerarem significativo nessa trajetória, juntamente com suas produções a partir das Rodas de Conversa e das Trilhas Educativas. Esse processo, iniciado em 2008, vem revelando o potencial autoral dos educadores, que produzem narrativas originais e acaloradas abordando as descobertas sobre a sua cidade, sobre os seus fazeres pedagógicos cotidianos e, principalmente, sobre si mesmos como cidadãos-aprendizes.

### **Trilhas Educativas**

As Trilhas Educativas são um diferencial importante na formação de educadores, pois, assim como as crianças e os jovens, a maioria deles não tem o hábito de frequentar os espaços culturais do Centro da cidade. Seja por desconhecimento, por falta de condições financeiras, seja até mesmo por não se sentirem à vontade ou seguros para tal feito.

Tanto na modalidade de visitas monitoradas, de aulas-passeio quanto de trilhas

<sup>15</sup> Sobre o tema, ver :SÁ-CHAVES, Idália. *Portfólios reflexivos – Estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade do Aveiro, 2007.

temáticas, a possibilidade de sairmos com os educadores para o Centro da cidade nos abre a perspectiva de incrementar o processo de alfabetização-cidadã de forma profunda e integrada, para muito além da cultura letrada. Como foi dito, trata-se de uma alfabetização para as múltiplas linguagens expressas na cidade. Andar pela cidade é compor e recompor o texto de cada um e do todo a cada passo.

Nos percursos, tudo vai sendo socializado e debatido no vai-e-vem da teoria e da prática, a partir dos relatos e narrativas trazidos pelos educadores nas Rodas de Conversa e nas Trilhas Educativas<sup>16</sup>. Não que estejamos privilegiando o "prático" com relação ao teórico, mas o que se pretende é dar embasamento concreto à própria teoria.

## (usos e significados)

*"Andar uma cidade é desandá-la,  
construí-la e voltar a construir,  
olhá-la até que se descubra seus mistérios,  
até perceber suas dimensões no tempo."*

Murrieta Rodriguez

Pensemos no velho Centro como fosse ele o coração da cidade. E agora vamos também imaginar que, além de corpo, ele também tem alma. Mas de que é feita essa alma? Ora, das relações que se dão, se deram e se darão. A alma é feita de tudo isso, das pessoas, dos lugares que existiram, que existem e também dos que existirão.

Se você parar para ver e escutar, sentirá, saberá. Faça como Daniel Munduruku. Ele ficou muito intrigado com o nome que os seus ancestrais deram ao rio que divide hoje o Centro Velho do Centro Novo de São Paulo: Anhangabaú. Num fim de tarde, debruçou-se no parapeito do Viaduto do Chá e ficou tentando entender por que batizaram aquele rio que ninguém vê, mas que está lá, bem enterradinho, de "rio da assombração", "bebedouro dos demônios"?

<sup>16</sup> A formação do cidadão- aprendiz aqui relatada se restringe ao universo dos cidadãos-aprendizes-adultos-educadores. Não consideraremos, pois, nessa abordagem, o processo de "alfabetização cidadã" pelo qual passam as crianças, os jovens e adultos das escolas, dos núcleos socioeducativas e das demais instituições.

*“Que tipo de assombração seria essa? Teriam visto lara? Teriam se assustado com a presença inquietante do Curupira? Teriam topado com a incrível preguiça-gigante que povoa a imaginação de muitos estudiosos? Ou teriam apenas se deparado com a chegada dos portugueses barbudos trajando roupas estranhas, calçando botas que feriam a Mãe Terra? O que teria de fato assustado aquela gente?...”*

Assim... o Theatro Municipal, o Mercado Municipal, a Pinacoteca, o Parque da Luz, a Estação Júlio Prestes, e todos os demais lugares e pessoas, formam juntos a alma da cidade. Os conhecidos, os desconhecidos, os esquecidos. Cada cantinho compõe São Paulo: corpo e alma.

E para que sua alma fique sempre bela, e volte a brilhar, São Paulo precisa se alimentar. Mas a alma da cidade se alimenta de quê? Aí é que está: ela se alimenta dos usos que fazemos dela. Pois ela se expressa através da distribuição e do usufruto da riqueza coletiva ali disposta.

Vários autores e poetas têm nos ensinado esta lição<sup>17</sup>. As ruas, as casas, os prédios possuem personalidades, diversidades que formam a alma da cidade. Tudo quer ser usado, percebido, desfrutado,



#### **LIMPURB E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A visita monitorada ao Departamento de Limpeza Urbana (LIMPURB) e às cooperativas de reciclagem levaram os educadores participantes da formação anual do programa a conhecer mais profundamente as questões relacionadas aos resíduos sólidos na cidade de São Paulo. Um inusitado passeio cheio de aprendizados e descobertas.

<sup>17</sup> Para citar alguns: João do Rio, em *A alma encantada das ruas*; Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*; Walter Benjamin, em *As passagens*; Mário de Andrade, em *suas Crônicas de São Paulo*. (Especificados na Bibliografia Indicada ao final do livro).

compreendido. A cidade quer fazer parte da cidade, participar, pertencer. Exatamente como nós cidadãos: queremos pertencer à cidade, a cidade quer ser nossa.

Como criar condições para intensificar os seus usos da cidade por qualquer pessoa?

O Centro É uma Sala de Aula pretende responder a esse desafio ao dar à pedagogia um caráter territorial e comunitário, alfabetizando os habitantes para a cidade, para a leitura do texto urbano. Ao ler a cidade surge a possibilidade de escrever a cidade, a cidadania.

Quando a Subprefeitura da Sé inicia o programa O Centro É uma Sala de Aula, propõe desafios ao estimular gestores, educadores, crianças e jovens das escolas e dos serviços socioeducativos da região a frequentar os espaços privilegiados do Centro da cidade. Uma nova leitura e escrita urbana aí se estabelece e novos usos da cidade passam a brotar dos muitos percursos e descobertas dos cidadãos pelo bairro e pela cidade.

Quando as crianças e jovens, e seus professores, e suas famílias passam a frequentar os espaços da cidade e a estabelecer conexões com esses lugares, a alma da cidade agradece e volta a vibrar, a pulsar.

*Parece mentira, mas foi quase um ano de convívio, de troca de experiências, de aprender e de ensinar com um outro olhar. Conheci lugares maravilhosos que estavam tão perto, mas eram desconhecidos por mim. Percebi as inúmeras possibilidades de tornar uma aula contagiante, cheia de descobertas e... passeando."*

**Célia Regina Pilheri Salvador**

*Educadora da EMEI Professora Thereza Thê de Carvalho*

Assim, a tarefa número 1 dos educadores seria levar as crianças e jovens de volta para as ruas, transformando esse movimento em uma experiência positiva a partir da cultura, da educação, da fruição.

Queremos retomar aqui o desafio que nos acompanha desde o início desta história: fazer de São Paulo uma cidade bela, desejada. Paulo Freire responde assim a Mário de Andrade:

*"Ah! A rua.  
Só falam de tirar as crianças da rua. Para sempre?  
Eu sonho com as ruas cheias delas.  
É perigosa, dizem: violência, drogas...  
E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano?  
De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos?  
Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua às crianças,  
ou devolver as crianças às ruas;  
ficariam, ambas, muito alegres."*

Paulo Freire

Para isso precisamos saber não só como são e como estão essas ruas (e os demais lugares da cidade que queremos visitar). Precisamos mapeá-las e entender a qualidade de seus usos. O que nos interessa não é só a cidade real, mas também a(s) cidade(s) que construímos dentro de nós.

Essas três etapas, de mapeamento, de reflexão subjetiva e coletiva e de saída a campo, se dão concomitantemente e vão se retroalimentando o tempo todo. Ou seja, os passeios com as crianças acontecem ao mesmo tempo que os educadores estão sendo formados. E as saídas com as crianças interferem diretamente na qualidade e no conteúdo das discussões e dos passeios entre os educadores.

Pois um dos pontos fortes do programa é a discussão que se dá em torno da didática praticada por esses educadores e de sua relação com as crianças e os jovens, com as famílias e com a comunidade em volta das unidades educativas.

O que nos interessa é a formação enquanto processo de descoberta pela experiência, integrando teoria e prática, juntando o pensar com o fazer.

Ensinar exige que tenhamos consciência da incompletude do ser humano, de acordo com a Pedagogia da Autonomia, que foi adotada como guia desta jornada educativa. E a cidade nos ensina sobre incompletudes.

São Paulo, pelo que vimos nos aspectos que regem história passada e presente, é um laboratório ideal para o exercício da compreensão do que seja a incompletude.

A identificação entre a incompletude do mundo e a incompletude de cada um nos aproxima da cidade, cada qual em busca de completar a parte que falta no outro.

Diante disso, surgem brechas para a mudança, para a renovação do que seja o ofício de educar.

*"O trabalho do educador, do professor tornado educador, é esse trabalho de interpretação do mundo, para que um dia este mundo não nos trate mais como objetos e para que sejamos povoadores do mundo como homens."*

Milton Santos

## **(Mapeamento – cartografias e narrativas urbanas)**

*"Em qualquer lugar: nas grandes cidades, nos bairros, nas favelas, nas pequenas vilas, nas praias de pescadores, nas montanhas, no campo, nas regiões ribeirinhas da Amazônia... Entornos diferentes, saberes diferentes. Assim deve ser, para se viver. Quem não tem mapas e trilhas fica perdido."*

Ruben Alves

O mapeamento é outra chave importantíssima do processo. No programa, o ato de mapear partiu de um esforço inicial empreendido pela Coordenadoria de Projetos Educativos da Subprefeitura da Sé. Para viabilizar as trilhas iniciais, a equipe pesquisou e construiu os primeiros mapas culturais e educativos. Assim foram revelados potenciais espaços educativos e foram firmadas com a comunidade as primeiras parcerias que garantissem o acesso de educadores e de educandos a museus, parques, teatros, bibliotecas e tantos outros espaços. O mapeamento inicial foi sendo ampliado a partir de novas buscas, novos percursos e novos mapas disparados por vários elos da rede sociopedagógica da região central – professores, gestores escolares, centros culturais e até mesmo alunos.

Assim, no contexto do programa o mapeamento é considerado um processo de investigação cartográfica em planos distintos, porém inteiramente interligados e codependentes: o plano real e o plano imaginário, tendo como produtos os mapas objetivos, que representam as cidades reais, objetivas, e os mapas subjetivos representando as cidades imaginárias, subjetivas.

*"Mas como é possível observar alguma coisa deixando à parte o eu?  
De quem são os olhos que olham?  
Em geral se pensa que o eu é algo que nos está saliente aos olhos como o balcão de uma janela e contempla o mundo que se estende em toda sua vastidão diante dele.  
Logo: há uma janela que se debruça sobre o mundo.  
Do lado de lá está o mundo; mas e do lado de cá?  
Também está o mundo: que outra coisa queríamos que fosse?"*

Italo Calvino

Para conhecer esta(s) cidade(s) pessoais, íntimas, mentais, propomos aos educadores a construção de seus Mapas Subjetivos.

Durante a formação, a equipe do programa vai se aproximando do universo simbólico dos educadores envolvidos, tentando entender quais são as imagens de cidade que eles construíram dentro e fora da escola, como profissionais e como cidadãos. Parte-se das lembranças e memórias de sua infância e juventude, de suas vivências na escola e na cidade, relacionando-as com o momento presente e com seus respectivos projetos de futuro.

Já no primeiro encontro, os educadores fazem um autorretrato e uma pequena apresentação de sua biografia. Constroem, então, um mapa mental da cidade, representando a São Paulo que tem na sua cabeça. Esses são os mapas subjetivos.

*“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si,  
dos passados roubados à legibilidade por outro,  
tempos empilhados que podem se desdobrar.  
mas que estão ali antes como histórias à espera  
e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas,  
enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.”*

Michel de Certeau

O resultado dessa produção é riquíssimo e muito variado. Diante dela, associamos os autorretratos biográficos aos mapas e podemos perceber que cada um constrói a “sua” cidade. E que, a partir da socialização dessas imagens tão pessoais, o grupo vai construindo uma São Paulo coletiva. Compartilham suas “experiências” de cidade, de vida. Nesses momentos, ocorre uma interrupção, um deslocamento no tempo. Todos param para ouvir o outro, a se interessar pelo diferente, em todos os detalhes, suspendendo os juízos de opinião. E, no coletivo, vai-se aprendendo a cultivar a atenção e a delicadeza, a abrir os olhos e ouvidos, a cultivar a arte do encontro e do entregar-se ao tempo e ao espaço.

*“Para conhecer e dar concretude à cidade  
cabe à escola abrir-se para a escuta  
das muitas vozes e culturas que povoam a urbe.”*

Mary Julia M. Dietzsch

O Centro É uma Sala de Aula: um caminho para escutar as vozes da cidade, fazendo dela um interessante laboratório de ser (também) urbano, de ser (mais) humano. Um laboratório de revelação e produção de seres-sujeitos de experiência, um criadouro de vínculos, de significados, de identidades e

pertencimentos. Pois o caráter relacional e histórico da cidade permite que reencontremos vestígios de nós mesmos, de nossa origem.

São relatos riquíssimos, memórias afetivas muito intensas e curiosas, cheias de detalhes e que, ao serem socializadas com o grupo, vão dizendo muito sobre quem são os cidadãos-aprendizes, que passam a se identificar uns com os outros, consigo mesmos e com a cidade.

E tem sido surpreendente também constatar a excelente qualidade dos textos produzidos pelos educadores ao longo do curso de formação, que se revelam como poetas da cidade educadora.

*“A cidade é tijolo  
Tijolo é barro  
Barro é gente  
Gente dá saudade”*

**Oiram Antoni**

*Educador da Biblioteca Monteiro Lobato*

A partir dessas percepções resultantes dos relatos pessoais e do mapeamento subjetivo, os educadores aprofundam sua leitura de mundo, pesquisando e aprendendo sobre a história de São Paulo e da comunidade onde as suas respectivas escolas se localizam, levantando seus principais problemas e potenciais, mapeando os indicadores sociais, as oportunidades formativas e as redes de parcerias nos territórios.

O que chamamos aqui de Mapas Objetivos trata do mapeamento do patrimônio material e imaterial do território em questão. Na formação é proposta a elaboração de várias camadas desses mapas.

(1) Mapa dos Visíveis. É o mapeamento do patrimônio material, ou seja, da infraestrutura existente naquele território. Prédios, casas, praças, escolas, equipamentos urbanos, públicos e privados. Neste plano, também são levantados os indicadores sociais, assim como aspectos da legislação (zoneamento, uso e ocupação do solo, etc.) e ainda os serviços urbanos disponíveis. É uma configuração que muda conforme se constrói e se destrói, conforme se alteram as leis, as relações sociais e se implementam planos e projetos urbanos.

Outro aspecto da investigação cartográfica que se dá sobre o patrimônio material é o mapeamento dos usos e das relações que se dão nestes lugares.

(2) Mapa dos Invisíveis, da "imaterialidade", ou seja, o uso dos lugares, a especificação e qualificação das relações que ali se dão. Um muro pichado, uma praça abandonada, um lugar sempre cheio de gente, com música ao vivo, outro que registra altos índices de assaltos, outro que emociona qualquer um que passa, e assim por diante. As formas de circulação e comunicação disponíveis também fazem parte desse mapa.

Esse mapa também registra os sentimentos das pessoas com relação a esses lugares. Considera as trajetórias de vida, colhidas através de narrativas individuais e coletivas, mapeando os sonhos, os medos, as memórias, as lembranças, os desejos, as aprendizagens e as escolhas. Esse mapa muda a toda hora e deve ser permanentemente atualizado. O mapa dos "visíveis" se altera numa frequência menor, mas ainda bastante grande, diante do frenesi de crescimento e de transformação que define São Paulo.

A partir da sobreposição dessas várias camadas de dados, resultantes dos mapas subjetivos e objetivos, um terceiro mapa vai se configurando, que é o (3) Mapa das Oportunidades Formativas.

Trata-se da identificação de todos os lugares, instituições e pessoas que desenvolvam ações pedagógicas e formativas ou que tenham esse potencial, ainda que não revelado. Tanto aqueles que estão mais diretamente ligados a essa função como escolas públicas e privadas, bibliotecas, museus, centros culturais, cinemas, sebos, contadores de histórias, etc.



### **CENTRO DE CONTROLE OPERACIONAL DO METRÔ**

A visita permitiu aos educadores conhecer mais profundamente a rede metroviária de transportes de São Paulo e o seu projeto AÇÃO ESCOLAR. A ação do Metrô surge para preparar as novas gerações para o uso correto do serviço, mostrando a responsabilidade de cada cidadão na conservação do patrimônio público. O TURISMETRÔ também apresentou os muitos percursos para conhecer pontos históricos da cidade, de forma ecológica.

Mas também aqueles cuja intencionalidade pedagógica pode ser acionada a qualquer momento: uma praça, os caminhos, o posto de saúde, o mercado, feiras, um músico tocando numa esquina, as esquinas, os grafiteiros, o desenho grafitado no muro...

E, por fim, um quarto mapa, que é o (4) Mapa das Parcerias, diretas e indiretas, resultante dos três mapas anteriores. Ou seja, as instituições e os indivíduos parceiros do programa O Centro É uma Sala de Aula. Nessa etapa, também aparece todo um elenco de parceiros-parcerias para outras áreas e projetos.

Cada um desses mapas na verdade é uma etapa de investigação e pode resultar em vários outros mapas. Todos eles juntos formam outro, cheio de camadas. Será um mapa riquíssimo, formando as peças do grande quebra-cabeça que é o autorretrato paulistano.

Tanto a cartografia subjetiva/existencial quanto a objetiva/material devem ser compartilhadas coletivamente para fortalecer a relação de cada um com o grupo e com a coletividade local.

Os mapas podem ser elaborados sobre bases cartográficas convencionais, em escalas diversas (podem ser encontrados nas administrações locais), fotografias aéreas, e também por desenhos espontâneos (os chamados "mapas mentais", que representam as imagens de cidade impressas na nossa mente).

A partir dessa investigação e desse registro cartográfico é que serão reelaborados os mapas dos roteiros, das visitas monitoradas e das trilhas pedagógicas de cada comunidade.

Nesses exercícios de ser urbano estamos praticando a identificação e compreensão das lógicas dos arranjos espaciais na cidade, enquanto território construído e existencial, e, com isso, tendo uma visão mais ampliada da realidade, a partir da qual percebemos potenciais e caminhos de mudança.

Nesse sentido, a investigação cartográfica é um poderoso instrumento para a construção de sentidos, de identidade(s) e de pertencimento(s), contribuindo muito para o processo de formação dos cidadãos-aprendizes enquanto sujeitos coletivos e transformadores.

O mapeamento produz valiosas descobertas e aprendizagens sobre o território, ou seja, sobre as pessoas e suas ações e relações. Essas descobertas muitas vezes

implicam transformações das relações e práticas pedagógicas que acontecem na escola e fora dela.

Todos esses mapas servirão de base para que se criem conexões e arranjos produtivos e educativos locais, para que o bairro-escola se consolide e a cidade se reafirme como cidade educadora.

Os educadores e as crianças e jovens passam a identificar os lugares que influenciam na aprendizagem e na vida da comunidade. Pois, como sabemos, não é só na escola que se aprende. A rua, a *lan-house*, a igreja, o clube, o museu, a livraria, a praça, o ônibus também ensinam muitas coisas. E, quando a escola e demais instituições reconhecem esse fato, começa a se viabilizar um projeto coletivo de educação, de cidade educadora.

Apesar de ainda ser feita exclusivamente com os adultos, durante o período de formação anual os educadores já iniciam os passeios e trilhas com seus alunos. E já vão repassando essa "metodologia" nas escolas e demais instituições participantes, de maneira que a leitura de mundo com todas as suas etapas, de pesquisa histórica, entrevistas, mapeamento, formação de redes de parcerias, projetos, seja feita coletivamente.

Os cidadãos-aprendizes começam então a ampliar os mapas urbanos. O fato mais significativo de mapeamento ao longo dos quatro anos do projeto foi uma carta escrita pelos alunos do primeiro ano do ensino fundamental de uma das escolas do Centro dirigida ao subprefeito da Sé. Nela, os alunos, estimulados pelos percursos pelo bairro, solicitavam que o subprefeito intercedesse para que eles pudessem visitar o "castelinho" da Avenida Brigadeiro Luís Antônio. De uma trilha a outra, eles passavam pela frente do prédio e queriam visitá-lo. Mais um novo elemento surgia no mapa urbano dessas crianças. O "castelinho" ativou-lhes o imaginário e fez crescer o interesse e a curiosidade sobre a cidade. Um exemplo de espírito desbravador e instigado a percorrer novos espaços e a construir novos mapas e possibilidades na cidade e com a cidade.

Durante a formação dos educadores-aprendizes-de-cidadão, incentiva-se o desenvolvimento de projetos de intervenção em sua região, na perspectiva de utilizar os potenciais do território local como recurso para enriquecer os conteúdos curriculares e para melhorar a qualidade de vida do bairro. Os potenciais pedagógicos da comunidade, uma vez mapeados, são acionados através da formação da rede de parcerias sociopedagógicas. Essa rede tem a dupla função

de apoiar O Centro É uma Sala de Aula, e numa perspectiva mais ampla, colaborar para o desenvolvimento local sustentável.

*“Este projeto criou um campo potente de ações conjuntas.”*

**Milene Chiovatto**

*Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da  
Pinacoteca do Estado de São Paulo*

*“Assim, os professores terão maior contato com as diversas esferas de atividades, tornar-se-ão de certa maneira mediadores científicos e pedagógicos de um território, de uma comunidade. A requalificação dos professores que isto implica poderá ser muito rica, pois serão naturalmente levados a confrontar o que ensinam com as realidades vividas, sendo de certa maneira colocados na mesma situação que os alunos, que escutam as aulas e enfrentam a dificuldade em fazer a ponte entre o que é ensinado e a realidade concreta do seu cotidiano.”*

**Ladislau Dowbor**

## **(trilhas educativas – ir para ver)**

*“A possibilidade de nos reconhecermos historicamente em nosso próprio entorno físico e social cria um caráter ativo da identidade cultural.”*

**Anália Brada/Guillermo Rios**

Do mapeamento surgem possibilidades educativas estruturadas em rede. A partir daí, passa-se a definir as trilhas educativas, compostas pelas trilhas temáticas (aulas-passeio) e pelas visitas monitoradas.

Quando o grupo sai para as visitas monitoradas ou para as trilhas temáticas, vive a experiência de reconhecer, *in loco*, muitas daquelas São Paulo descritas nos relatos e mapas pessoais.

Essa aproximação daquilo que se sente, do universo simbólico e do imaginário individual e coletivo, com a concretude da cidade é uma das chaves dessa formação. Entender que a cidade foi feita por pessoas, de carne e osso, a partir de desejos e intenções, e que, ao entender o que sentimos, podemos imaginar o que queremos. Ao compartilhar o que sentimos e queremos, podemos pensar em projetos

coletivos de cidade, de casas, de praças, de caminhos, de escolas. Por que não?

O que temos acompanhado nos processos formativos é a possibilidade de aprofundar em nós e interiorizar os sentidos da cidade e do espaço público. E onde se dizia "eles fizeram", "o sistema", "o governo", como "benfeitores ou malfeitores", passa-se a pensar: "Nós fizemos ou não fizemos". O que abre a perspectiva de que, se antes fizemos assim, agora podemos fazer de outro jeito.

*"Descobrir a nossa história, aprender a respeitar e a valorizar o que é parte da história de cada um ajuda a formar cidadãos conscientes e atuantes em suas comunidades."*

**Hilda Antonietta**

*Educadora da EMEF Professor André Rodrigues de Alckmin*

Percorrer uma trilha, visitar um museu não apenas como forma de entretenimento ou lazer, mas como fermento para o desenvolvimento do pensamento crítico e da apreensão histórica e cultural da cidade constrói significados.

A possibilidade de recuperar a cidade, enquanto totalidade complexa, como espaço público de discussão e de realização, fortalece o desenvolvimento de experiências culturais intensas, aprofunda noções de identidade na diversidade e estimula o exercício da cidadania.



### **TRILHA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

Alunos percorrem o Mercado Municipal e descobrem que a alimentação correta previne doenças, estimula o raciocínio, contribui para a aprendizagem e garante crescimento saudável. É a trilha da Alimentação Saudável que percorre feiras, supermercados e restaurantes, aliando o aprendizado ao sabor da boa mesa.

E a associação das experiências culturais aos processos pedagógicos, escolares e extraescolares propicia ao cidadão-aprendiz a integração de uma série de valores e conceitos, que têm andado tão separados dentro de nós: pensar e fazer, estudar e ter prazer, trabalhar e viver, produzir e ser feliz.

Nesse contexto, o indivíduo vai superando a condição redutora de ser apenas consumidor/usuário e passa a reconhecer a si mesmo como ator político, pertencente a uma coletividade. Assim, recupera a parte do seu ser que parecia perdida: o cidadão que frui e constrói o seu lugar, o praticante da cidade.

### **(trilhas temáticas e aulas-passeio)**

*“O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.”*

Manoel de Barros

A partir dos mapas, passamos como cidadãos-aprendizes a configurar e reconfigurar as nossas trilhas.

As trilhas são caminhos pedagógicos, percursos de aprendizagem, viagem. Elas vão se destacando dos mapas conforme se configuram as camadas cartográficas subjetivas e objetivas. São campos dispersos que podem se organizar como contextos temáticos.

O Centro É uma Sala de Aula propõe algumas trilhas: trilha do meio ambiente: no Parque da Luz; trilha da alimentação saudável: feiras, vendinhas, supermercados e o Mercado Municipal; trilha histórica, ou do redescobrimento da cidade, formada pelos marcos históricos do velho Centro; trilha da cidadania: passando pela Câmara Municipal de Vereadores e pelo Paço Municipal.

As ruas de comércio especializado são trilhas que a própria história da cidade configurou. E que são parte do nosso patrimônio histórico.

## As ruas de comércio:

Rua 25 de Março:	Armarinho e vestuários
Al. Barão de Limeira e paralelas:	Peças e revenda de motos
Av. Duque de Caxias:	Acessórios para automóveis
Av. São João:	Móveis usados
Av. São Luís:	Agências de turismo
Av. Senador Queirós:	Artigos de caça e pesca
Av. Tiradentes:	Uniformes
Largo Santa Efigênia:	Instrumentos musicais
Largo do Arouche:	Flores
Rua Conselheiro Crispiniano:	Material fotográfico
Rua José Paulino:	Vestuário
Rua Marquês de Itu:	Artigos para pinturas artísticas
Rua Paula Souza:	Artigos para restaurantes e cozinhas industriais
Rua Santa Efigênia:	Eletroeletrônicos, informática, instrumentos musicais, materiais elétricos
Rua Silveira Martins:	Essências para perfumes
Rua São Caetano:	Vestidos e enxovais para noivas
Rua Galvão Bueno:	Artigos orientais

O Centro É uma Sala de Aula apresenta um cardápio básico e inicial de trilhas e locais a serem visitados. Mas cada participante, juntamente com as suas comunidades, pode e deve reinventar seus próprios percursos, de preferência de maneira a fortalecer o projeto pedagógico da instituição a que pertence.

Funciona como um jogo de ligue-pontos num grande tabuleiro que é o território a ser revelado. Ele deve se organizar por meio de premissas e regras abertas de compatibilidades e semelhanças, selecionando temas merecedores de destaque. As regras deste “jogo-de-ser-urbano” se constroem com base nas lógicas coletivas, simbólicas e significativas. Trilhas exploratórias que abrem passagem para espaços ainda não descobertos, não conquistados.

Sabemos que a experiência de lugar molda nosso entendimento do mundo e nossas atitudes sobre ele. O espaço define oportunidades e limitações para as pessoas. O ambiente construído influi na constituição da identidade de cada um com elementos do espaço – diverso e múltiplo. Essas identidades vão compor



### TRILHA DO MEIO AMBIENTE

Além do Parque da Luz, os alunos do Centro de São Paulo percorreram várias espaços relacionadas ao tema "meio ambiente". Participaram de visitas educativas ao Parque Ecológico do Tietê, Parque da Água Branca, Parque do Ibirapuera, Rio Tietê, LIMPURB, entre outros locais, ampliando contato com a natureza e desenvolvendo noções de ecologia urbana e cuidados importantes à preservação dos recursos naturais do planeta.

as identidades/diversidades dos lugares, que vêm carregadas de memórias, ideias e sentimentos. Essas inter-relações implicam sentimentos de correspondência e de identificação entre nós e os lugares vividos. Essa identificação com os lugares traz o conforto que toma o lugar do medo, transforma a desconfiança em confiança, a inércia em movimento.

A cidade percorrida, praticada, cotidianamente, torna-se próxima, quase íntima, provocando sensações de permanência e de estabilidade. E o que parecia impenetrável, de tão estranho e frenético, nos acolhe, nos dando a sensação grata de pertencer.

*"A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – entre outras palavras, dos fenômenos materiais da sua condição social torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. O que é educação é sua carne, como forma do seu espírito."*

Pier Paolo Pasolini

Hoje estamos assim, enquadrados entre paredes. A prática da cidade nos dá de presente a possibilidade de tirar o olhar do quadro limitante para alcançar múltiplas visões, novos horizontes.

Então, retomando nossa questão-guia: como é praticar a cidade?

Ao percorrê-la palmo a palmo, pegada a pegada, potencializamos seu caráter relacional, alimentando sua alma e nos

transformando em usufruidores da cidade, e não mais meros consumidores. Praticantes de cidade, acertando nossos passos com seus passos e produzindo caminhos mais harmônicos.

Tecendo novas territorialidades, carregadas de atributos, intenções culturais e pedagógicas, vamos aprendendo com as ruas.

*“O Centro de São Paulo é muito interessante porque, além de toda essa riqueza armazenada nos espaços institucionais, a rua acaba sendo, também, um espaço riquíssimo de informação e de formação cultural.”*

**Antonio Carlos de Moraes Sartini**  
Superintendente do Museu da Língua Portuguesa

São arranjos culturais, campos ou pontos dispersos que vamos ligando pelo alinhavo de nossos passos.

Caminhar pela cidade é um exercício de caligrafia da leitura da cidade e da escrita da cidadania.

Mas esta alfabetização exige um conhecimento profundo, nos diria Alberto Caeiro, uma aprendizagem de desaprender. Para andar por São Paulo precisamos nos despir do que aprendemos e esquecer os modos de lembrar que nos ensinaram. Precisamos reaprender a ver e a lembrar. Precisamos aprender a transver o mundo, como quer o poeta Manoel de Barros. Para andar pela cidade, precisamos aprender com os poetas, esses costureiros-do-universo que, diante de um mundo por vezes despedaçado, são capazes de apontar



### TRILHA HISTÓRICA

No local de fundação da cidade de São Paulo, o Páteo do Colégio, crianças e jovens descobrem como a cidade nasceu, cresceu e se desenvolveu. A trilha histórica e cultural apresenta percursos que levam ao Solar da Marquesa, Catedral da Sé, Marco Zero, Mosteiro de São Bento, entre outros, à escolha dos educadores. O passeio a pé ou de ônibus revela o passado, o presente e o futuro e mostra aos alunos onde a história pessoal se encontra com a história da cidade.



### TRILHA DA CIDADANIA

Alunos visitam o Detran e participam de atividades de educação para o trânsito. A trilha temática da cidadania percorre espaços como a Câmara Municipal, o Palácio dos Bandeirantes, ampliando o olhar sobre direitos e deveres do cidadão.

para a sua reorganização e integração, para torná-lo de novo encantador.

Alinhavando no ponto-passo nosso corpo com o da cidade. Juntando pontos desconexos, recompondo seus sentidos, unindo fragmentos de tempo, passado-presente, enunciando o futuro.

Na trança de passos pela cidade é que a rede vai sendo construída. A rede social que protege e impulsiona. A trilha é a trama da rede. Nossos passos, a agulha. E nossa intenção (ou seja, o nosso "olhar") é a linha.

Olhar pela primeira vez, sempre, com o espanto de criança. Estranhando o habitual, vendo no familiar o insólito e diante do cotidiano desvelando o inexplicável. Ler a cidade para ir além do óbvio, das explicações. Pois a cidade não se explica. Ela só é sabida ao ser explorada, praticada, pela aventura da experiência.

Um bom exemplo disso acontece percorrendo a trilha de alimentação. Uma de suas paradas é o Mercado Municipal (1926).

*"Você entra num lugar desses  
e pode ensinar o mundo pras  
crianças."*

**Cristiane Dias**

*Educadora da EMEI João Theodoro*

No mercado, surgem vários potenciais pedagógicos: a alimentação, a produção e o consumo dos alimentos, as diferentes culturas ali presentes. Tem árabe, português, italiano, nordestino. Tem de tudo.

E, de repente, você olha para cima e depara com aqueles vitrais maravilhosos, que vieram da Alemanha.

Mas é preciso desaprender. Pois os educadores prepararam muito as crianças para este passeio, cheios de preocupação, achando que elas não iriam se comportar bem, que iriam apertar as frutas nas bancas e querer comer de tudo. Mas não foi isso o que aconteceu.

*“Os donos das barracas se empolgaram e começaram a conversar com as crianças e, de repente, quando percebemos, eles estavam dando uma verdadeira aula sobre seus produtos e as crianças prestando uma atenção danada.*

*Fiquei com inveja deles, de como eles conseguiam prender todos aqueles olhinhos brilhando, apesar de as crianças ali terem apenas 4 anos de idade.*

*Foi incrível, surpreendente!”*

**Rosimeire Juraitis**

*Educadora da EMEF Celso Leite Ribeiro Filho*

Exercícios de ser urbano fortalecem a cidade. O corpo da cidade se estrutura por sentidos que, como músculos, ao serem ativados com intenção, movimentam-se vigorosamente, num jogo de aventuras pelo espaço.

E pernas pra que te quero!

E então, assim, no passo-a-passo, ponto-a-ponto, linha-a-linha, o texto-desafio proposto pela cidade-esfinge vai sendo decifrado.



### **TRILHA DAS ARTES E DAS CULTURAS**

Alunos percorrem a marquise do Ibirapuera em direção ao MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo. Cinema, teatro, museus, ruas e as gentes de São Paulo integram a Trilha das Artes e das Culturas. Patrimônio material e imaterial, expressão artística e cultural também fazem parte das reflexões produzidas a partir dos percursos.



### CINEMA E EDUCAÇÃO

Sessões e mais sessões de cinema, cheias de magia, entraram pela sala de aula das escolas da região central, trazendo muitos aprendizados. Parcerias com a Estação Unibanco de Cinema, o Cine Olido, HSBC Belas Artes e outras salas garantiram ao programa unir cultura e educação, democratizando o acesso de crianças, jovens e educadores às artes audiovisuais.

Os cidadãos-aprendizes encontram sentidos, buscando significados para além do óbvio visível. Vamos indo, reconhecendo nos espaços praticados por todos a multiplicidade de redes que engendram as cidades (in)visíveis nas quais nos alfabetizamos. E vão aparecendo os poetas da cidade educadora.

Surgem tramas – territórios de existir – e redes de sociabilidade que requalificam o espaço na convergência de solidariedades e na aglutinação de interesses. Pois, se a trilha é a trama da rede, no seu percurso ela fortalece a própria rede.

O território percorrido torna-se campo de ação, de relações simbólicas cheias de desejo. A cidade vira uma obra aberta composta por quem a percorre. Um texto coletivo, formado por frases escritas por muitos. Texto configurado em forma de narrativas urbanas que alinhavam o corpo do passeante com a concretude da cidade. Na organicidade da cidade, o corpo do cidadão passa a ser uma parte, passa a ser incluído, passa a experimentar, pertencer.

Ler a cidade, escrever a cidadania. Não inventamos nada: tudo descobrimos, a partir do que já existe. Isto é o bairro-escola pulsando no Centro como sala de aula.

*“Vamos descobrir o fascinante mistério da vida à nossa volta.”*

Celestin Freinet

Tal qual o explorador de Freinet em suas aulas de descobertas, ao desenhar e percorrer as trilhas pedagógicas entramos na aventura exploratória, no rastreamento da cidade. Que deixa rastros e revela novos usos e possibilidades, para os objetos e lugares, e também novas articulações e até outras regras para a vida social e afetiva.

*"A sensibilidade de olhar o que está próximo e estabelecer relações com a comunidade ao nosso redor, de modo que ambos se beneficiem desse contato."*

**Simone Benigno**  
Educadora da CEI Wilson José Abdalla

## **(visitas monitoradas – trilhando aprendizados)**

*"A rua nos ensina a solidariedade."*

**Henri Lefebvre**

Durante o período de formação, os educadores fazem não só as trilhas temáticas, mas também visitas monitoradas por espaços institucionais do Centro da cidade, onde eles levarão, oportunamente, seus alunos. Eles visitam teatros, salas de concerto, cinemas, centros culturais, igrejas, museus, entre outros. A visita é monitorada por guias especializados (monitores), que vão contando a história daquele lugar, sua arquitetura, a partir do que propõe seu projeto cultural e pedagógico, desenvolvido pelos respectivos programas de ação educativa.



### **ROTEIROS DE ONIBUS**

As trilhas de crianças, jovens e adultos beneficiados pelo programa foram realizadas a pé, de metrô ou nos mais de 1.400 roteiros de ônibus oferecidos gratuitamente às escolas e núcleos socioeducativos nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008.

Além de formar e informar os educadores, essa visita tem uma missão bastante estratégica na disseminação da função socioeducativa dos museus.

*“Serem os museus espaços de cultura e educação, isso é senso comum. Mas não é uma verdade de fato.”*

[...]

*“Uma ação educativa bem realizada não fica no prédio do museu, mas é projetada até o cotidiano e o imaginário do jovem. E em que outros lugares é possível haver transformação social?”*

**Milene Choviatto**

*Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da  
Pinacoteca do Estado*

Como já dissemos, quando O Centro É uma Sala de Aula começou, nem todos os espaços possuíam programas educativos estruturados, nem todos estavam preparados para receber crianças e jovens, principalmente os mais jovens, com menos de 5 anos de idade (como dissemos anteriormente, elas representam cerca de 50% do público atendido pelo programa).

*“Muitos espaços culturais da cidade não estavam preparados para receber crianças com menos de 5 anos. Tiveram que desenvolver metodologias e atividades específicas para isto. Este público era uma novidade para eles.”*

**Olga Maria Arruda Gonçalves**

*Coordenadora de Projetos Educativos da  
Subprefeitura da Sé*

Levar crianças e jovens de escolas e demais instituições públicas a museus é, no Brasil, um hábito muito raro.

Os alunos, principalmente os adolescentes e jovens, relacionam “museu” ao que é antigo e o veem como uma instituição autoritária e desinteressante. Muitos adultos também compartilham dessa visão, desse tabu.

Um aliado fundamental na busca de estratégias para aproximar as crianças e jovens dos museus é o professor, o educador. Porém, de maneira geral, os educadores também não têm o hábito de frequentar esses espaços. Por isso mesmo é que, durante o processo de formação, os educadores são convidados a participar de encontros de sensibilização nos mesmos museus e demais espaços culturais para onde levarão seus alunos. Nesses encontros artísticos, culturais e educativos, os monitores dos museus e galerias apresentam não só os conteúdos das respectivas exposições apresentadas, mas também abordam questões como diversidade cultural, territorialidade, entre outras.

O fato é que, para a grande maioria dos educadores, esta é a primeira vez em que estiveram num espaço dedicado às artes.

*"Nunca pensei que eu pudesse entrar aqui.  
Um simples professor sentado na Sala São Paulo."*

[...]

*"Mas aqui não é uma estação de trem?"*

*Nunca pensei que aqui dentro tivesse um teatro!"*

[...]

*"Nossa! Que maravilha! Não sabia que o ingresso era tão barato.  
Pensava que música clássica era coisa de gente rica."*

Impressões dos educadores durante a visita monitorada à Sala São Paulo – Estação Júlio Prestes

O Centro É uma Sala de Aula vai, assim, cumprindo seu papel de formar pela descoberta, pela experiência, pelo encantamento. A sensibilização abre caminhos e renova a prática pedagógica, o ofício de ser educador. E, sensibilizado, mobilizado, formado e informado, o educador consegue uma proximidade com os espaços culturais e artísticos da cidade e ele passa isso aos alunos.

Mas não é só em museus que encontramos cultura.

O Centro Histórico de São Paulo é de uma riqueza sem par no que se refere ao quesito cultura. Não só no que diz respeito à infraestrutura material, mas também à qualidade e variedade da oferta de



### REDESCOBRINDO O CENTRO

A parceria com o Santander possibilitou aos educadores, crianças, jovens e adultos, beneficiados pelo programa O Centro É uma Sala de Aula, participar de uma aventura histórica e cultural pelo Centro de São Paulo. Com monitoria especializada, o roteiro percorre a pé a Catedral da Sé, o Marco Zero, o Solar da Marquesa, o Museu Padre Anchieta, o Mosteiro de São Bento e o Edifício Altino Arantes.



### ESTÁDIO DO PACAEMBU

Futebol também é cultura. Paixão maior dos brasileiros, a aula-passeio dos alunos ao Estádio do Pacaembu foi um sucesso. Entrar no campo, ver as arquibancadas vazias e conhecer um pouco mais sobre a história do estádio e do futebol – algumas possibilidades exploradas durante a visita.

cultura(s). Como centro de uma cidade-mundo, o velho Centro de nossa Pauliceia é um caldeirão antropofágico, o mais internacional caldo de cultura que contém todas as raças numa mistura de ingredientes inusitados. Uma sinfonia cosmopolita.

Um fato curioso é que a primeira visita feita com as crianças foi a um cemitério. Isso mesmo! O Cemitério da Consolação. E eram crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), ou seja, de 3 a 5 anos! A princípio, parece estranho, mas os cemitérios de São Paulo são verdadeiros museus a céu aberto e seus túmulos testemunham importantes fatos da história de São Paulo e do Brasil e possuem toda uma estrutura para a realização de visitas monitoradas. O Projeto Arte Tumular propiciando aulas-passeio pelo cemitério e abordando a vida daqueles que fizeram nossa história, nossa arte.

Nos cemitérios do Centro estão as esculturas mais belas que a cidade possui. Muitas delas não podiam ser expostas nas praças, pois eram consideradas "atentado ao pudor". É o caso dos nus artísticos. Um exemplo é a escultura *Solitude*, obra de Francisco Leopoldo e Silva, autor do primeiro nu feminino no Brasil, datado de 1922, onde se encontra a provocante mulher em êxtase, envolta num véu translúcido que realça suas formas exuberantes.

O Cemitério da Consolação (1858) possui túmulos de personalidades como Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral, Ramos de Azevedo, José Bonifácio de Andrada e Silva (o Patriarca da Independência),

Mário e Oswald de Andrade, além de dezenas de obras de arte de importantes escultores do século passado.

Escultores como Victor Brecheret, Galileo Emendabili, Bruno Giorgi, Wilian Zadig, Nocola Rollo, Rodolfo Bernardelli, Celso Antônio de Meneses, entre muitos outros, fazem parte deste momento histórico. Aceitavam as encomendas dos barões do café, de políticos, artistas, industriais e toda sorte de famílias abastadas residentes na capital, e criaram verdadeiros conjuntos escultóricos para ornamentar os túmulos e povoar o imaginário dos visitantes.

As crianças e seus professores ficaram impressionados ao saber que até casamento foi celebrado ali: do escritor Oswald de Andrade e da jovem escritora Patrícia Galvão, a Pagu, em 1930.

*“Quando começamos a visitar com os alunos o Cemitério da Consolação, vários pais achavam prematuro tratar o tema morte com as crianças. No princípio, nós educadores também tínhamos esse receio, mas depois aprendemos e mudamos a forma de abordar a morte. Para as crianças, o tema não era um problema. Elas tratavam a morte de forma lúdica, exploravam os espaços do cemitério e as situações abordadas pela monitoria do local. Os epitáfios renderam muito assunto para as aulas e pesquisas sobre símbolos da vida e da morte.”*

**Maria Rita Cáceres**

*Educadora da EMEF Duque de Caxias*

Assim, o cemitério deixa de ser o lugar onde tudo termina, pois, para as crianças, foi onde começou a aventura de o Centro ser uma sala de aula. E a cidade vai sendo reinventada a partir de novos olhares.

Outra função que O Centro É uma Sala de Aula desempenha com sua ação é a abordagem sociocultural pela democratização de acesso à cultura. Os bens culturais materiais e imateriais são retirados da condição indesejada de ser exclusividade de grupos economicamente privilegiados e passam a ser ocupados por alunos das escolas e instituições públicas da região, pelas suas famílias, pela comunidade de moradores da área central, em muitos casos famílias de baixa renda.

*“[...] a disseminação desses hábitos entre os estudantes tem se refletido na sua relação com as famílias e na relação destas com os espaços da comunidade, que passam a ser por eles também frequentados, multiplicando seus efeitos práticos e simbólicos.”*

**Milene Chiovatto**

*Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da  
Pinacoteca do Estado*

A acessibilidade é um dos atributos fundamentais da cidade educadora e do bairro-escola. E São Paulo vai se consolidando como tal.

Aqui, não se trata apenas de garantir acesso à cultura, mas de permitir vivenciar e recriar repertórios culturais amplos. O preparo das aulas-passeio pelos educadores, a fruição dos alunos durante as visitas e as rodas de conversa são experiências que retornam à sala de aula, dando continuidade à pesquisa complementar, aos debates e reflexões conjuntas sobre a temática abordada. O antes, durante e depois permite que as aulas-passeio deixem de ser um simples evento e tornem-se práticas incorporadas aos processos de descoberta, interesse, ensino e aprendizado dentro e fora da sala de aula.

Com isso, o programa promove conexões entre cultura, educação e espaço urbano. O programa transcende as abordagens tradicionais de cultura comumente associadas às artes visuais, ao audiovisual, às artes cênicas, à literatura, para alcançar uma visão multidimensional da cultura, aquela que se expressa nas ruas, nas histórias de vida, nos desenhos e mapas urbanos visíveis e invisíveis, no imaginário e no simbólico, nos modos de vida expressos e continuamente em transformação. Tal abordagem promove noções de diversidade cultural como valor universal, fortalece as redes socioculturais locais, garante a democratização do acesso à cultura, valoriza as expressões e vocações culturais do território, além de incorporar a cultura e a cidade ao currículo das unidades educativas participantes.

Durante a formação dos educadores é feita uma reflexão sobre como esses momentos podem virar conteúdo curricular e ser mais do que um simples passeio.

As demandas socioeducativas geradas pelo programa O Centro É uma Sala de Aula convocam a rede de parceiros e os espaços culturais de São Paulo a intensificar seus programas educativos, a aproximar-se da comunidade, aprimorando suas práticas no dia-a-dia. As ações educativas oferecidas ganham sintonia com os projetos pedagógicos das escolas, ampliando as perspectivas da educação integral. Ou seja, esses espaços se reafirmam como mais uma das agências educativas atuantes na rede sociopedagógica da cidade educadora.

Esperamos que, ao longo dos processos disparados por este movimento, logo mais estejam superadas as fronteiras que separam a educação formal da informal e da não-formal. Os vetores do programa possibilitam novas visões da interação entre currículo e cotidiano, entre cultura, esporte, educação e lazer. Abandona-se então a visão de que educação integral deve ser implantada a partir de atividades que acontecem no chamado "contraturno escolar"

ou "período contrário" ao turno das aulas do currículo formal, prática que compartimenta o aprendizado. Essa separação entre a "escola chata" e a "escola divertida" acaba por desdizer o que pretende de fato a educação integral. A perspectiva de educação integral exige a superação dessa divisão. Pois se para nós, aqui no contexto deste texto, aulas-passeio são sinônimo do encontro entre a cultura, o território e o lazer com a educação, queremos, então, que a escola inteira seja um passeio, uma aventura. Todas as aulas, as disciplinas, as rotinas e os rituais que se deixem renovar pela cidade, pelo mundo.

Como seres humanos, somos seres históricos, seres culturais. Seres urbanos.

*"Criando e recriando,  
integrando-se às condições de  
seu contexto, respondendo a seus  
desafios, transcendendo,  
lança-se o homem num domínio  
que lhe é exclusivo – o da História  
e o da Cultura."*

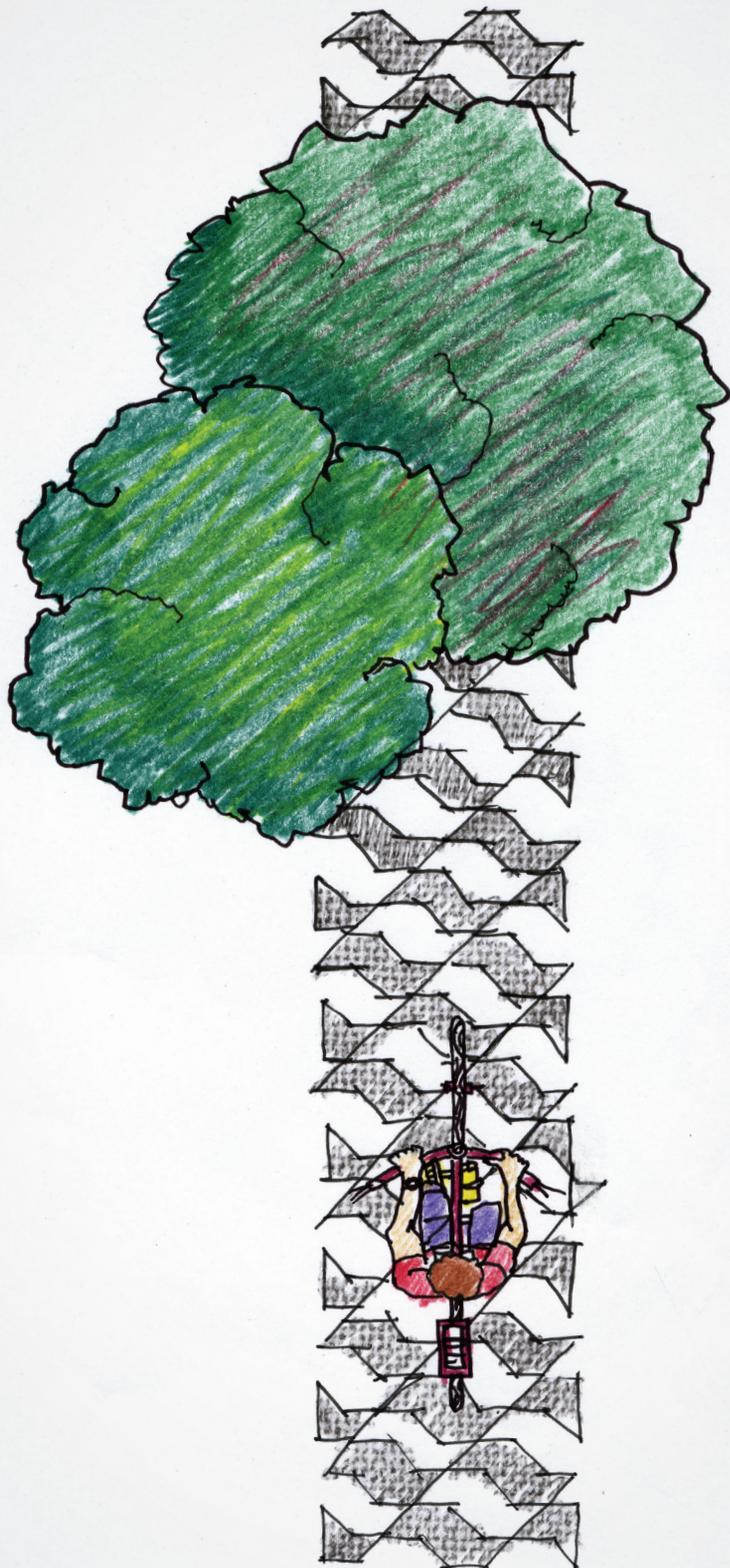
**Paulo Freire**

E cultura é tudo o que a gente faz com a vida, como a gente se humaniza. E a educação está dentro disso. Não podemos mais separar esses campos, pois eles são um só. Poderíamos desfrutar mais disso, da cultura como educação e da educação como cultura.



### **RUMO AO CÉU**

Em espiral rumo ao céu paulistano, os alunos sobem as escadarias que conduzem à Torre do Edifício Altino Arantes, durante a Trilha Redescobrimdo o Centro.



## HORIZONTES

### (as lições que a cidade nos dá)

*“A cidadania, sem dúvida, se aprende.  
É assim que ela se torna um estado de espírito,  
enraizado na cultura.”*

Milton Santos

Ao longo dos muitos percursos pelo Centro, os rostos dos educadores estampavam uma mistura de espanto, inquietação e encantamento. Espanto e inquietação de serem surpreendidos pelo novo, ali no território onde antes só viam o comum, o habitual, a ordem do dia. Encantamento provocado pelo poder de descobrir o insólito no mesmo lugar onde enxergavam apenas o usual, a mesmice.

E, como resultado dessa descoberta, surge um sentimento tão raro: o orgulho. O orgulho pela cidade, por ter um espaço tão rico de aprendizados e aventuras. O orgulho de ser educador, de ser cidadão, de estar ali.

*“O curso foi ótimo, abriu pontos para o trabalho com os alunos de forma mais atual, viva e dinâmica. Nos fez vivenciar locais que antes passavam despercebidos.”*

**Cleide Carmo Cecco Reghetle**  
Educadora da EMEF Infante Dom Henrique

Encantamento e orgulho, gerando vontade de ensinar e certeza de pertencer.

Vontade e pertencimento.

São estes sentimentos, estas potencialidades tão humanas o que nos move a contar esta história, fazer este relato. Acreditamos que é este o ponto exato da potência do encontro da escola com a cidade. Aí está a fonte de onde



### PARQUE DO IBIRAPUERA

Alunos percorrem os jardins e bosques do Parque do Ibirapuera.

pode surgir a requalificação da cidade, inteiramente associada à requalificação da escola.

Vão surgindo o ânimo e a vontade, o interesse e a curiosidade, fundamentais para a qualidade da relação pedagógica, mas tão em falta hoje no “comércio educativo”.

Seja nas aulas-passeio, seja nas rodas de conversa, o educador se sente “gente”, se sente valorizado. E ao sentir-se “gente” motiva-se a refletir sobre suas práticas e a aprimorá-las na perspectiva da educação comunitária e cidadã.

*“[...] gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo.”*

Paulo Freire

Tudo isso vai aumentando o grau de educabilidade dos agentes educativos: ou seja, das pessoas e lugares. Educabilidade aqui entendida como o potencial para ensinar, para aprender e para se transformar. E este “índice” depende de motivação, predisposição e interesse.

Sabemos que agir sem vontade ou reflexão não produz um ato intelectual, pois a significação é obra da vontade. Uma coisa podemos afirmar: só apre(e)ndemos o que tem significado para nós.

Quando tentamos entender o porquê de nossas escolas públicas estarem sendo tão mal avaliadas por todo o Brasil, uma das causas mais lembradas é a de que os alunos

não veem nenhum significado naquilo que a escola lhes ensina. E, para a solução desse problema, os especialistas e teóricos da área vêm propondo que a escola deve se aproximar da vida, sem o que ela continuará incompreensível para as crianças e os jovens. Tem uma lição a ser aprendida e apreendida: os conteúdos educativos só são efetivamente incorporados pelo desenrolar da experiência.

Esta é a essência de O Centro É uma Sala de Aula enquanto formação: fazer aprender pela experiência.

Tomamos emprestadas as lúcidas palavras de Jorge Larossa, defendendo a dimensão de experiência como essência da educação, para definir este tão bem-vindo programa:

*"[...] é um convite à recuperação da inocência da experiência: a experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o "inaudito" e em que se pode ler o não-lido, isto é, um convite para romper com os sistemas de educação que são o mundo já interpretado, já interpretado de uma determinada maneira, e, portanto, ilegível."*

Assim, para romper com os sistemas de educação não basta a inocência da experiência. Ela nos sensibiliza e nos prepara para ler o mundo, para vê-lo de maneira mais ampla, aproveitando melhor as oportunidades, mesmo que seja na própria precariedade do sistema.

Para isso é fundamental a atitude, a intenção pedagógica.

A intencionalidade pedagógica ilumina e sustenta o programa. Uma cidade que assume, intencionalmente, seus espaços, sua cultura, sua memória e história local, tendo tais elementos articulados com os processos educativos dentro e fora da escola.

O sentido de pertencimento (que tem sido um dos maiores ganhos do programa) favorece o reconhecimento. E exatamente esse sentimento, o de reconhecer e reconhecer-se, é o elemento fundamental para que a intencionalidade pedagógica aconteça.

*"Esta experiência me tornou mais cidadão de São Paulo."*

**Ilma Maria Vieira**  
Educadora da EMEI Flávio Império



### LAZER NA CIDADE

A cidade e o cidadão. Na palma da mão e na sola dos pés, crianças e jovens interagem com o território urbano.

E essa intencionalidade colabora muito para que a escola e a cidade convertam problemas em soluções, conflitos em projetos coletivos.

Os educadores têm contribuído com depoimentos que demonstram que estão aprendendo muito apenas pelo fato de conhecerem novos lugares, de ouvirem outras pessoas, de assistirem a espetáculos, de observarem a arquitetura dos edifícios, históricos ou não.

*“Uma criança de 10 anos comentou que beleza para ela é representada por vidros pintados, referindo-se aos muitos vitrais que conheceu durante as visitas aos espaços do Centro. ‘nada é mais bonito do que eles’, ela disse. A aluna ficou extasiada.”*

**Maria Rita Cáceres**

*Educadora da EMEF Duque de Caxias*

A mudança de cenário tira os educadores de um espaço controlado e controlável, a escola e a sala de aula, e isso provoca importantes mudanças com relação às práticas pedagógicas vigentes.

Nestas “simples” visitas, abrem-se possibilidades de aproximar dois mundos paralelos: o mundo do sujeito-professor, profissional da educação, e o mundo do sujeito-cidadão, morador da cidade.

Quando a gente aprende pela experiência, vem a vontade de ensinar o que aprendeu.

A ideia é que em todo este percurso formativo construam-se pistas para que novas trilhas e percursos sejam realizados junto com as crianças e os jovens com os quais estes educadores se relacionam.

*"O Centro É uma Sala de Aula confirmou o que eu já acreditava.  
A aula pode ser fora da sala de aula."*

**Valéria Olívia E. S. Oliveira**

*Educadora da EMEF Infante Dom Henrique*

A partir da experiência na cidade, eles podem propiciar aos seus alunos a mesma oportunidade, pois perceberam o valor destas oportunidades para sua formação.

*"Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade,  
busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado  
e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância  
do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário.  
O entorno vivido é um lugar de troca,  
matriz de um processo intelectual."*

**Milton Santos**

Todas essas experiências pedagógicas, intencionais ou imprevistas, passam a ser registradas, organizadas e divulgadas pelos educadores e retornam para a escola com novos significados. Ao praticar a cidade, damos profundidade ao conhecimento, intensificando as correlações entre os saberes, que aos poucos começam a fazer sentido, ganhar significado.

E tudo isso está mexendo muito com a escola.

A escola pública não é mais privilégio de uns poucos, como no passado. Praticamente todos os brasileiros, e paulistanos, têm vaga garantida nas escolas públicas. Mas, por outro lado, as classes estão lotadas. "Os alunos já não são os mesmos", reclamam os professores. Claro, nem os alunos, nem os professores, nem o mundo são mais os mesmos. Tudo muda. Aí está a essência e a magia da vida, embora tenhamos muita dificuldade em aceitar as mudanças. E, pelo que parece, a escola é um dos locais que mais têm resistido a elas. As empresas, as fábricas, as famílias, as cidades. Tudo tem mudado muito, mas as escolas continuam iguais. E essa resistência em mudar, aliada à falta de continuidade das políticas públicas de educação, tem causado inúmeros problemas e gerado péssimos resultados escolares, no que se refere ao aprendizado efetivo dos alunos.

*"Está uma situação muito complicada fazer com que nossos alunos aprendam sentados numa sala de aula, olhando um para a nuca do outro..."*

**Rosimeire Juraitis**

*Educadora da EMEF Celso Leite Ribeiro Filho*

A relação professor-aluno está em um estado tão tenso que beira a dissolução. As crianças e os jovens vêm nos dizendo, de um jeito ou de outro, que querem mudanças. Eles estão nos obrigando a repensar as imagens que temos deles, das escolas e do ofício de educador. As crianças e os jovens não estão aprendendo e dizem sem dizer: "Esta escola não serve mais para nós".

*"O momento é desafiante porque as próprias crianças, adolescentes e jovens nos exigem que aceleremos o ritmo e tomemos o passo da realidade que eles vivenciam."*

**Miguel Arroyo**

Arroyo vê um significado positivo neste incômodo e neste mal-estar vivenciados nas escolas e nos convida a equacionar essa tensão para que o direito à educação seja garantido. E propõe, portanto, que a escola se aproxime mais da vida, que as rotinas e tempos escolares se articulem aos tempos de vida. Esse abismo entre a escola e a vida, uma tão dinâmica e outra tão estática, é um dos maiores obstáculos para o sucesso escolar.

O que nos parece estratégico é que, ao ensinar a cidade e entendê-la e aceitá-la como prática pedagógica e como conteúdo curricular, estamos aproximando os tempos de vida dos tempos de trabalho, ou seja, de educação escolar. Aproximando a educação da vida, da rua, da educação escolar.

Alinhar as dinâmicas e os conteúdos escolares e as dinâmicas e os conteúdos do cotidiano urbano criará as bases para a integração dos fluxos de aprendizagem formal e não-formal, para que sejam superadas as dicotomias.

Além de promover tais conexões, O Centro É uma Sala de Aula aproxima, também, o tempo humano e o tempo de docência, ao tratar o professor como convidado especial, como sujeito de direitos. Pois ele, assim como as crianças e os jovens, também quer frequentar o rico patrimônio cultural que a cidade oferece, aprender na cidade. Pois criança somos ainda todos nós! A criança vive dentro do adulto que nos tornamos. Cheia de curiosidade e vontade. Ou não?

*"Onde está o menino que fui,  
segue dentro de mim ou se foi?  
Por que andamos tanto tempo  
crescendo para nos separarmos?  
Por que não morremos os dois  
quando minha infância se foi?"*

Pablo Neruda

Alfabetização cidadã, reeducação do olhar, novos pontos de vista. Arroyo nos fala que nessas mudanças de olhares há uma esperança, "esperança de um novo reencontro entre a docência, a pedagogia e os educandos".

O Centro É uma Sala de Aula fortalece essa esperança. Ou melhor, já fez dela uma realidade. Nas trilhas, nas aulas-passeio, nas visitas monitoradas, "o mundo" se coloca para educador e educando.

*"Ninguém educa ninguém,  
ninguém se educa a si mesmo,  
os homens se educam entre si  
mediatizados pelo mundo."*

Paulo Freire

E o mundo vai ensinando, e vai aproximando o que tem estado tão separado: quem ensina e quem aprende. A condição de cidadão-aprendiz elimina barreiras, diminui distâncias hierárquicas.

A cidade tem esse dom. Inverte os papéis, renova as relações.

Cumplicidade é essa faculdade de nos comunicarmos uns com os outros e nos comovermos. A cidade coloca professor e aluno em relação de cumplicidade e, por isso, subverte a relação pedagógica tradicional, onde um (aparentemente) sabe, ensina, e outro (aparentemente) não sabe, aprende.



### RODA DE CONVERSA

No Instituto Biológico, a educadora organiza uma roda de conversa. Os cidadãos-aprendizes trocam experiências e visões sobre o percurso.

*"Fui vendo o encantamento nos olhos dos alunos, acho que assim é mais fácil e muito mais bonito."*

**Denise Aparecida Corrêa**

*Educadora da EMEI Paulo Alves*

Na cidade, todos ensinam e aprendem juntos. E, em alguns casos, o aluno acaba ensinando o professor. Ele mora ali. Conhece os caminhos e alguns segredos. E quando este "saber" é valorizado pela escola, ou melhor, pelo seu professor, acontece um encaixe: da pessoa com o aluno, o menino-pessoa, moleque, aparece e se junta com o aluno-pessoa, bagunceiro, indisciplinado. Essa integração nos parece ser o caminho para que a escola passe a ter sentido para as pessoas. E para que a cidade passe a nos pertencer.

Cumplicidade, recípro-cidade. Na cidade, educador e educando se tornam parceiros, cúmplices do mesmo desejo de transformação, concretizado por meio de projetos educativos. Alteram-se as relações entre educador e educando, os dois intensamente envolvidos no processo de aprender e realizar.

Os projetos formulados conjuntamente por educadores e educandos revelam o potencial criador e transformador de ambos. Os territórios existenciais se enriquecem, novas possibilidades de aprendizagem são percebidas e geradas, ambos deixam de ser somente atravessados pelos acontecimentos para se perceberem como produtores de movimentos no território, capazes de gerar transformações, de produzir realidades.

E, nas pegadas de O Centro É uma Sala de Aula, a escola vai se requalificando. Não, ainda, com relação a métodos ou a conteúdos curriculares. Mas, principalmente, no que diz respeito à qualidade das relações pedagógicas.

*"Quando a gente volta para a sala de aula, discute com os alunos o lugar que fomos visitar, aquilo que conseguimos ver..  
É muito rico porque saem deles as descobertas, saem deles as questões e então eu consigo ampliar e sonhar muito mais, junto com eles. Isso que é importante: o sonho através da realidade que nos cerca, a partir da história que eles trazem para nós educadores.  
A gente descobre junto com as crianças e enquanto pessoa também.  
A gente se descobre como parte de uma cidade, de um povo..  
É gratificante e até me emociono.  
Percebo que construímos juntos essa identidade."*

**Cristiane Dias**

*Educadora da EMEI João Theodoro*

Depoimentos como este, carregados de emoção e significado, são comuns entre os educadores que praticam O Centro É uma Sala de Aula. São belíssimas sínteses dos resultados deste programa. Pois é isto: o bairro-escola, a cidade educadora, revela autores, poetas, cidadãos de verdade.

É esta a cidadania que nos interessa, porque tem o poder de requalificar a escola<sup>18</sup> e a cidade, a partir da requalificação das relações, ou seja, a partir dos sujeitos que fazem a escola e a cidade.

*“Os passeios têm mudado muito o comportamento geral dos alunos.  
As pichações diminuíram. As faltas também.  
Eles têm valorizado cada vez mais a experiência de representar  
a escola pelas ruas e espaços da cidade.  
Nunca pensei que fosse presenciar isso.  
Porque este pessoal é fogo!  
Mas, pelo visto, a cidade ensina mesmo.  
Ensina a viver junto e a ter cuidado com as coisas.”*

**Rosimeire Juraitis**

*Educadora da EMEF Celso Leite Ribeiro Filho*

E, na nossa história de encontros, mais um encontro se dá. Depois daquele, da cultura com a educação, agora quem se encontra é o educando com o educador.

A temática da cidade inverte os papéis e coloca o educador como aprendiz. E, como nossa capacidade de ensinar está totalmente associada a nossa capacidade de aprender, essa formação vem aprimorando a prática desses educadores. Pois o contato com a cidade provoca uma inversão na lógica do sistema explicador. A cidade não se explica. A cidade se apre(e)nde pela sua prática, pela experiência.

O sistema explicador, em prática na maior parte das escolas brasileiras, se aperfeiçoa a cada dia, sem que com isso possamos verificar aperfeiçoamentos correspondentes nos sistemas de compreensão. Precisamos desenvolver práticas e métodos de aprender e ensinar que extrapolem as meras explicações. O Centro É uma Sala de Aula tem cumprido esse papel, ainda que de forma imprevista e não sistematizada.

Por isso, fazer da cidade uma sala de aula, ou seja, usá-la como contexto, território pedagógico, subverte as relações educativas tradicionais em que um ensina e outro aprende, aproximando os conteúdos escolares da vida.

<sup>18</sup> Quando falamos “escola”, entenda-se escolas e demais instituições educativas e assistenciais.



### ARTE E EXPRESSÃO

Desenho produzido por aluno de EMEI. Releitura poética visual de pontos históricos de São Paulo. Novos olhares sobre o território.

A experiência de cidade aciona nossa curiosidade e interesse, tão adormecidos pelo aparente beco sem saída em que a escola está colocada. O praticar a cidade provoca nossa vontade de conhecer e de intervir no mundo, essência da pedagogia freireana.

O encantamento da descoberta: esta é a essência do processo educativo, da relação pedagógica na qual acreditamos. Quando a cidade é desvendada em seus segredos, o enigma da esfinge se resolve. A cidade é decifrada. E, no lugar de nos devorar, passa a nos acolher e a nos encantar.

É nesse contexto que falamos em requalificação e em ressignificação da escola e da cidade.

Se a requalificação da escola se deu com a requalificação das relações na escola, como fica a qualidade das relações que estabelecemos com a cidade?

A dificuldade que nós, habitantes das grandes cidades, temos para nos identificar com o entorno em que vivemos e trabalhamos é imensa. E isso é apontado como um dos fatores da perda de significado das cidades, da relação entre as pessoas e o seu território. E a cidade deixa de ser vista, sentida, significada como um bem comum, coletivo. É o que produz a indesejável alienação. Alienação que é a responsável pela degradação do espaço urbano, incluindo-se aí o Centro da cidade de São Paulo. Alienação que cria desinteresse, distanciamento.

*"Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação."*

Milton Santos

O Centro É uma Sala de Aula inverte essa relação, substituindo a indesejável alienação pelo interesse, que produz significado.

Ler a realidade e escrever a cidadania implica a construção de práticas cotidianas que recriam uma série de valores, saberes que passam a nos formar para atuar coletivamente através de atitudes políticas efetivas e afetivas de relação com o nosso entorno.

Ao incentivar e favorecer os processos de leitura e interpretação do "texto" urbano, numa perspectiva educativa, a capacidade de compreensão das contradições existentes se amplia e se ampliam as possibilidades de modificação da realidade, de modificação do espaço urbano.

Como vimos até aqui, O Centro É uma Sala de Aula, através dos seus processos de alfabetização cidadã, tem produzido orgulho e encantamento, vontade e pertencimento, cumplicidade, reciprocidade. Entre professores e alunos, entre a comunidade escolar e a cidade, entre os parceiros, entre eles e a escola e entre eles e a cidade.



#### **A CIDADE FALA CONOSCO**

No seu desenho, o aluno transvê o mundo, como propõe o poeta Manoel de Barros. O Edifício Altino Arantes ganha vida e bate um papo com a Catedral da Sé. O que será que eles dizem um ao outro?

Os novos hábitos escolares promovem novos usos urbanos. A cidade vai sendo praticada, percorrida, desvendada, revelada. As ruas ficam mais seguras iluminadas pela luz que vem dos olhos de quem as percorre. A cidade se enche de futuro. A cidade se renova e se requalifica, desempenhando sua função de ser educadora, de ser incubadora de experimentos educativos.

O sistema de práticas do programa envolve as crianças, os jovens e seus educadores e também as redes de parcerias locais; vão se configurando novos arranjos espaciais e simbólicos que vão desenhando uma cidade tramada por fios e laços de cooperação e confiança social, de orgulho e pertencimento.

E assim vai surgindo a cidade que queremos: a cidade enquanto território existencial, como um sistema formativo integrado, como rede de proteção e desenvolvimento tecida pelo passos, pelos mapas construídos.

A partir dessa rede de sociabilidades, formam-se lealdades e horizontes de ação nos quais a cidadania de fato se realiza e se enraíza como parte da experiência de seres humanos concretos. Ela supera a condição de direito, dever, enquanto um conceito abstrato, e passa a ser ação, atitude, produção individual e coletiva. Direito e dever praticado, sentido.

O Centro É uma Sala de Aula não depende nem propõe nenhuma ação de intervenção física nos espaços da cidade, sejam eles públicos, sejam privados. Elas podem até acontecer, mas, de maneira indireta, como consequência das intervenções e alterações nos usos, na maneira de usar os espaços, posta em prática pelo programa. Por isso falamos em "requalificação" dos espaços na perspectiva da requalificação das relações de uso dos espaços e das relações que se dão nesses espaços.

Não se trata, então, de revitalização, refuncionalização, renovação. Pois o Centro está cheio de vida, repleto de funções, e cada dia com mais coisas novas. A questão é a qualidade dessa vida, dessas funções, desses espaços.

O que passa a interessar são os usos da cidade, porque a cidade, sem uso, perde seu significado.

Como vimos anteriormente, a degradação do Centro de São Paulo está totalmente ligada à história de sua urbanização, com a superposição de sucessivas camadas e padrões de ocupação.

Os enormes investimentos realizados para revitalizar, restaurar, requalificar o Centro de São Paulo não afastaram ainda o risco de seu esvaziamento econômico e funcional, nem garantiram uma mudança na qualidade de permanência da população nos espaços em questão. O velho Centro continua sendo pouco utilizado diante da riqueza de oportunidades que oferece.

O que podemos concluir é que apenas infraestrutura material não sustenta a qualidade de vida na cidade. A questão do uso é fundamental. Diversos autores têm refletido sobre a questão da requalificação dos centros de grandes cidades e indicam que um dos maiores obstáculos apresentados são as barreiras simbólicas e a intensidade do uso de seus espaços e equipamentos. O sucesso das políticas de requalificação e dinamização da região depende diretamente, como mostram várias experiências nacionais e internacionais, do comprometimento da sociedade, dos múltiplos atores organizados, dos cidadãos em geral.

Nessa perspectiva, o encontro entre educação, cultura e cidade, proporcionado pelo Centro É uma Sala de Aula, torna-se importante estratégia de alcance de resultados, associado às demais ações de revitalização em curso.

A integração proposta é fundamental não só para a requalificação da escola, mas também para a melhoria da qualidade de vida no velho Centro de São Paulo.



### CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Encantados com os símbolos da vida e da morte e com o teor dos epitáfios nas lápides do Cemitério da Consolação, parceiro do programa, os alunos descobrem as muitas personalidades da história ali sepultadas, conhecem esculturas famosas e constataam que o lugar guarda um pouco da história de cada cidadão paulistano, seus heróis e mártires. Morte, vida, transformação.

Além de organizar regularmente atividades de visitação e fruição dos equipamentos culturais, O Centro É uma Sala de Aula incentiva educadores a utilizar a região do entorno da escola, sua história e características como temas em sala de aula.

Essas iniciativas têm provocado impactos positivos não apenas no índice de utilização dos equipamentos públicos, como museus, parques, cinemas, praças, teatros, áreas de lazer e na qualidade do ensino, mas também têm criado novos vínculos e interações entre a comunidade e o território.

A disseminação de hábitos e práticas de ocupação do espaço urbano entre as crianças e os jovens da região influencia as suas famílias, que passaram a frequentar lugares onde nunca antes pensaram visitar. E o interessante é que, além de serem educadores de seus pais, lhes apresentando uma São Paulo que desconheciam, os alunos se transformam em espécie de guias turísticos informais, conduzindo suas famílias pelos pontos de interesse da cidade.

*“Com o programa, passamos a desenvolver visitas extras ao Centro. Lembro-me que uma vez organizamos uma visita não obrigatória à exposição Evolução do Homem no CCBB. Apareceram cinco crianças acompanhadas da família em pleno domingo chuvoso no meio de um feriado. Isso era surpreendente.”*

Rosely Fernandes Marinheiro  
Educadora da EMEF Duque de Caxias

A intensificação dos usos do território urbano e a criação de vínculos através de novas formas de apropriação e identidade são fatores fundamentais não só para conservação e manutenção desses espaços, mas para a ampliação do seu sentido social. É o que chamamos de requalificação pedagógica da cidade.

A parceria cultura-educação também pode implicar o processo de fixação dos moradores (os alunos provavelmente já o são), que devem ser incentivados a valorizar sua região, usufruir o que ela oferece, alcançar um nível mais positivo de identificação com seu entorno, superar a atual tendência de desvalorização e rejeição com relação à cidade.

A mesma parceria também se reverte em benefício para a escola, do ponto de vista de sua eficiência pedagógica, sociabilidade (nível fundamental de inclusão social pelos hábitos cotidianos) e integração com o território à sua volta.

*"Hein? Se melhorou a nota?  
Bom, o fato é que, quando visitamos o Museu da Língua Portuguesa com o pessoal da oitava série, que é barra-pesada mesmo, algo aconteceu. Eles não queriam ir ao Museu de jeito nenhum, mas quando chegamos de volta notamos que sumiram todos os exemplares do Guimarães Rosa das prateleiras da biblioteca escolar.  
Acho que nunca ninguém tinha retirado aqueles livros antes."*

**Maria Rita Cáceres**

*Educadora da EMEF Duque de Caxias*

Consolidando a cidade não só como extensão da escola, mas como um sistema aberto, fonte de produção de conhecimento, São Paulo vai se afirmando como cidade educadora.

Pensar e praticar a educação nos tempos e nos espaços cotidianos da cidade implica a requalificação da educação escolar, transformando-a em uma educação verdadeiramente cidadã. Não se trata apenas de conservar, preservar o espaço urbano, mas de praticar a cidade! Quando nos transformarmos todos em praticantes da cidade, aí produziremos cidadania.

Cidadania, sem dúvida, se ensina e se aprende, como nos lembra Milton Santos.

A cidadania da qual falamos aqui é esse processo de praticar, entender, atuar e transformar o mundo, como sujeitos interventores. Mais uma vez é Paulo Freire quem nos traduz esse processo, esse estar no mundo como cidadão.

*"O mundo não é.  
O mundo está sendo.  
Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora, e na objetividade com a que dialeticamente me relaciono;  
meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências.  
Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente.  
No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar."*

E, na cidade sonhada, estes significados, estes conhecimentos serão a argamassa e o tijolo, edificados dentro dos princípios de um urbanismo não meramente funcionalista, mas humanista e pedagógico.

Por que não adotarmos projetos urbanísticos onde a formação das pessoas seja a medida decisiva na construção da cidade? Por que não adotar lógicas revita-

lizadoras, centradas nas pessoas? Os projetos urbanísticos passariam a contar com as dinâmicas de produção de conhecimento existentes nas escolas e nas ruas da cidade. Uma requalificação ancorada na pedagogia, em intervenções e programas urbano-educativos.

Para isso acontecer, os arquitetos e demais especialistas desta área, assim como os educadores, estariam quem sabe dispostos a ampliar o olhar, a rever práticas e princípios. Seriam arquitetos, urbanistas, educadores a um só tempo.

Nesse processo de integração intensa entre cultura e educação, poderíamos chegar ao ponto em que nossas escolas fossem consideradas patrimônio cultural aberto à visitação. Pois vejam: se os museus, centros culturais e até os cemitérios têm hoje seus programas de ação educativa, por que nossas escolas não desenvolvem seus próprios projetos culturais? Passem a expor publicamente a sua produção material e imaterial?

Pois, por mais singelas que sejam suas construções e demais produções, todas elas falam muito da história, da alma e da personalidade de nossa cidade. São espaços dos quais deveríamos nos orgulhar.

Então, que tal inserirmos as escolas nos guias turísticos de São Paulo e colocá-las como centro difusor de cidadania, de uma nova urbanidade?

## **(a Pauliceia Desejada)**

*"Sofro da bendita mania de contar.  
E me pergunto: pode-se transmitir essa mania?  
As obsessões se ensinam?"*

**Gabriel García Márquez**

O que nos moveu a contar esta história, desde suas primeiras linhas, seus primeiros passos, foi a vontade de compartilhar os caminhos que nos trouxeram possibilidades reais de melhorar a escola e a cidade, com as ações do programa O Centro É uma Sala de Aula. Caminhos que nos levam ao bairro-escola e à cidade educadora.

O Centro É uma Sala de Aula é um passo nessa longa jornada. Este programa tem atuado firmemente no sentido de transformar São Paulo em cidade educadora, em bairro-escola. Colabora assim para a conversão da educação em um

projeto social que revela e reforça todas as potencialidades da vida urbana para o desenvolvimento individual e coletivo, para a educação cidadã.

Além disso, o programa confere à pedagogia um caráter territorial e atribui à cidade um caráter pedagógico. Torna público o espaço escolar e torna educativo o espaço público. Devolve a cidade ao cidadão e matricula o aluno na cidade. Para isso cria condições e estratégias de desenvolvimento de uma educação que potencializa atitudes positivas em relação ao meio ambiente urbano. A escola e a cidade mudando os seus significados, integrando-se.

O Centro É uma Sala de Aula cumpre muito bem todos esses papéis ao se afirmar como um processo educativo potente, dinamizado por encontros e conexões entre educador e educando, entre cultura e educação, entre a educação e a cidade.

É território educativo por ser portador de recursos educativos, por possuir uma estrutura pedagógica estável formada pelas instituições educativas formais e informais. Além disso, o programa estruturado em rede cria uma malha diversa de interações educativas, culturais e cidadãs. Também oportuniza um conjunto de acontecimentos educativos efêmeros e ocasionais e oferece todo um conjunto de espaços de encontros e vivências educativas não planejadas pedagogicamente.

O programa é fonte e agente da educação, pois ensina diretamente elementos de cultura, atitudes sociais, valores, costumes e tradições. O Centro É uma Sala de Aula toma o meio urbano como produtor de relações e efeitos educativos premeditados e também imprevistos. Acolhe e inter-relaciona os processos educativos formais, não-formais e informais, apontando, inclusive, para a superação dessas distinções.

Afirma a condição sistêmica dos processos educativos e demanda planejamentos integradores. Desenvolve e fortalece o caráter aberto, evolutivo e dinâmico da cidade e se reconhece no conceito de educação permanente e integral. E, por fim, defende o direito à diversidade pela promoção das oportunidades.

Como procuramos demonstrar, este programa tem um potencial imenso para ser um difusor de conceitos e práticas que, dentro e fora da escola, vêm contribuindo muito para que São Paulo se consolide como cidade educadora, para que o Centro incorpore e efetive os princípios e fazeres do bairro-escola.

Muito vem sendo feito e muitos esforços foram empreendidos na busca de integração do programa com outras unidades de administração pública como assistência social, cultura, meio ambiente, desenvolvimento, entre outras.

O programa apresenta grande diferencial, com envolvimento efetivo de parceiros dos três setores da sociedade: público, privado e não-governamental.

Para que uma cidade seja educadora, de fato, de acordo com o que coloca sua Carta (na sua última revisão em 2004), é fundamental a integração de todas as políticas públicas e não só uma ação no contexto das secretarias de Educação. Segundo essa Carta<sup>19</sup>, quem deve coordenar esse processo é o próprio prefeito da cidade, e garantir que todas as secretarias trabalhem nessa direção. E, além disso, a cidade que desejar ser educadora deverá fomentar a participação cidadã, de todas as gerações, com destaque para o envolvimento de crianças e jovens.

O não-cumprimento desses quesitos não se restringe a São Paulo. Em todo o Brasil, o debate e a prática da cidade educadora e do bairro-escola ainda têm se limitado ao âmbito da educação escolar, ao interesse restrito dos pedagogos, educadores e gestores escolares. Esse é o quadro geral, salvo raríssimas exceções. Dentre elas, destacamos as experiências de duas cidades participantes da Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE): Belo Horizonte (MG), com os projetos de Escola Integrada e de Comunidade Integrada, e Nova Iguaçu (RJ), com o Programa Bairro-Escola. As duas experiências nasceram inspiradas no Programa Bairro-Escola da Cidade Escola Aprendiz da Vila Madalena – que também atua no programa O Centro É uma Sala de Aula – de quem recebem permanente colaboração nos processos de implantação, reflexão, formação e avaliação.

Nessa perspectiva, O Centro É uma Sala de Aula destaca-se como experiência modelo de disseminação das práticas do bairro-escola em São Paulo. O programa amplia e enriquece o debate que envolve cidade e educação e estimula práticas educativas inovadoras, promovendo a integração entre governo, empresas, escolas e sociedade civil.

Isso tem colaborado muito para que o debate sobre os temas cidade educadora e bairro-escola se amplie e se diversifique para além dos muros da escola, envolvendo cada vez mais profissionais das mais diversas áreas, museus, casas de espetáculos, empresas, universidades, ONGs, rede de comércio e serviços, e tantos outros atores sociais. Essa multiplicidade de olhares e práticas é vital para que uma cidade educadora e um bairro-escola existam e se sustentem.

O Centro Histórico de São Paulo é apenas uma pequena parte desta cidade-mundo. Mas em sendo seu coração, este músculopotente tem o poder de bom-

*19 A versão atual da Carta das Cidades Educadoras na íntegra pode ser encontrada no site <<http://www.edcities.org>>.*

bear energia para toda a cidade. É uma referência simbólica e concreta para toda a cidade. O Centro É uma Sala de Aula transformou o Centro Histórico em um imenso laboratório experimental de práticas pedagógicas e cidadãs, de inovação e de investigação educativa. E oferece essa formação para todos os bairros da cidade, inclusive para cidades vizinhas.

Assim, ainda que não seja uma política pública municipal integrada, este programa educativo tem colaborado para que, nos demais corações da cidade, ou seja, nos centros de outros bairros que não o Centro Histórico, vá se disseminando a ideia de bairro-escola, de cidade educadora. Nestes quatro anos de programa, já podemos verificar uma série de melhorias na região central, bem como nas escolas participantes, na perspectiva de sua requalificação pedagógica.

O desejo de tornar pública essa experiência é o mesmo desejo de disseminar esse nosso jeito particular paulistano, brasileiro, de construir bairro-escola, de fazer cidade educadora.

*"Nosso jeito", sim, pois uma cidade educadora e um bairro-escola não se realizam de maneira genérica. Não podemos reduzi-los a tecnologias a serem replicadas e, sim, entender tais processos como ideias e práticas a inspirar novas ideias, novas práticas e novos jeitos em outros lugares.*

Podemos afirmar que toda cidade é potencialmente educativa, mas nem por isso podemos dizer que todas elas sejam educadoras, ou que todas tenham a mesma maneira de exercer e praticar essa qualidade.

Como, então, uma cidade (um território, um entorno, um lugar) pode passar da condição de educativa para a de educadora? Existe uma receita?

Esperamos ter deixado algumas pistas nestas páginas.

Sabemos que não é possível nem desejável fazer igual em todos os lugares. Esperamos ter demonstrado que o sucesso do Centro É uma Sala de Aula tem tudo a ver com o quanto ele se ampara nas especificidades do território onde ele se localiza, sejam elas precariedades, sejam potencialidades.

Uma boa receita é aquela que respeita as condições locais (quem cozinha sabe disso).

*"São Paulo quer tornar-se bela e apreciada.  
Finalmente a cidade espertou num desejo de agradecer.  
E era preciso que assim fosse."*

Mário de Andrade

Pois é isso: nossa cidade e nossas escolas "espertaram" num desejo de agradar e, para isso, elas esperam por nós.

E para (d)espertar, não é preciso nenhum esforço, nem qualquer conhecimento acumulado, basta abrir os olhos e se pôr a caminhar.

## **(receita de bairro-escola à moda do Centro)**

### **INGREDIENTES**

Saia pelas ruas e, nos seus vastos campos semeados de gente, objetos e relações, colha um punhado dos seguintes ingredientes:

Diversidade  
Igualdade  
Pertencimento  
Intersetorialidade  
Transversalidade  
Protagonismo  
Gestão participativa  
Autonomia  
Envolvimento  
Sustentabilidade  
Espaços públicos (do autêntico)  
Quintais (podem ser emprestados)  
Leveza  
Beleza...  
...E um bocado de gente.

### **MODO DE FAZER**

Com muita VONTADE e PAIXÃO, encadeie tudo em forma de rede, integrando e potencializando cada componente em suas particularidades, sejam elas fragilidades, sejam qualidades.

Esprema bem para retirar qualquer vestígio de explicação e de exclusão.

Aos poucos, a massa vai dando liga. Para que fique macia, vigorosa e saborosa, derrame sobre ela vários frascos de criatividade. Um pouco de incerteza, um tanto de novidade, dosando criteriosamente os ingredientes para a receita não desandar.

Ah! Não se esqueça das dúvidas: sempre dão um toque especial, deixando, na boca e no ar, a curiosidade. Sem curiosidade não tem receita educativa que se sustente.

As peraltices são bem-vindas, pois, mesmo que impliquem riscos, dão um sabor muito especial ao prato.

Se o imprevisto cair assim de repente na panela, aproveite.

#### DICAS DO *CHEF*:

- O sucesso dessa receita é proporcional à quantidade e à variedade de mãos que participam de sua feitura. De todo credo, de todo jeito, de toda cor. Quanto mais gente, melhor!
- Não se assuste se o sabor de sua receita ficar completamente diferente daquele que você provou em outro lugar por aí. É que essa receita, como a do pão de queijo ou do cafezinho, varia muito de acordo com o lugar. A temperatura do ambiente, a cultura local e a intenção de quem a faz podem mudar tudo, mas sempre contribuindo para tornar o seu sabor mais especial.
- Os ingredientes podem ser adaptados conforme a região. Por isso mesmo, o primeiro passo é conhecer o lugar, seus frutos nativos, seus temperos usuais.

## RESULTADOS

### (os números)

18 escolas municipais e 22 núcleos socioeducativos

10 mil alunos e cerca de 220 professores da região central beneficiados diretamente pelo programa

295 educadores certificados pelo curso de formação gratuita nos conceitos de bairro-escola e cidades educadoras

1.450 roteiros de ônibus realizados pelos espaços do Centro e da cidade

Mais de 135 mil participações de alunos em trilhas educativas pela região e pela cidade

Mais de 2.500 participações de educadores em trilhas educativas pela região e pela cidade

Cerca de 200 parceiros articulados em rede sociopedagógica.

**(as escolas)**

CEI VEREADOR JOSÉ DE MOURA

CEI SILVIA COVAS

CEI WILSON JOSÉ ABDALLA

CIEJA CAMBUCI

EMEF HELEN KELLER

EMEF BRIGADEIRO FARIA LIMA

EMEF CELSO LEITE RIBEIRO FILHO

EMEF DUQUE DE CAXIAS

EMEI ALBERTO DE OLIVEIRA

EMEI ÂNGELO MARTINO

EMEI ANTÔNIO FIGUEIREDO DO AMARAL

EMEI ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA

EMEI GABRIEL PRESTES

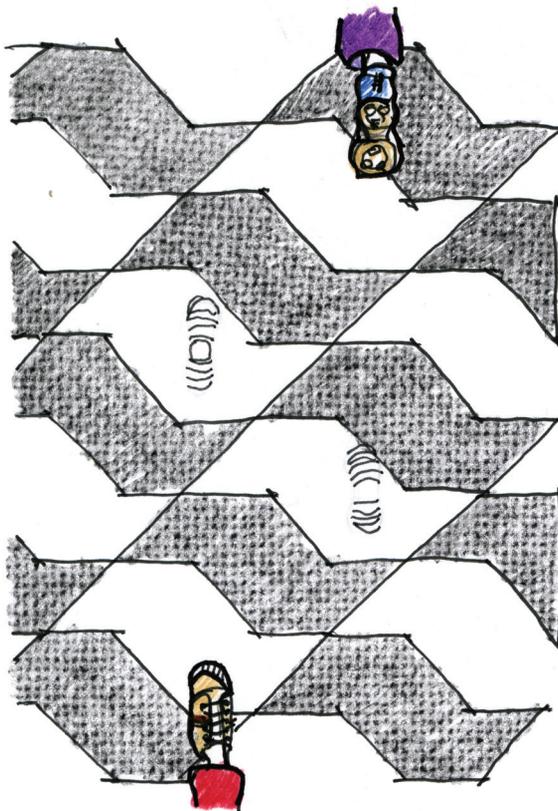
EMEI JOÃO THEODORO

EMEI MONTEIRO LOBATO

EMEI PATRÍCIA GALVÃO

EMEI REGENTE FEIJÓ

EMEI ALCEU MAYNARD DE ARAÚJO



## (os núcleos socioeducativos)

NSE INSTITUTO DOM BOSCO

NSE PARA ADOLESCENTES E JOVENS DOM BOSCO

NSE AMAS

NSE ALEGRIA

NSE COR

NSE CASA DE SÃO JOSÉ

NSE DOM ORIONE

NSE ESPERANÇA

NSE NOSSA SENHORA DO CARMO

NSE PADRE MARIANO

NSE PARA ADOLESCENTES E JOVENS  
FUNDAÇÃO JOVEM PROFISSIONAL

NSE PARA ADOLESCENTES E JOVENS  
PADRE MARIANO – PROFISSIONALIZANTE

NSE PAULO VI

NSE PERSEVERANÇA III

NSE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

NSE UM NOVO OLHAR SOBRE O BIXIGA

CRECA-CENTRO: CENTRO DE REFERÊNCIA  
DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

CASA ABRIGO AUXILIADORA

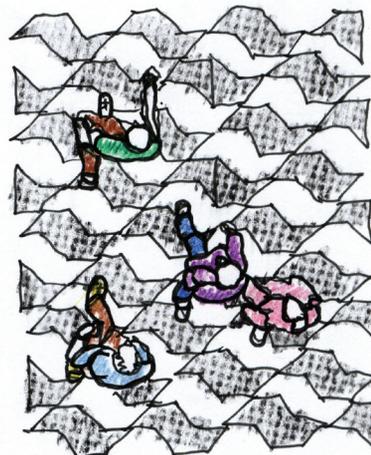
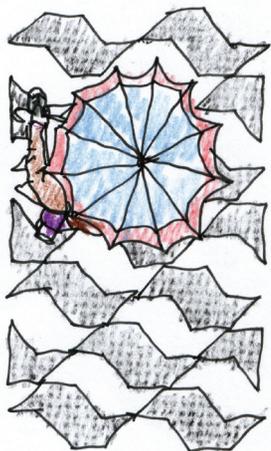
CASA DE ACOLHIDA JOSELITO LOPES MARTINS

CASA DE ACOLHIDA TAIGUARA / TAIGUARINHA

CASA DE ACOLHIDA PADRE BATISTA

CEDECA MARIANO CLEBER DOS SANTOS

CRECA MOINHO DO BEXIGA



## (os parceiros)

APAE de São Paulo  
Aquário de São Paulo  
Arquivo Histórico  
Ballet Evelyn  
Batalhão Tobias de Aguiar  
Biblioteca Mário de Andrade  
Biblioteca Monteiro Lobato  
Bienal de Artes Plásticas – 2006  
Bienal do Livro – 2005  
BM&F  
BOVESPA  
Brinquedoteca – Fundação Abrinq  
Casa Gourmet  
Câmara Municipal de São Paulo  
Catedral da Sé  
CCA Dom Oriene  
CCA Paulo VI  
Cemitério da Consolação  
Centro Cultural Banco do Brasil  
Centro Cultural da Caixa  
Centro Cultural São Paulo  
Centro de Controle Operacional do Metrô  
Cidade Portinho Seguro  
Circo Du Soleil  
Circo Orlando Orfei  
Circo Spacial  
Circo Zanni  
Cine Marabá  
Cinemark  
Cinemateca  
Danilo Blanco (artista plástico)  
DETRAN  
Ecofuturo – Cooperativa de Reciclagem  
Editora Abril  
Editora IBEP  
Enio Antunes  
Edifício dos Correios e Telégrafos  
Escola Stance Dual  
Escola São Paulo  
Escritório de Inclusão Social Nós do Centro – Bela Vista  
Escritório de Inclusão Social Nós do Centro – Glicério  
Espaço Pão de Açúcar Kids  
Espaço Unibanco de Cinema  
Estádio Paulo Machado de Carvalho  
Estação Ciência  
Estação Pinacoteca  
Faculdade Armando Álvares Penteado  
Faculdades Integradas UNIESP  
FATEC  
Federação Paulista de Carros Antigos  
Fundação Callis / Editora Callis  
Fundação OSESP– Sala São Paulo  
Fundação Parque Zoológico de São Paulo

Fundação Vanzolini  
Galeria Central  
Galeria Olido  
Giramundo – Consultoria Cultural  
Gradiente  
Horto Florestal  
HSBC Cine Belas Artes  
IPHAN  
Itaú Cultural  
Instituto Butantan  
Instituto Biológico de São Paulo  
LABRIMP – Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos  
Liceu de Artes e Ofícios  
LIMPURB  
Marli de Oliveira – Canta a História  
MASP – Museu de Arte de São Paulo  
Memorial da América Latina  
Memória do Gás  
Memorial do Imigrante  
Mercado Municipal  
Mosteiro de São Bento  
Movimento Freinet  
Museu Afro-Brasil  
Museu Casa das Rosas  
Museu da Energia  
Museu da Casa Brasileira  
Museu da Língua Portuguesa  
Museu da Polícia Militar  
Museu da Ótica  
Museu de Arte Brasileira  
Museu de Arte Contemporânea  
Museu de Arte Moderna  
Museu de Arte Sacra  
Museu de Zoologia  
Museu do Theatro Municipal  
Museu do Transporte  
Museu e Torre Santander  
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil  
Museu Paulista  
Natura  
Navega São Paulo – SABESP  
Nereide S Rosa (escritora)  
OCA  
Palácio dos Bandeirantes  
Parque da Água Branca  
Parque da Ciência e Tecnologia – CIENTEC  
Parque da Luz  
Parque do Ibirapuera  
Parque Ecológico do Tietê  
Parque Estadual Albert Löefgren  
Parque Estadual da Serra da Cantareira  
Parque Estadual do Jaraguá

Parque Villa Lobos  
Pateo do Collegio  
Paulo Von Poser (artista plástico)  
Planetário Mundo Estelar  
Pinacoteca do Estado  
Programa Aprendiz Comgás  
Projeto Aplaudir de Teatro  
Projeto Ecoar  
Rede Social SP  
Rally a Pé – Beni Becker  
Rotary Clube São Paulo – SÉ  
SABESP  
Sala São Paulo – Estação Júlio Prestes  
Santander  
São Paulo Companhia de Dança  
Schering do Brasil  
Secretaria do Verde e Meio Ambiente  
SESC Carmo  
SESC Consolação  
SESC Ipiranga  
SESC Pompéia  
Shopping Eldorado  
Shopping Light  
Solar da Marquesa  
SPTuris  
Teatro da Vila  
Teatro Caetano de Campos  
Teatro Cultura Artística  
Teatro Fernando de Azevedo  
Teatro Franco Zampari  
Teatro JB  
Teatro João Caetano  
Teatro Julia Bergmann  
Teatro Maria Della Costa  
Teatro Maquinaria  
Teatro Mamulengo  
Teatro Oficina  
Teatro Ruth Escobar  
Teatro Popular do SESI  
Teatro Rui Barbosa (Mackenzie)  
Teatro São Bento  
Teatro São Pedro  
Teatro Sérgio Cardoso  
Teatro Shopping Frei Caneca  
Teatro União Cultural  
Theatro Municipal  
Tetrapak  
Trilha Redescobrimo a Paulista – Santander  
Trilha Redescobrimo o Centro – Santander  
Universidade Anhembi Morumbi  
UNIESP  
Videolar  
Viveiro Manequinho Lopes

## (os educadores certificados pelo programa)

CURSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES: O Centro É uma Sala de Aula

### 2005

ALINE MARIA TAMPOLINI CRUZ  
ANA MARIA DE FÁTIMA BONINI  
ANA MARIA DA CRUZ INES  
ANDERSON ANTONIO DA SILVA BATISTA  
AURELINA LIMA DOS SANTOS  
CARMEN MARTINI COSTA  
CRISTIANE BRITO DIAS  
DANIELA MEDEIROS CUNHA  
EBER OLIVEIRA JUNIOR  
ELIANE NASCIMENTO SANTOS  
ELIETE SCOLA TAVARES LUCIO  
ELOIZA DE SOUZA SCIARRETA  
ELSA MARIA DE MELLO COSTA  
ELZA DOS SANTOS  
ESMERIA LUCIA RIBEIRO  
FLAVIA MARIA CIVIDANIS LINO FREITAS  
IRENE DE SOUSA CRANQUE  
IRLAN DA CUNHA BORGES  
ISABEL TIEKO NAKATA  
IVANA SILVIA KOTAIT  
IVANI CUNHA BORGES BERTON  
JANE TERESINHA TAMPOLINI SOUZA  
LEONISIA RODRIGUES DOS SANTOS  
LOURDES IGNACIA DE CAMPOS  
LUCIA DE OLIVEIRA FRANCISCO  
LUIZ FRANCISCO ALVES REDONDO  
MAGDALENA SAMPAIO TAVARES  
MARCIA REGINA DE JESUS MAGDALENO  
MARGARIDA AUXILIADORA FINISGUERRA  
MARIA APARECIDA JURADO  
MARIA CECILIA COSTA  
MARIA CECILIA DOS SANTOS LOPES  
MARIA CECILIA RIBEIRO  
MARIA CRISTINA GEROMEL  
MARIA CRISTINA TEIXEIRA LORENZETTO  
MARIA DE LOURDES SEVERINO  
MARIA INES C DE CASTRO RODRIGUES  
MARIA LUIZA RIVITTI  
MARISA IGNEZ CASTRO SANCHES  
MARTA POMERANCLUM  
MARY ELIZABETH CONSENTINI  
MAURICIO APARECIDO DE OLIVEIRA  
NAARA COSTA DA SILVA  
NATALIA CONCEIÇÃO VILELA DOS SANTOS  
NEIDE GONÇALVES DE CARVALHO  
ROSA MARIA CHIECO JERONYMO FORGGIA  
ROSELY FERNANDES MARINHEIRO  
SANDRA PEROLA ROCHA  
SERGIO RIBEIRO FERREIRA CLARO  
SILMARA DE ALMEIDA MOYA

VILMA RODRIGUES TUCUNDUVA  
ZULMIRA ESCOLASTICA PEREIRA

### 2006

ANA LUCIA MARCIA CUSTODIO FERREIRA  
ANA MARIA PEREIRA DE ALMEIDA  
ANDRESA FIGUEREIDO BARBOSA  
ANGELA GRIGÓRIO DA SILVA  
AURELINA LIMA DOS SANTOS VIDAL  
CARLA TEREZINHA S N.CLEMENTINO  
CASSIANA TIEMI TEDESCO TAKAGI  
CELME HELENA LIMA RUSSO  
CLAUDIA CORREIA BONA  
DANIELA COIMBRA HENGLER  
DENISE MACHADO MAKHOUL  
ELAINE DE OLIVEIRA PERES  
ELIANA FRANCO DE LIMA  
ELISA BELMONTE AQUILINO  
FABIA APARECIDA DE SALLES  
FLAVIA MARIA CIVIDANIS LINO E FREITAS  
HENY FREYMANN CRIPPA  
INES RODRIGUES FRANZOI  
IRENE GROSCHITZ  
JAQUELINE DA SILVA SOUZA  
JOSIANE MARIA JANUÁRIO  
LUCIA DE OLIVEIRA FRANCISCO  
LUZIA GIL DE MELO  
MAGALI APARECIDA BATISTA  
MARCIA AJAJ BARROS  
MARGARETH APARECIDA DE ARAÚJO  
MARIA APARECIDA GERVASIO SILVA  
MARIA DO CARMO NEVES FUZZATI  
MARIA REGINA DO ROSÁRIO FERNANDES  
MARIA ROSA DE JESUS  
MARINETE CAETANO  
MARTHA LUCIA BRAGA  
NAARA COSTA  
REGINA HELENA ALVES DE SOUZA  
REGINA MARIA FULANETO FERREIRA  
ROSA MARIA FERIZOLLA DOS SANTOS  
ROSICLER MARQUES NOVO  
SANDRA REGINA MOREIRA VIANNA  
SEBASTIANA MACHADO DE FREITAS  
SEVERINA MARIA PADILHA DOS SANTOS  
SILVIA HELENA S. SANTANA CAMPOS DE CARVALHO  
SIMONE BENIGNO MARTINS  
SONIA MARIA DE JESUS DILEU  
SONIA REGINA AGLAUSKIS  
SONIA REGINA VALORI  
TANIA PENHA  
TEREZINHA P. DE LIMA CAMPOS NASCIMENTO  
VALDEIRES HELENA VIANA

### 2007

ANA KARLA CHAVES MUNER  
ANETE ELISA GUZZELLI DE MOURA  
ANGELA MARIA QUEIROS DE ABREU DOS REIS  
ANTONIA IGNEZ PAGNOSSIM  
ANTONIA NERI BANHOS  
APARECIDA ALVES DE SOUZA  
BENEDITA CONCEIÇÃO DA SILVA  
BRUNO GEORGE ABUD  
CARMEN LUCIA RODRIGUES ALVES  
CARMEN REGINA BLOCKMANN R LOPES  
CASSIANA TIEMI TEDESCO TAKAGI  
CELIA REGINA PILHERI SALVADOR  
CELME HELENA LIMA RUSSO  
CLEIDE CARMO CECCO RIGHETTI  
CLEIDE NEVES DO NASCIMENTO  
CLOTILDE LIMA DE CAMARGO  
CRISNEY BARBOSA  
DENISE APARECIDA CORRÉA  
EDIVANIO CARLOS DA SILVEIRA SOUSA  
EFIGÊNIA MARIA DE FATIMA COMPACCI  
ELAINE CRISTINA REIS DOS SANTOS SILVA  
ELIANA FRANCO DE LIMA  
ELIANE DE OLIVEIRA FULCO  
ELIZANDRA MARTINS ROCHA  
FABIA APARECIDA DE SALLES  
FLAVIA MARIA CIVIDANIS LINO E FREITAS  
FRANCISCA AMBROSIO DOS SANTOS  
FRANCISCA MARIA DOS SANTOS SILVA  
FRANKINEIA M. BARBOSA  
GRAZIELA DAS DORES SILVA MIRANDA  
HILDA ANTONIETTO  
ILMA MARIA VIEIRA  
IVETE RIBEIRO PALADINI  
JOSE AUGUSTO NOVAS  
LUCILENE DE JESUS VIEIRA  
LUCY MEDRADO F COSTA  
MAICON LUIZ SANTANA PENA  
MARCIA BARROS AJAJ  
MARCOS ANTONIO DOS REIS  
MARCOS PAULO BRIANTE PIRES  
MARIA ALICE CARDOSO DA SILVA FERRARI  
MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA HORACIO  
MARIA DO CARMO NEVES FUZZATI  
MARIA DO CEU DE SOUSA CABRAL  
MARIA EUNICE OLIVEIRA  
MARIA ROSA MAZZA CHIARAVALLI  
MARIA ROSARIA PEREIRA  
MARIA SOCORRO DA SILVA COSTA  
MARIA SOLANGE DE M. JOAQUIM PELLEGRINE  
MARIANA BHERING

MARIANGELA LONGO NAKAGAWA  
MÁRIO SERGIO CARDOSO DA SILVA  
MARLY APARECIDA DEL BUSSIO DA SILVA  
MIRIAM SANTOS DA SILVA  
NEUSA MARIA DOS SANTOS GOLA  
PATRICIA REIS BOATTINI  
ROBERTO DONIZETE JUNS  
ROSA ALVES FEITOSA BELMONTE  
ROSA MARIA BALHESTEIROS NOGUEIRA  
ROSICLER MARQUES NOVO  
SANDRA APARECIDA DA SILVA  
SIDNEI APARECIDO SOARES  
SIMONE BENIGNO MARTINS  
SIMONE BRAGA DE OLIVEIRA  
SIMONE GOUVEA ALVES CONCEIÇÃO  
SUZETE SILVA  
TANIA PENHA DA SILVEIRA  
TERESA CRISTINA DA COSTA LOBO  
TERESA CRISTINA DOS SANTOS MARTINS  
VALERIA OLIVIA ESTEVES DE SOUSA  
VERA HELENA GOMES SILVA  
VERA LUCIA MENDONÇA  
VILMA PACHECO  
VIRGILIO ROBERTO WEY  
VIVIANE APARECIDA FELICIANO  
**2008**  
ADELGICIO JOSÉ DA SILVA  
ALAIR DALAN SILVA KAMIMURA  
ALEXANDRA D'ALONSO  
ALINE VITTA RIBEIRO  
ALMIR ROGERIO SOUZA GOMES  
ALZIRA DA SILVA SANCHES  
ANA CARLA SCHMATZ  
ANA PAULA COPPI MACIEL RIBEIRO  
ANDRESSA CORTINHAS LASMAR  
ANGELA NATIVIDADE DA SILVA  
ANGELA MARIA BACAICOA  
APARECIDA ALVES DE SOUZA  
ARLETE PIRES DE ARAUJO  
BENEDITA CONCEIÇÃO DO AMARAL SILVA  
CAMILA MACIEL DA COSTA  
CARMEN LUCIA ROCHA  
CASSIANA TIEMI TEDESCO TAKAGI  
CELME HELENA LIMA RUSSO  
CIRLENE APARECIDA XAVIER DE SOUZA ELIAS  
CLEIDE CARMO CECCO RIGHETTI  
DANIELA DOS SANTOS  
DEISE CAPITANI ADELINO  
DENISE MACHADO MAKHOUL

DULHA FELIZARDO DOJA  
EFIGÊNIA MARIA DE FÁTIMA CAMPACCI  
ELENICE SILVA DE OLIVEIRA  
ELIANA FRANCO DE LIMA  
ELIANE DE OLIVEIRA GONÇALVES FULCO  
ELÍDIA RIBEIRO DE CARVALHO  
ELISA BELMONTE AQUILINO  
ELIZABETH APARECIDA DA LUZ  
ELOISA NEVES DE SOUZA  
FÁTIMA MORALES SANCHES  
FLAVIA MARIA DE OLIVEIRA PETRUCCI  
GILCEIA DE CASTRO ALMEIDA  
GRAZIELA DAS DORES SILVA MIRANDA  
HELENA BISCAIA RIZZO  
HELSINK CRISTINA DE MORAES  
IVY MOREIRA  
IZILDA CARMO DE LIMA  
JANAINA DA SILVA SANTOS  
JOÃO GABRIEL RAFHAELLI  
JOSELIA FERRAZ DO AMARAL  
KATIA FRANCY MOURA SILVA  
LEIA LOBATO RODRIGUES  
LUAN MARCOS DOS SANTOS  
LUCIA DE OLIVEIRA FRANCISCO  
LUCILENE DE JESUS VIEIRA  
MAGALI SOBRAL  
MAGDA APARECIDA MOLINA MUNHOZ  
MANOEL DOS SANTOS FILHO  
MARCELO VERNES ALMEIDA  
MARCIA BERENGUEL DE CASTILHO AGUILAR  
MARCIA PORFIRIO DA SILVA  
MARCOS ANTONIO DOS REIS  
MARGARETH APARECIDA DE ARAUJO  
MARIA APARECIDA DE FREITAS  
MARIA APARECIDA UCHNSKY ALEN PENIN  
MARIA CECILIA COSCIA GRANER  
MARIA DO CARMO NEVES FUZZATI  
MARIA HELENA DA SILVA FERREIRA  
MARIA HELOISA M. ALVIM DE SERRO AZUL  
MARIA JOSÉ ABRÃO  
MARIA LUCIA CAMPOS  
MARIA MARQUES MOREIRA FERNANDES  
MARIA PAULO PUGJISI  
MARIA PEREIRA DIAS  
MARIA ROSA CACIIVILANI DE FREITAS  
MARIANA DE STEFANO  
MARINA GONZALBO CORNIERI  
MARINA MARCIANO FERNANDES

MARISA APARECIDA DO NASCIMENTO  
MARISA MARIA BENHARDO  
MARISA MORUZZI GURGEL BASTOS  
MARLY LUMYKO TAMASHIRO  
MIRIAM SANTOS DA SILVA  
MÔNICA DA COSTA AUGUSTO  
NAARA COSTA DA SILVA  
NATHALINA CONCEIÇÃO A. PAVANELLI DE SANTANA  
NILZA ANA FERREIRA DE OLIVEIRA  
NIVEA FERRO CATAPANI LINS  
OIRAM ANTONINI  
OSVALDO M. S. PISCITELLI  
PAULO ROBERTO RODRIGUES SIMÕES  
RAQUEL ZIMMERMAN  
REGINA HELENA ALVES DE SOUZA  
REINALDO PEREIRA DA SILVA  
RITA DE FÁTIMA GONÇALVES PISNISKI  
ROBERTO DONIZETE JUNS  
RODRIGO SANTOS CAMARGO  
ROSA MARIA BALHESTEROS  
ROSA MAZZA  
ROSANA AGUIAR DIAS  
ROSANA AGUIAR DIAS  
ROSANA DIAS DOS SANTOS DE LIRA  
ROSICLER MARQUES NOVO  
ROSIVÂNIA ANGELO PRATA  
SANDRA REGINA DE OLIVEIRA DA SILVA  
SARAH RODRIGUES AMORIM  
SHIRLEY APARECIDA DINIZ TORO  
SILVANA CASCHERA SALOMÃO  
SÍLVIA DE LACERDA P. MONTEIRO DE MELO  
SIMONE GONÇALVES DA SILVA  
SIMONE GOUVEA ALVES CONCEIÇÃO  
SONIA MARIA SCAPOLAN ITO  
SONIA REGINA PEREIRA  
SUELI DOS SANTOS JUNQUEIRA  
SUELY MIRABELO  
SUSETE GONÇALVES CRITELLI  
TANIA PENHA DA SILVEIRA  
TATIANA DAS GRAÇAS ROCHA  
TERESA CRISTINA DOS SANTOS MARTINS  
TERESINHA SEVERINA COSTA  
THELMA GARBINI  
THIAGO MONTEIRO CARDOSO  
VERA HELENA GOMES DA SILVA  
VIRGILIO ROBERTO WEY  
WADSON ROGÉRIO MENEGILDO  
WALDEREZ ABREU DA SILVA

## (os espaços percorridos pelos educadores – visitas monitoradas)

### **VISITAS MONITORADAS – 2005**

Museu da Imigração Japonesa  
Museu de Arte Sacra  
Museu da Energia  
Associação Cidade Escola Aprendiz  
BOVESPA  
Estação Pinacoteca  
MASP  
Cemitério da Consolação  
Museu da Casa Brasileira

### **VISITAS MONITORADAS – 2006**

Museu da Imigração Japonesa  
Parque da Luz e Pinacoteca  
Museu de Arte Sacra e Pinacoteca  
Museu da Energia  
Conjunto Cultural da Caixa  
MASP  
BOVESPA  
Cemitério da Consolação  
Museu Paulista

### **VISITAS MONITORADAS – 2007**

Centro de Controle Operacional do Metrô  
Departamento do Patrimônio Histórico  
Liceu de Artes e Ofícios  
Batalhão Tobias Aguiar – Polícia Militar  
Associação Cidade Escola Aprendiz  
Museu da Língua Portuguesa  
Acervo Artístico Cultural do Palácio do Governo  
Parque da Luz  
Centro Cultural São Paulo  
Museu de Arte Sacra

### **VISITAS MONITORADAS – 2008**

Galeria Olido, Theatro Municipal e Museu do Theatro Municipal  
Trilha Redescobrimdo o Centro  
LIMPURB  
Memorial do Imigrante  
Parque da Luz  
Biblioteca Monteiro Lobato  
Centro Cultural Banco do Brasil  
Aristocrata Clube  
Museu de Zoologia  
Pinacoteca do Estado

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ruben. *Aprendiz de mim. Um bairro que virou escola*. Campinas: Papirus, 2004.
- ANCONA, Tele Lopez (org.) *De São Paulo. Cinco crônicas de Mário de Andrade. 1920-1921*. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.
- ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de mestres e alunos*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ. *Bairro-Escola passo a passo*. São Paulo, 2007.
- BUENO, Eduardo (org.). *Os nascimentos de São Paulo*. São Paulo: Ediouro, 2004.
- CALVINO, Italo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMPOS, M.; GAMA, L.H. & SACCHETTA, V. (orgs.). *São Paulo: Metrópole em trânsito. Percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- CENPEC. *Cadernos Cenpec n. 1. Educação e Cidade*. São Paulo: Cenpec, 2005.
- CENPEC. *Cadernos Cenpec n. 2. Educação Integral*. São Paulo: Cenpec, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer 1*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIETZSCH, Mary Julia M. Ler a cidade e escrever a cidadania. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, n.120, p. 43-56, jan-mar. 1995.
- DORIA, Og, & PEREZ, M. A. (orgs.) *Educação, CEU e Cidade. Breve história da educação brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GOMEZ-GRANELLE, E. & VILA, I. *A cidade como projeto educativo*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.
- FREITAS, Marcos Cezar. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JOSE, Beatriz Kara. *Políticas culturais e negócios urbanos. A instrumentalização da cultura na revitalização do Centro de São Paulo. 1975-2000*. São Paulo: Editora Annablume/Fapesp, 2007.
- LAROSSA, Jorge. *Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade – Apontamentos. In: TOLEDO, L.; FLORES, M.L.Rodrigues & CONZATTI, M. (orgs.) *Cidade educadora – A experiência de Porto Alegre*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 39-46.
- MUNDURUKU, Daniel. *Crônicas de São Paulo: Um olhar indígena*. São Paulo: Callis, 2004.
- NERUDA, Pablo. *O livro das perguntas*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante. Cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SÁ-CHAVES, Idália. *Portfólios reflexivos – Estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade do Aveiro, 2007.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.
- TOLEDO, Benedito L. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Cosac Naify/Duas Cidades, 2007.
- TONUCCI, Francesco. *La Città dei Bambini*. Roma: Editori Laterza, 1996, p. 5.
- TRILLA, Jaume. *Otras educaciones. Animación sociocultural, formación de adultos e ciudad educativa*. Barcelona: Antrophos, 2003.
- YAGIZI, Eduardo. *Esse estranho amor dos paulistanos. Requalificação urbana, cultura e turismo*. São Paulo: Global, CNPq, 2006.

## SITES

O Centro É uma Sala de Aula

<http://www.centrosaladeaula.websimple.com.br/>

Cidade-Escola Aprendiz.

<http://aprendiz.uol.com.br/>

Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura, e Ação. Cenpec

<http://www.cenpec.org.br>

Prefeitura de São Paulo

<http://www.capital.sp.gov.br/portalpmsp/homec.jsp>

Ministério do Meio Ambiente

<http://www.mma.gov.br>

Ministério da Educação

<http://www.mec.gov.br>

Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE)

<http://www.edcities.org>

